

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

RODRIGO BASTOS

**PARES CONTEMPORÂNEOS: UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA  
CONJUGALIDADE EM CASAIS DE CAMADAS MÉDIAS.**

JUIZ DE FORA

2012

Rodrigo Bastos

**PARES CONTEMPORÂNEOS: UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA  
CONJUGALIDADE EM CASAIS DE CAMADAS MÉDIAS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, área de concentração: Práticas Sociais e Representações Simbólicas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Marcella Beraldo de Oliveira

Juiz de Fora

2012

Rodrigo Bastos

**PARES CONTEMPORÂNEOS: UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA  
CONJUGALIDADE EM CASAIS DE CAMADAS MÉDIAS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, área de concentração: Práticas Sociais e Representações Simbólicas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Aprovada em 31 de outubro de 2012.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Marcella Beraldo de Oliveira (Orientadora)  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Daniela do Carmo Kabengele  
Redefor/USP

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Rogéria Campos de Almeida Dutra  
Universidade Federal de Juiz de Fora

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Prof<sup>ª</sup>. Dra. Marcella Beraldo de Oliveira por me conduzir com compromisso, competência e maestria. Obrigado por, desde o primeiro encontro, acreditar que conseguiríamos desenvolver este trabalho. Agradeço também pela sua atenção, firmeza, pelas indicações precisas das leituras realizadas, pela sobriedade, clareza e objetividade que conduziu cada conversa, cada indicação, cada passo a ser tomado e pela autonomia que me foi dada para realizar cada um desses passos. Foi seguindo suas orientações, prazos e suas exigências, que aprendi o quanto se ganha por ser disciplinado ao desenvolver uma pesquisa. Meu eterno agradecimento a esta pessoa que tanto me fez crescer, centrar, ser mais e melhor.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora pela oportunidade.

A Prof<sup>ª</sup>. Dra. Jurema Gorki Brites pelo acolhimento inicial nesta trajetória.

Prof. Dr. João Dal Poz por todas as orientações e disponibilidade. Ao Francisco Filho pelo apoio constante e pelas boas dicas. A todos os professores, colegas e amigos que mantive contato durante o mestrado.

Aos casais que se disponibilizaram a compartilhar um pouco de suas vidas em prol deste estudo.

Ao amigo Marcelo Mascarenhas por me apresentar o universo acadêmico e por me orientar nos primeiros passos para alcançá-lo. Agradeço a sua sempre presença.

A amiga Aline Nery pelo apoio acadêmico e emocional irrestrito.

A amiga Marcela da Paz por toda disponibilidade desde o primeiro instante que cheguei a esta instituição.

Ao Wallace Faustino pelas orientações imprescindíveis ao meu ingresso nesta instituição.

As amigas Ana Cláudia, Marinéia (Meg), Amanda, Alânia, querido primeiro time de feministas que muitos novos valores me ensinaram. As amig@s do querido segundo time de feministas que formaram um grupo de estudo, apoio e troca de informações e que mostraram o valor de um trabalho em equipe.

Aos amigos Sheila e Fellipe pela constante presença e apoio. Agradeço pelas conversas esclarecedoras, pelas opiniões, pelas críticas, correções e indicações.

A amiga Rosângela Cunha por tudo.

Aos meus familiares que direta ou indiretamente em apoiaram nesta empreitada.

Ao meu pai por me inspirar a gostar dos livros e do conhecimento desde jovem.

A “Lulú” e a “Dri”, agradeço pela presença e peço desculpa pela ausência como irmão e tio.

Ao “Lú”, meu irmão, minha maior fonte de inspiração para que eu sempre faça as coisas da forma correta.

Agradeço à minha mãe Neiri por sempre deixar claro que é possível, a cada instante, alcançar um tanto mais. Agradeço por me mostrar desde criança que a palavra desistir não faz parte de nosso vocabulário.

Principalmente, agradeço a minha esposa Cintia pelo companheirismo de todos os dias, por “embarcar” comigo em todas as minhas aventuras, por tolerar a ausência imposta pelos dias de estudo e pesquisa. Agradeço a minha filha Lívia por lidar, com tão pouca idade, de maneira tão madura com toda ausência do “papai” e todos os finais de semana sem brincadeiras. Agradeço pela força e apoio dessas duas mulheres, principalmente nos dias mais difíceis. Sem suas presenças e colaborações este estudo não teria acontecido.

## RESUMO

Esta dissertação buscou analisar a construção da conjugalidade contemporânea a partir da pesquisa etnográfica com quatro casais de camadas médias, classificados socialmente como casais homossexuais (um par de lésbicas e outro par de gay) e dois casais heterossexuais. A discussão teórica esteve centrada em dois eixos principais: os estudos de gênero e sexualidade; e os estudos de família e parentesco. Foi possível perceber que os pares contemporâneos possuem sua formação e manutenção a partir das afinidades sociais que possuem em comum, cada um de uma maneira que não se relacionava diretamente ao modelo homossexual ou heterossexual. Em outras palavras, o que diferenciava os casais - em uma perspectiva comparativa entre eles - estava menos no tipo/modelo social em que estavam classificados (homo ou hetero), do que na maneira que administravam o seu cotidiano. Verificou-se ainda, que tais casais convivem de maneira mais igualitária, não por uma divisão matemática das tarefas ou das responsabilidades financeiras, mas sim, dos contratos que são gerados de maneira democrática em relação ao funcionamento da parceria entre os membros do casal. Por outro lado, percebe-se ainda a permanência de papéis de gênero definidos na relação conjugal, mas que estão mais ligados à maneira que cada casal estabelece esses papéis do que do modelo homo *versus* hetero.

Palavras-chave: Conjugalidade. Gênero. Pares contemporâneos.

## **ABSTRACT**

This dissertation aims to analyze the construction of contemporary conjugality using ethnographic research with four middle-class couples, socially classified as gay couples (a pair of lesbians and another gay pair) and two heterosexual couples. The theoretical discussion was focused on two main axes: the gender and sexuality studies, and studies of family and kinship. It could be observed that the contemporary couple have their training and maintenance from social affinities that have in common, each one in a way that did not relate directly to the model homosexual or heterosexual. In other words, what differentiated the couples - in a comparative perspective between them - was less in the type / model of society in which they were ranked (homo or hetero), than in the way they manage their daily lives. It was also found that such couples live with more equality, not a mathematical division of labor or financial liabilities, but rather, the contracts that are generated in a democratic manner in relation to the operation of the partnership between the spouses. Moreover, one still observes the persistence of gender roles defined in the marital relationship, but they are more attached to the way each couple sets these roles than the model homo versus hetero.

Key-words: Conjugality. Gender. Contemporary couple.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA</b> .....	<b>12</b>
<b>APRESENTANDO O DEBATE</b> .....	<b>13</b>
<b>QUESTÕES METODOLÓGICAS</b> .....	<b>16</b>
<b>CAPÍTULO I: PARES CONTEMPORÂNEOS – ALGUMAS REFLEXÕES</b> .....	<b>18</b>
1.1. Questões de gênero: a transformação da intimidade .....	18
1.2. Família e parentesco .....	25
1.2.1. Parentesco .....	25
1.2.2. Da família moderna à contemporânea .....	29
1.3. Construções de conjugalidade e da política da monogamia .....	35
1.4. Considerações sobre o capítulo .....	39
<b>CAPÍTULO II: PESQUISA DE CAMPO</b> .....	<b>41</b>
2.1. Sobre a escolha dos casais e a inserção no campo .....	41
2.2. Regras, organização, cumplicidade e uma mulher no comando: o casal Xênia e Fernando .....	46
2.3. Ballet, com sincronia e estética: o casal Manoela e Manoel .....	62
2.4. Um casamento em construção: o casal Maria e Rafaela .....	87
2.5. Risos, alegria e o “alto astral” <i>gay</i> e a sociedade do preconceito: o casal Eliéu e Orlando .....	97
2.6. Algumas considerações sobre a etnografia .....	
<b>CAPÍTULO III: CONJUGALIDADE E MONOGAMIA – A ÓTICA DOS PESQUISADOS</b> .....	<b>111</b>
3.1. Já não se fazem casamentos como os de antigamente! .....	112

3.2. O desejo de se tornar par e o surgimento da “nova família” -----	118
3.3. Sobre fidelidade -----	124
3.4. E aonde entra o amor? -----	127
3.5. Sobre as casas -----	130
3.6. Os hábitos alimentares e sua contribuição na construção da identidade do casal --- -----	136
3.7. Paternidade e Maternidade: a construção do parentesco -----	138
3.8. O casal conjugal: a equidade, a amizade e os laços sociais -----	141
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> -----	152
<b>REFERÊNCIAS</b> -----	157

## INTRODUÇÃO

Este trabalho parte do estudo comparativo entre quatro casais envolvidos em relações heterossexuais, *gays* e lésbicas e pretende contribuir teoricamente para o enriquecimento dos estudos antropológicos que tratam desse tema e que buscam compreender o processo de construção da categoria conjugalidade.

Xênia, 36 anos, comerciante e Fernando, 29 anos, psicólogo, formam o primeiro casal heterossexual relatado. O acesso a eles se deu através de amigos em comum entre mim e Fernando pelo fato de ambos sermos psicólogos. Manoela, 46 anos é professora Doutora de uma universidade particular e Manoel, 50 anos, funcionário da Receita Federal. Também são heterossexuais e moram em Niterói, estado do Rio de Janeiro. Apesar de o primeiro contato ter acontecido na cidade de Juiz de Fora (MG), assim como foi com os outros pares, este casal foi etnografado em visitas que aconteceram posteriormente na própria cidade de Niterói. Seu contato se deu através de uma amiga em comum, a irmã de Manoela. O terceiro par pesquisado compõe-se de Maria que tem 25 anos, cursa enfermagem é comerciante e percussionista, Rafaela tem 24 anos, cursa Educação Física e é *DJ*. Este casal de lésbicas foi indicado por Xênia para compor este estudo. Eliéu, 52 anos, é cabeleireiro, fotógrafo e administra *sites*, *blogs* e redes sociais, Orlando, 25 anos é carpinteiro, fotógrafo e administra *sites*, *blogs* e redes sociais juntamente com Eliéu. Formam o casal *gay* e foram indicados por amigos em comum<sup>1</sup>.

A presente pesquisa se baseia no conceito de conjugalidade utilizado por Heilborn (2004) no qual esta se compreende como uma composição entre díades que se relacionam socialmente e que adotam uma forma conjunta da administração da sua sexualidade. Tal conjugalidade, nas últimas décadas, vem sendo construída a partir de pressupostos como a equidade, a amizade e o amor, num contexto que se afasta da versão anterior de casais que se formavam sobre o prisma das relações heteronormativas<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Os sujeitos desta etnografia foram selecionados dentro da minha rede de sociabilidade e geraram um complexo exercício de concentração, para que pudesse haver um desprendimento da proximidade dos pesquisados, mantendo o estranhamento necessário para a produção de um saber científico. Foram adotados nomes fictícios para cada um dos personagens que aparecem ao longo das idas a campo. Logo de início contextualizo, através de um breve relato, os envolvidos nesta pesquisa, aprofundando, porém os detalhes no próximo capítulo que trará a etnografia propriamente dita.

<sup>2</sup> Cito “os casais que se formam sobre o prisma das relações heteronormativas” referindo-me historicamente às relações de casal, casamentos e família no ocidente e mais especificamente, no Brasil, como constatarei ainda no primeiro capítulo deste trabalho.

A dissertação utiliza-se de uma metodologia qualitativa, baseada na etnografia, envolvendo uma série de idas a campo para observações, entrevistas semiestruturadas e também de uma revisão bibliográfica sobre assuntos relativos à conjugalidade, monogamia e temas afins. Através da pesquisa teórica e de uma etnografia, este estudo busca contribuir com os debates contemporâneos sobre o que significa “ser par” no contexto contemporâneo.

O objetivo principal é o de descrever e interpretar os significados na atualidade das relações conjugais em pares monogâmicos (heterossexuais, *gays* e lésbicos) das camadas médias e num contexto mais específico, estudar os eixos fundamentais que embasam esta construção de conjugalidade. Para isso e sem perder o foco central da pesquisa, estarei atento sobre a representação da família nos casais pesquisados e os papéis familiares, além das noções de maternidade/paternidade, ciclos de amizade, sociabilidade e profissão para esses casais.

O termo camadas médias, utilizado neste trabalho, busca traduzir determinados estilos de vida social e de certos pressupostos comuns aos pares etnografados. Heilborn (2004), sugere a dificuldade em demarcar tais espaços já que são constituídos de fronteiras simbólicas porém afirma haver um certo consenso no Brasil em adotar tal terminologia pois dá início a uma demarcação que pode ser trabalhada e melhor elaborada no cunhar do estudo a ser realizado.

Algumas hipóteses levantadas para as questões acima se iniciam com a observação de que os casais estão gerando novos significados para o conceito de conjugalidade baseando-se numa relação de maior simetria, principalmente no que diz respeito às atribuições domésticas. Outra questão é a atenuação das fronteiras entre o masculino e o feminino aonde os papéis já não mais se definem por uma rigidez de atribuições que até então eram historicamente pertinentes a um ou a outro. Percebe-se, sob um primeiro olhar, que são os papéis familiares que possuem um maior peso na dinâmica familiar e não, a definição do sexo daquele que age como ator deste papel.

Tais transformações, que estão a todo instante acontecendo entre os casais, repercutem na sociedade e nas leis que a regem. Judith Butler, ilustra esta questão ao citar, por exemplo, uma relação homoafetiva e os prejuízos ocasionados a esta devido à rigidez das leis do Estado em relação à concepção de casal e de família:

Esse tipo de “desrealização” certamente provoca conseqüências que vão mais longe do que ferir o sentimento de alguém ou do que ofender um grupo de pessoas. Isso significa que ao chegar para visitar seu amante no hospital, o acesso lhe é negado. Isso significa que quando seu amante entra em coma, você

não pode assumir certos direitos executórios. Isso significa que quando seu amante morre, você não pode ser aquele que recebe o corpo. Isso significa que se a criança é deixada com o pai ou mãe não-biológico/a, esse/essa pode não ser capaz de contrapor-se às reivindicações de parentes biológicos na corte e que se perde a custódia e até mesmo o direito de visita. (BUTLER, 2003a, p. 238)

O foco deste estudo baseia-se, portanto na observação dessas três unidades conjugais<sup>3</sup>: heterossexuais, *gays* e lésbicas.

### **Construção do objeto de pesquisa**

Para dar início ao processo que acendeu o desejo por trabalhar a temática proposta nesta pesquisa, cabe dizer que as questões enunciadas aqui resultam das experiências vividas por mim, num primeiro instante, dentro do meu consultório de psicologia, este, um vasto laboratório de relatos de casais com suas angústias, problemas e sonhos; e, num segundo instante, dentro de um grupo de estudos sobre gênero que participei na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) já com um olhar pelo viés antropológico. Do olhar diferente do psicólogo sobre as questões sociais desses casais até o rompimento da barreira do “eu” para o “outros” quebraram-se muitos paradigmas e alguns novos surgiram. Mudou-se a visão psicanalisada e redutora de um “Édipo” que adoecia e marginalizava os *gays*, lésbicas e travestis, alterou-se o foco do olhar sobre o indivíduo para um olhar que abrangesse de forma menos egóica os fatos sociais e então, eis que surge o interesse pela compreensão da visão antropológica de amor, relacionamento e monogamia, que deram abertura a um universo de novas possibilidades que poderiam somar saberes.

Porém, adquirir novos conhecimentos nem sempre se dá de forma tranquila. As quebras de paradigmas, que muitas vezes estão engessados pelo passar dos anos mergulhados em um determinado foco de estudo, aqui em questão, a psicologia e seu grande enfoque no indivíduo, se tornam processos angustiantes. Tais quebras paradigmáticas promovem, portanto o nascer de possibilidades e visões que começam a dar conta de dimensões bem mais ampliadas da sociedade e que minha profissão já não mais me satisfazia em suas repostas. A primazia do “eu” e sua

---

<sup>3</sup> Unidade conjugal – terminologia utilizada neste trabalho adotada a partir do livro “Dois é Par: conjugalidade, gênero e identidade sexual em contexto igualitário” de Maria Luiza Heilborn (2004).

questionável idéia de que o indivíduo é o sujeito que determina o comportamento da sociedade se desmonta, logo de início, ainda em meus primeiros estudos “durkheimianos” (DURKHEIM, 2003).

Vale ressaltar, porém, que ao tecer críticas ao modelo da psicologia em construir teorias sobre o indivíduo e sociedade, não proponho aqui um rompimento com a disciplina. A mesma tem proposto, principalmente nas duas últimas décadas, grandes estudos e avanços significativos no trato e na sua inserção nos trabalhos sociais além de reconhecer a necessidade de voltar o olhar para o social e de se abrir a críticas e a reformulações em seu quadro teórico. Seria utilizar-se de um senso comum dizer que a disciplina se ocupa única e exclusivamente dos estudos dos indivíduos e só. Meu objetivo é estudar as construções de conjugalidade sob a ótica antropológica, buscando me afastar de terminologias psicológicas, mas compreendendo que existe uma parceria inevitável durante este percurso etnográfico devido ao fato óbvio dos dois saberes estarem presentes em mim.

Instigado por observar antropologicamente a vida a dois, percebo como se torna relevante realizar um estudo entre os casais na atualidade. Obviamente existe uma série de trabalhos sobre o tema, mas analisar novos dados a partir de uma perspectiva etnográfica com base na bibliografia existente, é uma forma de enriquecer a discussão sobre a evolução, o crescimento e a compreensão do mapa social desses pares.

### **Apresentando o debate**

Dentre as questões debatidas atualmente sobre conjugalidade e monogamia, pode-se destacar, por exemplo, a atenção que tem sido investida na questão referente ao Estado em relação aos pares homoafetivos e todas as suas reivindicações por reconhecimento. Por exemplo, podemos citar a recente aprovação da Lei - PLS 612/2011<sup>4</sup> - de autoria da Senadora Marta Suplicy, que permite uma união estável de casais do mesmo sexo.

---

<sup>4</sup> *Altera a redação do art. 1.723 da Lei nº 10.406/02 (Código Civil) para reconhecer como entidade familiar a união estável entre duas pessoas, configurada na convivência pública, contínua e duradoura e estabelecida com o objetivo de constituição de família; altera a redação do art. 1.726 da referida Lei para prever que a união estável poderá converter-se em casamento, mediante requerimento formulado dos companheiros ao oficial do Registro Civil, no qual declarem que não têm impedimentos para casar e indiquem o regime de bens que passam a adotar, dispensada a celebração, produzindo efeitos a partir da data do registro do casamento.*(BRASIL, 2012)

O Código Civil brasileiro poderá passar a reconhecer a legalidade da união estável entre casais homossexuais. A Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa (CDH) aprovou, nesta quinta-feira (24), projeto de lei (PLS 612/2011) da senadora Marta Suplicy (PT-SP) que define como entidade familiar “a união estável entre duas pessoas, configurada na convivência pública, contínua e duradoura e estabelecida com o objetivo de constituição de família”. (BRASIL, 2012)

Os casais heterossexuais também se encontram em pleno processo de renegociação do que seriam os novos papéis dentro da vida a dois. Para ambos os casos, os estudos parecem revelar a cada instante o desenvolvimento de um contexto de maior igualdade entre si.

Cito aqui, como uma das fontes desta pesquisa, a tese de doutorado de Maria Luiza Heilborn do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional defendida em 1992 e transformada no livro “Dois é Par: conjugalidade, gênero e identidade sexual em contexto igualitário”, que versa sobre uma diversidade de assuntos referente aos pares da nossa atualidade.

Partindo de uma análise das questões relativas às mudanças de comportamento dos gêneros, Heilborn (2004) verificou que tanto nos casais *gays* quanto em heterossexuais, pode-se notar uma maior inserção, por parte dos homens no plano doméstico, admitindo-se uma feminização deste sujeito havendo, portanto um encurtamento entre as distâncias entre o masculino e o feminino. Para a autora, o “casal moderno”, principalmente o casal heterossexual, se parece cada vez mais com o modelo de casal de mulheres, visto que elas possuem seus pares convivendo num melhor equacionamento das igualdades. Já o casal de *gays* tem procurado por um padrão heterossexual na forma de se relacionar, pois adotam o modelo ativo/passivo para o convívio. Quanto às mulheres, que se relacionam num nível mais acentuado de igualdade, percebe-se que este modelo igualitário parece interferir no sentido de desacentuar a erotização do casal. Sobre essas observações de Heilborn, creio que uma etnografia quase duas décadas após apresentação de sua tese poderia ajudar a identificar mudanças e o que ainda prevalece como realidade entre os casais contemporâneos.

Um dos grandes problemas para se discutir relações de casais versa pelas questões relativas à liberdade e igualdade<sup>5</sup>, principalmente no sentido da existência de uma não aceitação do reconhecimento em diversas situações sociais, dos casais homoafetivos. Piscitelli (1996) cita a necessidade da desnaturalização de idéias dicotômicas e universais que engessam a família

---

<sup>5</sup> Liberdade e igualdade - segundo Dumont: a “chave dos nossos valores” (1992, p. 52).

heterossexual como “padrão”, reproduzindo e reificando a hierarquia entre os papéis familiares estabelecidos. A autora cita ícones da discussão feminista contemporânea<sup>6</sup> como, Rubin, Yanagisako, Strathern, Collier e Rosaldo em suas lutas para desnaturalizar conceitos relacionados às polaridades macho e fêmea no qual o parentesco é baseado na biologia humana e em diferenças naturais. Dutra (2007) cita, por exemplo, que em muitos casos, o “modelo de família” usado pelos etnógrafos como base para suas comparações é o da “família conjugal”.

Envolto numa aura de naturalidade e sacralidade, fundamentado na presença dos filhos, este modelo familiar apresenta-se como se sempre existisse, moldado a partir de representações sobre o direito natural e valores universais. (DUTRA, 2007, p. 122)

Fonseca (2005) critica o modelo rígido de conceituação de família e argumenta que os Estado é um dos grandes formadores de tal conceito, pois enxerga a família de maneira engessada, sendo esta, observada como uma “unidade residencial” desprezando a sua forma fluida. Portanto a família se constituiria a partir de um endereço “fixo e imutável”. A autora, referindo-se ao Estado, cita que “a imagem estática da unidade doméstica decorre da técnica demográfica do questionário aplicado uma só vez por família, ação que obscurece um aspecto fundamental na organização do grupo doméstico: sua fluidez.” (p. 02)

Bourdieu (1996) cita que ao se promover a construção de um conceito, aqui em questão o conceito de família, há por trás desta obra um criador: o Estado. Este se utilizando de teorias vinculadas entre fatores econômicos e sociais beneficiam um determinado tipo de formação familiar, criando estratégias de conformidade que são impostas e absorvidas pela maioria das pessoas.

Mathiel (2004) nos revela que para a sociedade ocidental a “heterossexualidade apresenta-se como expressão fixa, enraizando-se na natureza. Logicamente a homocorporalidade é uma anomalia que se inscreve no domínio natural” (*apud* HEILBORN, 2004, p. 46).

Por isso, atitudes como os casamentos gays são vistos como um problema já que interferem na tradição heterossexual e nas questões legais do Estado (BUTLER, 2003a), porém, se o Estado reconhece o casamento entre um homem e uma mulher e o fato desta legitimação vir

---

<sup>6</sup> Questões referentes a “gênero” serão tratadas mais à frente não cabendo, neste instante, um maior aprofundamento no assunto.

acompanhada de ganhos e direitos, o que impede que casais homoafetivos se casem e sejam reconhecidos adquirindo os mesmos direitos?<sup>7</sup>. Dutra (2007) cita que a família tem o olhar atento do Estado sobre sua existência tornando-se um grande gerenciador da mesma.

Outra questão que se encontra presente nas diversas fontes pesquisadas para este trabalho, e por este motivo torna-se essencial discorrer sobre o assunto, é a relativa ao amor<sup>8</sup>. Perante os arranjos conjugais estudados aqui e seus problemas relacionados à modernidade, ainda sobrevive hoje um espaço para fundamentar a existência do casal através do amor.

Então, para sintetizar o debate que pretende ser desenvolvido nessa dissertação, cabe salientar que este trabalho versa sobre as representações e usos da construção da conjugalidade para a organização da vida dos casais contemporâneos pesquisados. Contribui para as construções teóricas dos novos e sempre mutantes conceitos de família. Analisa as relações de gênero na atualidade observando e analisando as mudanças e construções de “pares amorosos”. Versa também sobre a busca de indivíduos e grupos por liberdade e igualdade e lança um olhar sobre o controle que o Estado mantém em determinadas situações sociais gerando disparidades nem sempre simples de serem compreendidas. Um exemplo disso pode ser observado através da luta dos casais *gays* pelo reconhecimento do casamento homossexual como mencionado anteriormente, pelo fato deste não reconhecimento, tais pessoas deixam de ter benefícios que são, pelo Estado, garantidos a uniões heterossexuais.

Lembrando Sahlins (2003), existe na nossa sociedade, a moeda do amor, da política e do sexo, sendo, portanto prescrito como cada um desses termos devem “ser”. Observar comportamentos, verificar mudanças, questionar desigualdades são as metas do estudo aqui proposto.

## QUESTÕES METODOLÓGICAS

---

<sup>7</sup> Algumas das respostas encontram-se no próprio texto de Judith Butler (2003) e versam sobre as questões relativas à geração, criação e efeitos psicológicos nas crianças. Por exemplo, a questão edipiana e toda a gama de “conseqüências” que ocorrem com meninos e meninas criados fora do “padrão” heterossexual aceito.

<sup>8</sup> A temática do “amor” será tratada aqui sem que este se torne o foco do atual trabalho, pois para isto, teríamos que ampliar profundamente o recorte delineado para o mesmo, devido à amplitude do tema e a vasta literatura existente. Ainda que a temática nos instigue e que cada assunto acabe por “puxar” por um outro, sintetizarei o tema “amor” que será aqui, discutido como um complemento para um melhor entendimento das nossas discussões, devido ao fato de aparecer freqüentemente no material consultado e nas entrevistas.

Para esta dissertação, dois procedimentos metodológicos foram considerados, a saber: revisão bibliográfica e etnografia com quatro pares de casais contemporâneos.

Sobre o método de pesquisa aqui apresentado, optei por uma etnografia, devido ao fato de se tratar de uma abordagem qualitativa de análise que propicia que as idéias sejam relativizadas buscando combater, portanto a universalização das mesmas (DEBERT, 1986). Ainda segundo Debert, caberá ao entrevistador traduzir as partes que podem ser, num primeiro instante, incompreendidas, gerando sentido e conexão no que é dito.

Heilborn cita que o método etnográfico “busca a trajetória existencial do interrogado, o que, em grande parte, cumpre a função de preencher lacunas deixadas pela ausência de uma observação mais sistemática” (2004, p. 73). Moreira (1953) acrescenta que o etnógrafo deve traçar uma meta para que não perca o controle e o objetivo pelo qual iniciou a pesquisa, para isto, torna-se necessário uma análise prévia do perfil dos entrevistados.

Cabe aqui ainda ressaltar o lastro que a história oral e a análise do discurso possuem neste trabalho como componentes constitutivos do mesmo.

De acordo com Víctora, Knauth e Hassen (2000), o papel do pesquisador será o de compreender e procurar o sentido dos fenômenos buscando interpretá-los – interpretar no sentido de conhecer – e não simplesmente constatar sua existência. A realidade deve ser entendida como uma construção social na qual o fato concreto – o namoro, por exemplo – só existe a partir da ordem simbólica, ou seja, só existe se em determinada sociedade este fato for passível de ser pensado como tal. Entretanto, é preciso ter uma concepção geral dessa realidade para que se possa recortá-la e propor, assim, uma forma de entendê-la. Para atingir tal objetivo, é necessário que se tenha um caminho metodológico para percorrer.

Conforme Víctora, Knauth e Hassen (2000), a metodologia é muito mais que um conjunto de técnicas de pesquisa já que o mundo real não se apresenta como uma totalidade, mas como um recorte que fazemos dela. Recorte concebido do ponto de vista de onde estamos e dos pressupostos que trazemos conosco. Por isso, no caso de pesquisar uma realidade, além do ponto de vista e dos pressupostos, é necessário todo um instrumental que possibilite a pesquisa.

Uma série de autores (BARROS, 2009; CARDOSO DE OLIVEIRA, 1996; DA MATTA, 1978, 1983; DEBERT, 1986; DURHAM, 2004; GEERTZ, 2008; MOREIRA, 1953; VELHO, 2006) foram utilizados por mim como forma de aprendizado e para fortalecer minha ida a campo

como um novato que chega à tribo para suas primeiras incursões, os mesmos foram de suma importância em contribuir para disciplinar-me como etnógrafo.

## CAPÍTULO I

### PARES CONTEMPORÂNEOS: ALGUMAS REFLEXÕES

Nesse capítulo pretendo inserir a pesquisa nos debates atuais nas ciências sociais em torno de três eixos principais de discussões teóricas: os estudos de gênero e sexualidade; definições entre família e parentesco e as construções de conjugalidade e monogamia.

#### 1.1. Questões de gênero: a transformação da intimidade

...as mulheres comuns, que tratam de suas vidas cotidianas, e também os grupos conscientemente feministas - foram pioneiras em mudanças de grande e ampla importância. (GIDDENS, 1993, p. 10)

Apesar dos avanços realizados no sentido de considerar a violência de gênero de interesse público e da sociedade, reconhecer as mulheres como sujeito de direitos requer a transposição de alguns limites. (BERALDO DE OLIVEIRA, 2008, P.46)

Neste trabalho, conforme o próprio título nos diz, estamos falando de pares, portanto, entre outros temas: de relacionamento humano, de sociedade, de amor e de sexo. Para se falar desses pares, precisamos compreender hoje que existe uma adversidade sexual que não cabe mais ser vista como binária, ou seja, dentro do domínio do estudo de gênero, olhá-lo sob uma perspectiva dual do homem e da mulher, seria limitar e excluir todas as outras possibilidades de “ser”. Porém, toda esta discussão que nos é oferecida nos dias atuais, teve como marco inicial as lutas das mulheres por uma paridade com os homens dentro de uma histórica sociedade cunhada sob o crivo da subordinação feminina. E é exatamente neste contexto que Anthony Giddens, em seu livro “*A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*”, cita da importância das mulheres e de todo o movimento feminista em reescrever a história da relação dos gêneros em diversos âmbitos do cotidiano social. Parafraseando Giddens, no subcapítulo que abre este capítulo introdutório, pretendo aqui desenvolver um pouco da trajetória da evolução desta relação e ilustrar que todo o crescimento, evolução, paridade e conquistas, ou seja, as mudanças ocorridas nas relações que culminaram no casal contemporâneo,

estão intimamente ligadas às transformações das relações de gênero, tendo como ator social primordial para essas mudanças a mulher<sup>9</sup>.

No início do século XX, Sigmund Freud, criador da psicanálise influenciou de forma contundente todo o mundo ocidental com suas teorias sobre o universo feminino, sendo portanto, claramente, um dos maiores propagadores da ideologia da subordinação feminina, pois segundo Freud, haveriam questões psicobiológicas que justificariam a inferioridade ao qual a mulher se lançava perante sua existência no mundo:

Assim, atribuímos à feminilidade maior quantidade de narcisismo, que também afeta a escolha objetual da mulher, de modo que, para ela, ser amada é uma necessidade mais forte que amar. A inveja do pênis tem em parte, como efeito, também a vaidade física das mulheres, de vez que elas não podem fugir à necessidade de valorizar seus encantos, do modo mais evidente, como uma tardia compensação por sua inferioridade sexual original. A vergonha, considerada uma característica feminina *par excellence*, contudo, mais do que se poderia supor, sendo uma questão de convenção, tem, assim acreditamos, como finalidade a ocultação da deficiência genital. (FREUD, 1976, P. 162)

Tais palavras, faladas e repetidas inúmeras vezes por Freud e seus contemporâneos, ganharam uma característica de “verdade” universal. Porém, a partir dos movimentos feministas, elas são duramente questionadas e rebatidas.

---

<sup>9</sup> Discutir gênero é entrar em território complexo e lidar com o fato de que nossos anfitriões teóricos são, em sua maioria, mulheres. Como disse na introdução deste trabalho, no caminho percorrido entre a desconstrução do psicólogo que eu era, para o antropólogo que estou me tornando, envolvi-me na Universidade Federal de Juiz de Fora, com a disciplina de gênero oferecida pela instituição. Logo na minha chegada à sala de aula vi-me cercado por algumas dezenas de “senhoritas” e “eu”, o único homem, “- que medo!!!”, “- o que é que eu estou fazendo aqui?”. Hoje compreendo, um pouco mais experiente, que aquela foi minha primeira ida a campo, repleta de insegurança, medo e felicidade, pela oportunidade de poder estar ali, lidando com uma teoria que revolucionaria minha maneira de pensar a sociedade, além de reformular meus conceitos e minha forma de ser. Penso que seja importante esta descrição pois, principalmente nós, os homens, somos formatados desde crianças a sermos os dominantes e os poderosos nas relações entre os sexos. Somos os mais fortes, mais aptos, mais resistentes, mais, mais e mais. Em minha primeira aula com este grupo, ao término da mesma, ofereci a uma das minhas colegas para carregar os seus livros, afinal de contas eram pesados. Tomei ali a primeira lição quando escutei: “- Você acha que não sou capaz de carregar meus próprios livros só porque são pesados?”. Fui literalmente “com a cara no chão”, “- que raiva!”, “- ô gente esquisita!”. Mas foi assim que compreendi o que muitas das minhas “gentilezas” estavam querendo significar. Compreendi com esta e com as várias outras lições (que tomo até hoje e também me deixam “com a cara no chão”), que a intenção, de muitos dos meus atos, passavam por ensinamentos de ordem machista e tinham como pano de fundo as atitudes que tentam manter viva a ordem social de uma subordinação feminina. Portanto, essas “subversivas” colegas, professoras e minha orientadora, e também, todas as escritoras teóricas do gênero, colaboraram e colaboram, a cada instante, para o ser humano, o psicólogo e o antropólogo que me propus a ser. E quanto a carregar mochilas, montar o som de um seminário, arrumar uma mesa de café para receber professores convidados, não mais ofendem a ninguém, pois o faço como parceiro. Ninguém maior, ninguém menor, somente parceiros.

Uma grande questionadora e rebatedora desses “conceitos universais freudianos” foi Margaret Mead (1988) pois contribuiu para gerar a base do início desta discussão através de seus estudos realizados em Nova Guiné aonde pode observar que, em diferentes sociedades e culturas, são as construções sociais e culturais, e não os fatores biológicos, que formam o “temperamento” de cada sexo. Em cada cultura, portanto, existem maneiras de se construir o que é ser homem e o que é ser mulher, porém, a subjetividade desta construção, procurou, historicamente, fazer prevalecê-la como um fato “natural” (biológica).

Buscando gerar uma seqüência histórica iniciada por Mead, continuo abaixo, com um pouco da trajetória deste percurso que é retomado a partir da década de 1960, com o “(re)surgimento do movimento feminista” (HEILBORN, 2004, p. 19; FONSECA, 1995b). Tal movimento se recompõe na sua militância e reforçado em estudos como o “*woman’s studies*”. Tais trabalhos prezam por trazer o reconhecimento histórico da presença da mulher durante os séculos no ocidente analisando o percurso do movimento de subordinação feminina e da dominação masculina (SCOTT 1995). Um dos estudos mais conhecidos da época é a coletânea de artigos denominada “*A Mulher, a cultura e a sociedade*” sob a coordenação de Michelle Rosaldo e Louise Lamphere (1979). Em tais estudos, o pressuposto era o de que em todas as sociedades reconhecidas, a mulher era sempre subordinada ao homem.

Uma das ativistas desse movimento, Sherry Ortner (1979), em seu artigo “*Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?*”, propõe uma análise daquilo que considera “o status secundário feminino”, avaliando os critérios culturais que fomentam tal ideologia, e avalia o grande “poder” de persuasão que esta lógica possui. Para isto a autora procura compreender aquilo que considera primordial para o início da discussão que é o fato da “universalidade da subordinação feminina” (p. 95). Tal desvalorização está presente em algum nível, em cada sociedade conhecida e estas, implantam ideologias em suas culturas colocando a mulher em um patamar de inferioridade em relação aos homens. Compreende-se que as diferenças biológicas entre homens e mulheres não tem a capacidade de qualificar os sexos como inferiores e superiores, sendo, portanto, os valores culturais que criam tais diferenças (ORTNER, 1979; ROSALDO, 1995).

Moore (1997) cita que a própria biologia contemporânea, tratou de desmistificar a idéia de que esta é fator que determina os comportamentos humanos como o de, por exemplo, associar os hormônios masculinos com a atitude de ser agressivo. Segundo Moore, “a pesquisa

contemporânea em biologia rejeita explicitamente esta opinião, argumentado ao contrário, que a biologia é um componente dinâmico da nossa existência e não um determinante de mão única” (p. 814)<sup>10</sup>.

Um outro ponto de destaque no artigo de Ortner (1979) é a discussão entre natureza e cultura, na qual a mulher por conta de ideologia implantada “parece” estar mais próxima à natureza. A autora justifica que tal impressão se dá devido a fatores como: a biologia feminina da procriação (como sendo função específica somente das mulheres); o fato de se crer numa “psicologia feminina” com diversos estereótipos criados; a maternidade e tudo o que envolve este processo (amamentação, dependência do bebê, etc.), gerando um confinamento da mulher no lar e a tirando-a do movimento social. Tais condições geram implicações que criam, além do conflito natureza/cultura, outra problemática: a questão da mulher e do lugar que ocupa entre o público e o doméstico, sendo o segundo, socialmente “percebido” como o território feminino.

Sobre as questões da subordinação feminina e da sua desvalorização social utilizo-me da citação de Ortner que sintetiza bem esta temática:

Em outras palavras, o corpo feminino parece condená-la a mera reprodução de vida; o homem, em contraste, não tendo funções naturais de criação deve (ou tem a oportunidade de) basear sua criatividade externamente “artificialmente” por meios de símbolos e tecnologia. Assim agindo, ele cria objetos relativamente duradouros, eternos e transcendentais, enquanto a mulher cria seres perecíveis - os seres humanos. (ORTNER, 1979, P. 104)

Segundo Rubin (1986), para se chegar a uma sociedade sem hierarquia de gêneros, faz-se necessário compreender as bases dessa opressão. Rosaldo (1995) complementa que não se trata de rejeitar a idéia de que os fatores biológicos femininos não são significantes e não marcam a trajetória das mulheres, porém esses elementos não são suficientes para justificar a subordinação da mulher na sociedade e nem explicam a relação que se dá de maneira desigual entre os domínios do doméstico e do público.

Rosaldo e Lamphere (1979) ilustram este discurso trazendo aquilo que chamam de fatos “surpreendentes”, como a questão de que “as atividades masculinas, opostas às femininas, sejam sempre reconhecidas como predominantemente importantes e os sistemas culturais dêem poder e valor aos papéis e atividades dos homens” (p. 35). Ou ainda, a crítica de que uma grande gama de

---

<sup>10</sup> *Contemporary research in biology explicitly rejects this view, arguing instead that biology is a dynamic component of our existence and not a one-way determinant.*

cientistas sociais endossa esta “autoridade masculina” reconhecendo que o poder quando advindo das mulheres é “manipulativo, demolidor, ilegítimo ou desimportante” (p. 38).

Para ambas as autoras as questões que direcionaram as mulheres para uma orientação ao “doméstico” e as que direcionaram os homens para uma orientação para o “público” podem ser o cerne da teoria para o entendimento dessas desigualdades e que as mulheres, “adquirem um poder e um sentido de valor quando são capazes de transcender os limites domésticos, tanto penetrando no mundo masculino como criando uma sociedade entre elas mesmas” (p. 59).

Beraldo de Oliveira e Debert (2007), em seu estudo intitulado “*Os modelos conciliatórios de solução dos conflitos e a “violência doméstica”*”, ilustram a questão da “hierarquia de gênero e os preconceitos” contra a mulher através da fala de um Juiz entrevistado que cita: “eles [o casal] é que devem resolver o problema deles. Só deveriam recorrer [à justiça] se fosse caso de lesão grave” (p. 329). Para as autoras, atitudes como esta são a prova de uma “invisibilidade” na questão da violência contra a mulher.

Em torno do discurso entre o privado e o público, o doméstico e o social, o homem e a mulher, aonde percebe-se tratar-se tais temáticas de claras construções sociais, as feministas partem para as afirmativas que construíram historicamente o conceito de gênero.

“Não se nasce mulher, torna-se mulher”. (BEAUVOIR, 1980)

Por gênero, Heilborn (1994; 2004), compreende uma construção social que é formadora da identidade dos seres humanos. Discorre que tal conceito é cunhado sob a ótica de uma “escolha cultural”, aonde se reconhece a existência da biologia do “macho” e da “fêmea” como espécie, mas que o “ser homem” ou o “ser mulher” são condições adquiridas dentro de um contexto cultural e não mais sobre um biologicismo que tenta explicar que diferenças entre o masculino e o feminino como de ordem natural (biológica).

Numa visão ampliada do conceito de gênero, Joan Scott<sup>11</sup> trata-o como “o discurso da diferença dos sexos. Ele não se refere apenas às idéias, mas também às instituições, às estruturas, às práticas quotidianas, como também aos rituais e a tudo que constitui as relações sociais”. Para Scott, “o gênero é a organização social da diferença sexual” e cita ainda que “ele não reflete a

---

<sup>11</sup> Em entrevista às antropólogas Miriam Grossi, Maria Luiza Heilborn e Carmen Rial que se tornou posteriormente o artigo intitulado “Entrevista com Joan Wallach Scott. In Revista Estudos Feministas, Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ, VOL6. N.1/98, pp. 114- 124.

realidade biológica primeira, mas ele constrói o sentido dessa realidade (GROSSI, HEILBORN, RIAL, 1998, p. 115). Trata-se portanto de “uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” e é utilizado para separar a “prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens” (SCOTT, 1995, p. 75).

No que diz respeito ao debate contemporâneo de gênero, Butler (2003b), em seu livro “*Problemas de Gênero – Feminismo e subversão da identidade*”, questiona se este se trata de um atributo que se tem, conforme muitos crêem que seja, ou se ele se trata de um “atributo essencial do que se diz que a pessoa é, como implica a pergunta “Qual é o seu gênero?””(p. 26). Questiona o fato de que se o gênero é construído culturalmente, não existe portanto garantias que a sua construção no que diz respeito à mulher tenha que advir de uma fêmea necessariamente e por este fato, não se poderia discorrer sobre sexo à partir de questões anatômicas. Butler porém, possui a preocupação de não simplificar o conceito de gênero como, constituído de uma construção cultural. Para isto cita que:

Declarar que o gênero é construído não é afirmar sua ilusão ou artificialidade, em que se compreende que esses termos residam no interior de um binário que contrapõe como opostos o “real” e o “autêntico”. Como genealogia da ontologia do gênero, a presente investigação busca compreender a produção discursiva da plausibilidade dessa relação binária, e sugerir que certas configurações culturais do gênero assumem o lugar do “real” e consolidam e incrementam sua hegemonia por meio de uma autonaturalização apta e bem sucedida. (BUTLER, 2003b, p. 58)

A autora, ainda questiona a “heterossexualidade compulsória e o falocentrismo” em nossa sociedade. Esta ideologia é formada através de conceitos distorcidos e visões preconceituosas e restritas, pois leva em conta somente o enfoque de um único grupo dominante. Questiona autores, como por exemplo, Freud, Lacan e seus contemporâneos, e em sua teoria, possui uma bem estruturada crítica aos modelos “masculinos e heterossexualizados” produzidos por estes psicanalistas que escreveram de maneira unilinear, e como verdades “universais”, suas “versões” sobre o significado do que é ser homem e do que é ser mulher e sobre toda a temática que justifica e coloca esta mulher num estado de subjugação e inferioridade. A autora busca “girar” o ponto de vista ideológico dos mesmos, pois estes são predominantes em nossa sociedade, e questiona que todo o constructo teórico desses autores está distorcido devido ao olhar masculinizado sobre essas temáticas. Numa passagem, aonde a autora após discorrer sobre a

construção psicanalítica de Lacan sobre os “porquês” da subordinação feminina na história, cita, propondo uma inversão na ordem lacaniana, o seguinte questionamento:

Se Lacan presume que a homossexualidade feminina advém de uma heterossexualidade desapontada, como se diz mostrar a observação, não poderia ser igualmente claro para o observador que a heterossexualidade provém de uma homossexualidade desapontada? (p. 81)

E assim, invertendo a ordem lógica do pensamento em vigor, cria novas possibilidades, questiona as relações binárias, busca desassociar o feminismo à noção de fragilidade, criticando as “categorias de identidade que as estruturas jurídicas contemporâneas engendram, naturalizam e imobilizam” (p. 22).

Butler, trás consigo um discurso, acima de tudo político. Tem em sua visão algo amplo, maior do que buscar a defesa de um gênero. Nos faz compreender que sexo e gênero são construídos socialmente, e que o fato, por exemplo de “se tornar mulher”, poderá vir de alguém que necessariamente não seja uma fêmea.

A autora briga contra categorias dicotomizadas e fechadas e, acredita que tais categorias devem ser abertas, pois estão sempre em construção e reformulação, além disso, todas devem ser respeitadas e terem acesso aos mesmos direitos.

Portanto, fica mais claro a cada instante em nossa sociedade, que as discussões de gênero, não devem ser debatidas de maneira tão radicalmente polarizada como nos conceitos natureza/cultura, macho/fêmea, doméstico/público. Uma visão mais abrangente, holística e aberta a incorporar as novas estruturas, parece ser mais adequada para se discutir casais e suas relações na contemporaneidade.

Portanto, não se trata somente de afirmar que os gêneros possuem conteúdos contrastivos e complementares. Além de distintiva, a lógica interna ao domínio do gênero é hierárquica, fazendo com que os vetores simbólicos relacionados qualifiquem-se pelas propriedades de englobante e englobado. (HEILBORN, 2004, p. 40)

Moore (1997) cita que as questões de gênero se encontram sempre presentes em qualquer tipo de mudanças que ocorrem na sociedade e este, por se tratar de um assunto de extrema

importância e presença social, se envolve diretamente nos conflitos e relações do cotidiano das pessoas.

Os pares pesquisados neste trabalho estão imbricados em suas relações de gênero, que por si só, já se trata de um conceito relacional. Tomando esse marcador como foco da pesquisa, interessa assim entender como opera a construção da diferença de gênero nesses casais pesquisados e, em que medida, há também a construção da hierarquia nessa relação.

## **1.2. Família e parentesco**

### **1.2.1. Parentesco**

Entro agora no segundo eixo de discussão sobre o qual essa pesquisa pretende abordar. Passo abaixo a trabalhar com a conceitualização de família e parentesco e suas relações.

Rogéria Dutra (2007) cita que a antropologia em seu trajeto de evolução teórica, percebe a importância do estudo do parentesco como forma de se compreender o “mundo natural e suas leis” (p. 110). A autora cita que a temática do parentesco entra definitivamente em discussão na antropologia através de autores como Lewis Morgan<sup>12</sup> e seus contemporâneos Maine e McLennam.

Para Dutra, o que a sociologia desenvolvia como estudo do parentesco estava “excessivamente vinculado a preocupações com terminologias”. Segundo a análise da autora, Malinowski seria um dos teóricos que procurariam acabar com esta tradição sugerindo que o ponto central deste estudo não estaria na “memorização de longas listas de palavras nativas, diagramas complicados e fórmulas”, mas sim na temática do estudo da “vida familiar”, pois ali se encontrava o núcleo da organização da vida sexual, emocional, cooperacional, e ainda seria formadora da personalidade dos sujeitos (MALINOWSKI *apud* DUTRA, 2007, p. 111). Cita também posteriormente, com obras amadurecidas e bem estruturadas sobre as questões de parentesco e família, a importância de Malinowski, Radcliffe-Brown, Evans-Pritchard, Fortes e Lévi-Strauss.

---

<sup>12</sup> MORGAN, L. H. 1973 [1877]. *A sociedade primitiva*. Lisboa, Presença.

Dentre diversas situações teóricas cabíveis às discussões sobre o parentesco, destaco aqui dois momentos importantes na evolução desta temática. Primeiramente, em Radcliffe-Brown (1978), tendo este um enfoque elementar no que se refere às questões da família e de suas estruturas de parentesco. Segundo o autor, todo o sistema de parentesco seria composto a partir da família elementar, sendo esta família, portanto o alicerce de toda esta estrutura que se daria em 3 díades: irmão e irmã (consangüinidade), marido e mulher (por afinidade), e pai e filho (por filiação). Radcliffe-Brown propõe com a sua construção sobre a família que seria possível afirmar que a sociedade constrói seu sistema de parentesco a partir da família biológica, ou seja, uma unidade mínima que seria composta pelas três estruturas citadas acima.

Num segundo momento, porém, Lévi-Strauss (1982) refaz/complementa a teoria de Radcliffe-Brown, dizendo como percebia, em sua perspectiva, o que seria realmente o átomo do parentesco. Para isso, quebra o tabu de que a família se definiria por laços biológicos e sugere que exista um processo social de afinidade para que as famílias se compusessem. Portanto, para o autor, era necessário que a família consangüínea sempre se desfizesse para que pudesse existir a continuidade da sociedade. Altera a tríade de parentesco (biológico) de Radcliffe-Brown, afirmando que esta deveria ser ampliada para um sistema de quatro pares de relação formando assim a sua concepção do átomo do parentesco: irmão e irmã, marido e mulher, pai e filho e tio materno e sobrinho.

Ao formar este conceito Lévi-Strauss passa a sugerir que então exista a necessidade de dois grupos, ou seja, um receptor de uma mulher para casamento e outro doador uma mulher para casamento. A partir dessa perspectiva o autor traça sua teoria do tabu do incesto<sup>13</sup> para justificar a continuidade do crescimento da sociedade, pois permite o aumento das relações entre os grupos familiares através de suas trocas matrimoniais no qual denominou teoria da aliança<sup>14</sup>. Seu trabalho torna-se um marco para o estudo do parentesco que passa a compreender a aliança como peça fundamental para a construção da família, além de desnaturalizar o conceito biologicista vigente de família.

Dutra reconhece o trabalho desenvolvido por Lévi-Strauss como um divisor de águas, e traça um comentário na qual afirma que:

---

<sup>13</sup> Não justificaria aqui neste trabalho explicar a teoria do tabu do incesto, pois ampliaríamos demais esta discussão, que apesar de importante, encontra-se disponível em diversos artigos e tratados específicos sobre o tema, inclusive, nas obras do próprio Lévi-Strauss, podendo citar aqui, entre outras, “*As estruturas elementares do parentesco*” (1982).

<sup>14</sup> Idem ao comentário de rodapé número 11.

Poderíamos dizer que, após Lévi-Strauss, nem a Antropologia, nem a reflexão antropológica sobre o parentesco seriam os mesmos. O sentimento de que a antropologia poderia imantar, catalisar todas as reflexões possíveis sobre a experiência humana cede lugar a complexificação de horizontes, de multiplicação de paradigmas, o que vai refletir diretamente na questão do parentesco. (2007, p. 116)

A autora cita que uma série de antropólogos que buscam se afastar do biologicismo que envolve as questões de parentesco e se associam às questões das ligações de “relacionalidade”. Relata em sua tese sobre vários autores e suas experiências nas mais diversas sociedades procurando revelar como são variadas as formas encontradas dos sistemas de parentesco.

Em relação á discussão contemporânea sobre parentesco, Butler (2003a) nos revela que nos últimos anos, existe uma tendência a se dissociar parentesco de casamento. Isto se dá pelo ao fato de países como a Alemanha, França e Estados Unidos, por exemplo, começarem a reconhecer algumas formas de “casamento *gay*”, porém, com a exclusão de direitos de adotarem filhos e de terem acesso às tecnologias de concepção que são garantidas aos pares heterossexuais casados. A autora questiona o poder do Estado em definir de maneira “discriminatória” as normas para a concessão de “benefícios”. Tais poderes se revelam explícitos em casos, como o que acabamos de citar, em que existe a abertura para o casamento homossexual, porém desde que estejam enquadrados em determinados limites. Portanto, fica claro que o Estado não trata de forma igualitária seus entes e que a orientação sexual é vista por ele como uma situação que pode ser regulamentada “dentro de limites”.

Tais limites, segundo a autora, acontecem pelo fato do casamento homossexual surgir como um desorganizador da ordem vigente ao casamento (heterossexual), alterando toda uma estrutura há muito criada. O casamento *gay*, antes mesmo de passar pela avaliação do legítimo ou ilegítimo, teria que aprofundar-se no campo da sexualidade, este, um espaço ainda não compreendido.

O debate sobre o casamento *gay* se dá nessa lógica, pois reduz-se quase imediatamente à questão sobre se o casamento deve ser legitimamente ampliado a homossexuais, e isso significa que o campo sexual é circunscrito de tal modo que a sexualidade é pensada em termos de casamento e o casamento é pensado em termos de aquisição de legitimidade. (BUTLER, 2003a, p. 227- 228)

Butler sugere que o assunto deveria ser discutido politicamente dentro de uma visão mais crítica, pois o que está sendo debatido aqui é sobre a legitimidade do casamento e do parentesco *gay* e todos os direitos provenientes desta união a partir do momento que recebe o aval do Estado. Percebe-se então, que ao buscar a legalidade deste tipo de casamento, aceita-se o Estado como o poder legitimador. É neste ponto que poderia se levantar uma nova polêmica, por exemplo. Como ficariam então, aos olhos do Estado os casais *gays* que vivem juntos, mas não sob a égide do casamento? Aqui surge novamente um grupo, ocupando um não-lugar dentro da sociedade, e, portanto privado de direitos. Questiona-se, portanto que, sendo o Estado, aquele que tem o poder de reconhecer algo como legítimo, não seriam legítimas, possíveis, inteligíveis e reais outras formas de relacionar-se?

A autora não é contrária que o casamento *gay* seja reconhecido, porém o que ela sugere é que deveríamos ir além, ou seja, que as pessoas possam viver sua sexualidade conforme queiram e que a união entre elas, se assim for desejada, que não se legitime somente pelo meio do casamento. Dessa forma, não seriam afetadas a “comunidade dos não-casados, dos solteiros, dos divorciados, dos não-interessados em casamento, dos não monogâmicos” (p. 231).

Butler cita que a conhecida filósofa Sylviane Agacinski, opositora ao casamento *gay*, sugere que a permissão do Estado para que os homossexuais criem suas famílias é contrária a “ordem simbólica”<sup>15</sup> e que independente da maneira como se moldam para a sociedade elas não seriam casamentos e nem seriam famílias.

Quanto às críticas de Agacinski, Butler rebate da com a seguinte teoria: “se alguém *não* quer reconhecer certas relações humanas como parte do humanamente reconhecível, logo, esse alguém *já* as reconheceu e busca negar aquilo que, de uma maneira ou de outra, já foi compreendido” (p. 236).

Seguindo ainda o raciocínio de Butler, outra discussão sobre casamento *gay* levantada em seu trabalho versa sobre as questões referentes à reprodução e adoção. Existe uma clara cultura psicanalista difundida amplamente na sociedade, onde a referência de família se constrói em

---

<sup>15</sup> Como cita Butler, para Agacinski “o Estado é forçado a reconhecer o casamento como heterossexual, não por causa da natureza ou da lei natural, mas por algo chamado “ordem simbólica” (que corresponde a, e ratifica, uma lei natural). Segundo as imposições dessa ordem, o Estado se vê obrigado a recusar o reconhecimento de tais relações” (2003a, p. 236).

torno da figura de um homem e de uma mulher, estes, portanto geradores de uma criança que terá como referência o casal (hetero) para seu desenvolvimento dentro da “ordem simbólica”.

O contrário desses termos fere a lógica dos que não aceitam a família homossexual. Retomando Agacinski esta cita que “é preciso uma certa “violência”, quando se é homossexual, para desejar uma criança” (AGACISKI *apud* BUTLER, 2003a, p. 244). E é baseando-se no drama edipiano<sup>16</sup> que muitos autores se munem para atacar a possibilidade da família *gay* em relação à criação de filhos. Apegam-se às teorias, freudianas e lacanianas para justificar o adoecimento da criança pelo fato da ausência das figuras maternas e paternas em sua criação. A autora compreende que a narrativa do “Complexo de Édipo” trata de uma questão que envolve a tradição implementada há muito, do fato de ser “natural” existência da família heterossexual e do “medo” das “conseqüências” da alteração social desta ordem. Apesar de a autora crer que o “Édipo” não seja uma condição “*sine qua non*” dentro da cultura, ela não o conceitua como dispensável. Acredita que é infeliz o fato da psicanálise, não ter evoluído sua teoria sobre família e parentesco, assim como fez a antropologia, e por isto, a primeira ainda utiliza-se da metáfora do parentesco heterossexual para endossar seus princípios.

Butler defende o fato de que “quando os psicanalistas clínicos fazem alegações públicas sobre o estatuto psicótico ou perigoso de famílias *gays*, eles estão exercendo um discurso público que precisa ser fortemente confrontado” (2003a, p. 258).

E conclui seu trabalho dizendo que:

Pois tão certo quanto o fato de que os direitos ao casamento e à adoção e, de fato, à tecnologia reprodutiva, devam ser assegurados a indivíduos – bem como sua aliança – fora da moldura do casamento, seria uma drástica privação da política sexual progressiva permitir que o casamento e a família, ou mesmo o parentesco, fossem os parâmetros exclusivos dentro dos quais se pode pensar a vida sexual. (2003a, p. 260)

### 1.2.2. Da família moderna à contemporânea

Ao voltarmos para nossa estrutura ocidental de família (excluindo-se as estruturas de parentesco indígenas e/ou nativas do ocidente), com o intuito de restabelecermos contato com as questões pertinente à família moderna, vemos que historicamente, segundo Philippe Ariès (1981),

---

<sup>16</sup>

a sua origem como algo a ser reconhecido como conceito valioso e vivo no cotidiano da sociedade, se dá por volta século XVI e XVII na Europa. Foi nesse momento que a noção de sentimento de família se firmou como conceito na humanidade, dando abertura para a consolidação das características que seriam as bases da família moderna. Laços consangüíneos, ilustrações que representavam as famílias, calendários aonde cada mês era relacionados a alguma situação familiar, surgiram e se consolidaram para a sociedade como forma de representar a passagem da família medieval para a moderna.

Para o autor, foi a partir desse momento que a família passa a se fundamentar devido a vínculos sentimentais, com um olhar mais focado para a criança, que passa a ser tratada como figura importante, se tornando um centro de referência da existência familiar. Cria-se um sentimento de “casa”.

Porém Duby (1989) nos alerta para o fato de que a história ainda é a história dos grupos dominantes e portanto nos é passada de maneira tendenciosa.

Justificando a afirmativa de Duby, Corrêa (1981) cita, por exemplo, que:

A história das formas de organização familiar no Brasil tem se contentado em ser a história de um determinado tipo de organização familiar e doméstica – a ‘família patriarcal’ –, um tipo fixo onde os personagens, uma vez definido, apenas se substituem no decorrer das gerações, nada ameaçando sua hegemonia, e um tronco de onde brotam todas as outras relações sociais. (1981, p. 06)

A crítica da autora se dá às questões referentes à literatura sobre famílias no Brasil. Explica que nos é ensinado que a família patriarcal, instalada geograficamente nos grandes centros agrários, teria gerado a base (após a decadência dos engenhos e plantações) da “família conjugal moderna”, esta, seria urbana e reduzida no foco do casal e nos filhos e que se daria por interesse na satisfação dos desejos sexuais e dos afetos entre o grupo. Corrêa, não nega a importância e a força que tal família impõe sob a nossa história, porém critica que esta não é a única forma de se constituir o conceito de família conjugal moderna da era contemporânea, sendo esta, portanto, uma narrativa que se dá sob um ponto de vista único e engloba apenas as classes dominantes. Discorre que nossa história é muito mais rica e repleta de formas alternativas de desdobramentos familiares, não fazendo sentido que exista apenas um “modelo ideal predominante” (p. 07).

Corrêa tece duras críticas a Gilberto Freyre e a Antônio Cândido de Mello e Souza, historiadores reconhecidos por tratar da história da família patriarcal no Brasil onde ambos,

colocam-na como a forma absoluta de família que existiu no Brasil entre o século XVI e XIX. Cita que segundo Antônio Cândido:

O autor afirma que este é o tipo de família que existiu no Brasil do século 16 ao século 19, tipo de onde, através de gradual separação, deriva-se toda a formação social do país. A sociedade colonial nestes 300 anos esteve composta de duas partes: uma familiar (a família patriarcal) e outra não familiar que reunia maioria da população, a “massa anônima dos socialmente degradados”. (1981, p. 07)

E assim, como a família patriarcal rural, a família conjugal urbana, por ser tratada como continuação da primeira, carregou consigo um sinônimo de hegemonia e absolutismo e trouxe também uma “massa amorfa e anônima calada durante três séculos” que pode, através de pesquisadores que reconhecessem em seus estudos, as famílias “alternativas”, serem chamadas também de sociedade (CORRÊA, 1981, p. 14).

DURHAM (1982) concorda com estas afirmativas de Corrêa e complementa que o sistema de família conjugal, descendente da família colonial, não se generalizou, principalmente, nas classes baixas, onde houve uma maior ocorrência de modelos alternativos.

A autora comenta que tais modelos alternativos, somente nas últimas décadas, começam a serem reconhecidos e até mesmo se ampliam em nossa sociedade e que disciplinas como a antropologia servem de apoio ao reconhecimento dessas mudanças.

O sucesso recente da antropologia está certamente vinculado ao fato de que, hoje, essas minorias desprivilegiadas emergem como novos atores políticos, organizam movimentos, e exigem uma participação na vida nacional da qual estiveram secularmente excluídos. (DURHAM, 2004, p. 18)

Dutra (2007) nos revela que até a década de 60, o “modelo de família” que se apresentava como padrão de referência era o da “família conjugal”. Este se mostrava novamente, como natural e sagrado, tendo a prole como base e buscando passar a idéia de ser um modelo que sempre existiu, ou seja, como algo da ordem do universal (p. 122).

A autora cita que é na formação do “indivíduo coletivo”, que se encontra o “grupo familiar”, este busca uma formação que se afasta de uma ordem de parentesco mais extensa e busca restringir espaços, configurando-se numa experiência privada surgindo daí o sentimento o

de família e intimidade. Tal sentimento de família teria uma íntima ligação com o fato de um grupo estar associado numa casa.

Para Bourdieu (1996), o conceito prevalecente de família é amplamente descrito apoiando-se numa série de adjetivos: “casa, unidade doméstica, *house, home, household*”, sendo que, tais conceitos, que num primeiro instante aparentam apenas querer defini-la, acabam por criar “a realidade social” (p. 124). O autor cita que:

De acordo com essa definição, a família é um conjunto de indivíduos aparentados, ligados entre si por aliança, casamento filiação, ou, excepcionalmente, por adoção (parentesco), vivendo sob um mesmo teto (coabitação) (p. 124)

Segundo o autor, tais denominações referem-se ao conceito concebido nas sociedades contemporâneas de “família nuclear”, e reflete que esta, seria uma ilusão imposta socialmente, um artefato político, pois, na realidade, não corresponde a uma série de modelos de família existentes. Portanto, esta naturalidade no qual a concebemos, devido ao fato da impressão de tal família sempre ter existido, é algo recente em nossa sociedade.

Bourdieu descreve que a família aprende a possuir um “discurso de família”, aonde em sua face interna, em seu âmbito privado, vive relações igualitárias, de amizade, amor, solidariedade em oposição a um mundo externo, o universo do público, que está envolto em relações opostas de desigualdade, falta de afetividade, trocas e respeito. Descrê ainda que tal família se trata de “uma ficção bem fundamentada”, e que se a palavra família não se trata apenas de ser “uma palavra”, mais sim de “uma *palavra de ordem*, ou melhor de uma categoria, princípio coletivo de construção da realidade coletiva.” (p.126). Assim sendo, a realidade social se constrói possuindo na família, um de seus alicerces mantenedores de sua ordem, reproduzindo estruturalmente tanto o espaço quanto nas suas relações.

Portanto para Bourdieu, “a família em sua definição legítima é um privilégio instituído como norma universal. Privilégio de fato que implica um privilégio simbólico: o de ser como se deve, dentro da norma, portanto, de obter um lucro simbólico da normalidade” (p. 130).

Piscitelli (1996), sob a ótica das críticas feministas, lança um olhar sobre o âmbito familiar, e analisa esta casa, vista como o “reino do amor e harmonia”, e busca “desmistificá-la” como sendo uma sede que se apresenta advinda de “estruturas hierárquicas, e não-igualitárias de sexo, gênero e geração” (p. 08). Cita que autoras como Collier, Yanagisako e Rosaldo sugerem

que para se reformular os conceitos de família, faz-se necessário uma imersão para se escutar os nativos em outras sociedades e compreender como se dão as relações familiares, porém não menos importante, seria ouvir o “nativos” da própria sociedade do antropólogo compreendendo com isto o significado da representação do conceito de família para todos. Para essas autoras, segundo Piscitelli, a família tradicional monolítica conforme se apresenta, nada tem de natural e sim, trata-se de uma construção ideológica.

A autora afirma que quando se pensa em família associada aos fatores biológicos, este não se trata do único fator universalizante que a conceitua, pois juntamente a este, agregam-se uma série de teorias, inclusive antropológicas, que são também formadoras deste “naturalismo”.

Um outro ponto a ser destacado em relação às questões pertinente à família é o fato de que (ainda na filosofia do biologicismo), o parentesco é uma entidade heterossexual. É nesta tradição que o Estado constrói leis e se criam mecanismos sociais que servem para beneficiar os que se encaixam neste critério e discriminar aqueles que não se encaixam<sup>17</sup> (BUTLER, 2003a).

Esta pesquisa pretende estudar as conjugalidades entre os casais que encontramos mais visivelmente presentes em nossa sociedade (heterossexuais, gays e lésbicos) e, por conseguinte, aquilo que eles compreendem por família. Como os casais que formam famílias dentro do princípio heteronormativo da sociedade são reconhecidos pelo Estado e possuem uma série de benefícios em detrimento aos casais homoafetivos, gostaria a partir deste ponto de elaborar um parêntesis para discutir um pouco sobre a família homossexual, talvez esta, a que se opõe mais fortemente às teorias biologicistas.

É, de fato, observando as formas de construção da família em diversas sociedades e também na nossa, através de todas as mudanças que vem ocorrendo com o passar dos séculos e principalmente nas últimas décadas, que vamos compreendendo que as questões de ordem genética (biológica), não fazem sentido para representar a família contemporânea. Muito menos,

---

<sup>17</sup> Conforme discorri na introdução deste trabalho, o fato de se ter criado historicamente a idéia de família heterossexual como algo que se encaixa dentro do padrão “normal”, coloca obviamente o que não é formado por este tipo de critério como “anormal”. Lembrei-me aqui da citação que fiz sobre Sigmund Freud nas folhas anteriores e penso que podemos traçar um quadro comparativo de igualdade entre os dois casos. O fato de “ser normal”, segundo este psicanalista, está baseado na teoria de que a presença de um pênis é necessária para que um ser humano possa se orgulhar de si, sentindo-se completo e superior, com isto, a mulher, pela ausência deste objeto fálico, torna-se alguém observada como uma portadora de anormalidade por não possuir o “precioso” objeto. Tais argumentos serviriam para justificar sua inferioridade e o seu papel secundário dentro da sociedade. Portanto, em ambos os casos, pelo fato de existirem regras tidas como “normais”, “naturais” e “universais”, que ditam o que é “correto” em uma sociedade, tanto a família homossexual, quando a mulher e sua “falta de um pênis”, podem ser julgados por anormais e ganham um posto de inferioridade e subalternidade que perpetua, apesar das mudanças já ocorridas, até os dias de hoje.

aproveitar-se de conceitos psicanalisados repletos de preconceitos (principalmente homofóbicos) tão fortemente implementados dentro da nossa sociedade.

Porém, tais conceitos universais, apesar da visível resistência, vão cedendo espaço para a estruturação de diversas novas formas de convívio e de agrupamentos que não mais se justificam como patológicos devido a teorias simplórias e discriminatórias. A antropologia tem neste lugar, um vasto espaço para a pesquisa e análise dos fatos, podendo trazer uma grande contribuição para o entendimento de todo este processo que denominamos: família.

É neste entendimento, na ampliação e na compreensão da realidade do que enxergamos o que é ser família hoje, que nossa sociedade poderá se tornar menos desigual no tratamento entre os grupos familiares que existem e que ainda serão formados. No Brasil, o próprio Estado possui uma definição para família que nos faz crer que a desigualdade está sendo discutida entre aqueles que criam as leis e detém o poder público. Na prática cotidiana, porém percebe-se que ainda tal conceito não se configura em realidade:

[...] é preponderante retomar que as novas feições da família estão intrínseca e dialeticamente condicionadas às transformações societárias contemporâneas, ou seja, às transformações econômicas e sociais, de hábitos e costumes e ao avanço da ciência e da tecnologia. O novo cenário tem remetido à discussão do que seja a família, uma vez que as três dimensões clássicas de sua definição (sexualidade, procriação e convivência) já não têm o mesmo grau de imbricamento que se acreditava outrora. Nesta perspectiva, podemos dizer que estamos diante de uma família quando encontramos um conjunto de pessoas que se acham unidas por laços consangüíneos, afetivos e, ou, de solidariedade. Como resultado das modificações acima mencionadas, superou-se a referência de tempo e de lugar para a compreensão do conceito de família (BRASIL *apud* NASCIMENTO, 2010, p. 94).

Entraremos a partir desse momento na discussão sobre conjugalidade. Para que exista uma família não se faz necessário a existência de um par conjugal. Por exemplo, um pai que mora somente com seus filhos é uma família, não deixando de configurá-la, portanto pela falta de um cônjuge. Neste trabalho, porém, teremos como recorte a “família conjugal” com a presença de, como denominou Heilborn (2004), uma “unidade conjugal”. Portanto, desloco a temática da família conjugal para o próximo subcapítulo encaixando-o especificamente dentro do contexto aonde discutiremos as questões relativas à conjugalidade.

### 1.3. Construções de conjugalidade<sup>18</sup> e da política da monogamia

Como já discorrido no sub-item anterior, uma série de autores (BORDIEU, 1996; CORRÊA, 1981; DURHAM (1982); DUTRA, 2007; FONSECA, 1995a; 2005;), nos revelam que em estudos sobre família, existe uma tendência de se acreditar que em tempos passados, como por exemplo, no Brasil colônia, a família patriarcal (já denominada de família moderna), formada por muitos membros e projetando uma imagem de união das pessoas era a família predominante.

Fonseca (1995a), cita que pesquisas atuais revelam ser esta afirmativa um grande equivoco, sendo que na realidade, núcleos domésticos de menor porte sempre existiram no país. Tais estudos revelam que o conceito de família que vivia unida e que com o passar dos tempos foi se desagregando, caiu por terra.

Para a autora, outro estado mítico era de que a evolução da família que “começou mal e só hoje chegou a ser sede de relações pessoais “esclarecidas”” não faz sentido. Tal lógica denominada de “evolucionista” crê que esse padrão familiar “idealizado pelas próprias classes dominantes” é considerado “o mais humano da história” (p. 72).

Contudo, esta antiga família ganhou na atualidade uma nova roupagem com a presente versão mais reduzida em número de componentes denominada “família conjugal contemporânea”, sendo aquela que, possuindo um “grupo de parentes, formado em torno do casal e seus filhos, mora harmoniosamente debaixo do mesmo teto (p. 70).

Questionando este modelo evolucionista, a autora parte em busca de pesquisas como a da antropóloga F. Héritier que procuram formas de recusar a validade do mesmo. Segundo Fonseca, a antropóloga cita, por exemplo, que o governo francês tem por atitude se responsabilizar por boa parte da criação das crianças do país no campo financeiro e da formação social e lembra também que, devido ao grande número de divórcios na atualidade, os avós também estão voltando à cena como auxiliares na criação dos filhos. Tal interferência estatal já se percebe como uma quebra de padrão.

Ainda assim, cita que a lógica evolucionista prevalece no âmbito do “senso comum”, pois ela tem por parceiros divulgadores da sua ideologia, os “jornais e televisão” que lançam uma

---

<sup>18</sup> Tomo como nota de rodapé o fato de que para que exista pares conjugais conforme estudados neste trabalho, há uma necessidade (geográfica) de que se tenha parceiros potenciais com características específicas na qual ocorra atração mútua e propensão para viverem juntos ou se casarem. No Brasil, conforme estudo realizado por Elza Berquó (1986) sobre a solidão de mulheres em determinadas faixas etárias revelam o quanto se torna complexo a formação de casais dentro de determinados contextos. Bastos (2009) cita que

literatura de conteúdo questionável, porém, causando grande efeito no público que a consome. Portanto, modelos que sejam diferentes ao padrão instituído deste tipo familiar são considerados como desagregadores do mesmo, pois ainda hoje prevalece a mística de uma “família ideal”, onde esta estaria associada ao conceito de felicidade. É com este novo modelo de família associada à visão de “ideal”, que se travam as batalhas pela desnaturalização de tal conceito.

Fonseca (1995b), afirma que o modelo de família conjugal (como por exemplo, o modelo estabelecido por Radcliffe-Brown), não possui sentido em diversas situações, e que não há como comparar uma família à outra, no sentido de a primeira poder ser mais natural que a segunda ou o contrário.

Discursar, portanto sobre novos modelos de convívio afetivo-sexual é uma tarefa bastante complexa. Para uma sociedade sujeita aos comandos de forças que ditam as normas sociais como a Igreja, o Estado, a comunidade, a família ou grupo de pares, acreditar que exista um “espaço desinstitucionalizado” para a vivência de um “comportamento amoroso” é uma irrealidade (FONSECA, 1995a, P. 70).

Porém, não há como negar as mudanças ocorridas entre a conjugalidade das décadas passadas e a atual. Ainda que se busque socialmente através do discurso das classes dominantes impor o que é “normal” ou “natural dentro do contexto da formação de pares na nossa sociedade, o fato é que proliferam a cada instante novas formas de relacionamentos conjugais, e as mesmas tecnologias de disseminação da ideologia dominante (jornais e televisão, entre outros), são responsáveis por narrar a presença desses novos arranjos.

Heilborn (2004), cita que é na mudança da família por um processo de nuclearização e por uma busca de um contexto mais igualitário das relações, que as gerações “modernas” das últimas décadas procuraram novas formas de conceberem novas conjugalidades através das suas relações afetivas e sexuais. A década de 1980, por exemplo, contribuiu para um aparecimento de diversas formas de nomeações dos casais. Cita que termos como “casal aberto”, “emancipado”, “moderno” e “amizade colorida” se tornaram presentes no vocabulário da época.

Para a autora, as mudanças seriam mais claramente observadas nas camadas médias. Seria neste recorte social que ocorreu uma maior aceitação do contexto igualitário entre os casais, uma maior liberdade da vivência sexual dos pares, o aparecimento de diversos arranjos conjugais, uma maior aceitação da homossexualidade, além das questões referentes ao divórcio e da maternidade não associada ao casamento, se tornarem práticas constantes e aceitas socialmente.

A autora levanta a reflexão do que seria este casal conjugal na atualidade, dotado de um individualismo<sup>19</sup> que o levaria a um convívio simbiótico bem ao estilo freudiano. Portanto o aspecto psicológico, neste caso, estaria mais presente na construção desta simbiose do que a interferência social, até porque estariam ali envolvidas as questões de ordem da sexualidade deste casal. A autora afirma que o casamento moderno, ao qual posteriormente denominará de igualitário “é portador virtual da simbiose, uma vez que não oferece aos indivíduos balizas para o ordenamento da relação conjugal. A ausência de referências principia pela indistinção entre os gêneros, como se esta contaminasse a identidade corporal e a linguagem” (p. 131).

Outra observação da autora através de suas entrevistas com casais de camadas médias é o fato de a paixão ou o amor serem formas essenciais que conduzem à conjugalidade. Mesmo que nem todos se orientem por esta perspectiva, pois há, por exemplo, os que se unem por outros motivos, ainda assim, até mesmo esses casais, em determinado momento podem manter outros convívios de vida a dois que se dariam pelo vínculo afetivo. Portanto, mesmo que o amor não seja o motivo máximo da vida em casal, ainda assim seria no campo das emoções que ocorreria a formação desses pares.

Outro fator que aparece como necessário à integração de um novo casal e o aproxima intimamente, versa sobre as questões relativas sobre a cumplicidade do mesmo. Provas de confiança, demonstração de suas qualidades e a inserção do outro dentro da sua história promovem a integração deste casal. Além disso, os membros da nova “unidade conjugal” tendem a se afastar dos velhos amigos que trazem a presença das recordações da antiga vida de solteiro. Produzem então, uma nova série de amigos que darão sustentação e endosso a vida escolhida.

Grossi (2003) reflete sobre a conjugalidade homoafetiva, relatando que dentre alguns fatores que produziram nas últimas décadas a formação desses pares estáveis (nas grandes metrópoles mundiais), destacasse a atenção para os casais “DIWC” (duplo salário sem filhos).

Cita também, que segundo alguns autores, a questão da AIDS contribuiu significativamente para a formação desse pares. Seria então a partir dessas duplas formadas que se intensificariam as lutas para elas que se tornassem socialmente reconhecidas, principalmente em decorrência desta doença que fez com que muitas pessoas além de perderem seus cônjuges,

---

<sup>19</sup> Conceito aqui utilizado baseado nos estudos dumontianos da ideologia individualista em oposição às sociedades que se organizam por uma ideologia holista. Ver “*Homo hierarchichus: o sistema de castas e suas implicações*” (1992).

perdessem também o local onde moravam e a renda do companheiro por causa do não reconhecimento estatal desta união.

Como podemos verificar a todo instante, vivemos em uma sociedade fundada sobre ótica masculina. Tal olhar, fez com que as mulheres fossem colocadas historicamente sempre num patamar de “segundo plano”. Assim se deu no trabalho, na política, nas artes, nas relações de poder aonde sempre aconteceram desigualdades. Nas questões sexuais, a história não se deu de forma diferente, em relação à monogamia, esta serviu para beneficiar os homens e impor condições de restrição ao sexo oposto.

Em seu trabalho intitulado “*A origem da família, da propriedade privada e do estado*” Engels (1995) analisa o trabalho “A Sociedade Antiga” de Lewis W. Morgan nas questões relativas ao parentesco em tribos indígenas americanas.

Cita três estágios pré-históricos de cultura: o “Estado Selvagem”, a “Barbárie” e o terceiro, denominando por Morgan de “Civilização”, como aquele que traz a tona o conceito de monogamia. Assim, esta monogamia, que serviria somente para as mulheres, institui além do já existente conceito de “verdadeira mãe”, o conceito de “verdadeiro pai”. É nesse momento que o patriarcado começa a impor sobre a sociedade e o homem torna-se o grande detentor dos direitos sobre a mulher, os filhos, a produção e aos direitos de hereditariedade. Portanto, a monogamia aparece historicamente associada ao fenômeno da escravização do sexo masculino sobre o feminino.

Assim a monogamia surge como uma condição criada socialmente para beneficiar o homem não tendo nenhuma relação com o “amor sexual individual” sendo esta então, uma vitória da sociedade privada em relação à sociedade comum primitiva. Além disso, o homem não deixará de manter suas relações extraconjugais com mulheres não-casadas, fenômeno este intitulado por Morgan de “heterismo”; a fidelidade conjugal será imposta somente as mulheres. Para Engels, a monogamia seria um “progresso histórico”, mas que para beneficiar um lado, o outro teria que se sacrificar.

A transformação da família em família monogâmica dará, além do heterismo, outros herdeiros históricos clássicos como a prostituição e o adultério.

A prostituição tem seu início nos templos religiosos, aonde as mulheres arrecadavam dinheiro por sexo tendo como base um motivo sagrado. Surgem também quase que juntamente a prostituição escrava e a das mulheres livres que a exerciam profissionalmente. Engels cita que

apesar de reprovável historicamente, a prostituição sempre teve seu olhar de condenação para as mulheres que a praticavam e não sobre os homens.

O adultério, segundo o autor seria uma condição inevitável, visto que, a mulher abandonada acabaria por suprir sua solidão através de seu amante. Se tornou um problema de ordem social a ponto de na França, ser criada uma Lei (Código Napoleônico), no qual regia que o filho nascido de uma mulher casada teria sempre legalmente o marido como pai).

Somente nos séculos posteriores que o amor sexual individual ganharia uma identidade entre os casais, porém sempre historicamente burlado pelos homens em sua supremacia de poder sobre as mulheres.

Fonseca (1995b) e Butler (2003b) tecem severas críticas ao fato da naturalização da família monogâmica como representante da “evolução” das famílias da atualidade. Tal naturalização seria imposta por uma ideologia dominante e transformada em verdade. Trata-se, portanto de uma sociedade “falocêntrica” e de todo o domínio histórico que foi colocado por séculos como “fato” e que na contemporaneidade, perde crédito principalmente devido aos movimentos feministas, que ampliaram o olhar da sociedade para o risco de se acreditar em uma história única.

#### **1.4. Considerações sobre o capítulo**

Busquei neste capítulo, traçar uma linha de compreensão de temáticas que se entrelaçam para clarear meu objeto primeiro de estudo: as construções de conjugalidade contemporâneas. Para isto, discorri sobre as questões relacionadas a “gênero”, como a trajetória do movimento feminista, este o grande impulsionador de muitas futuras discussões e desmistificador de uma série de “naturalismos” impostos, intencionalmente, por grupos dominantes sob a proteção do Estado. Os próprios movimentos de lutas e conquistas dos homossexuais são diretamente, descendentes deste movimento.

Na seqüência procurei destacar as construções de parentesco e família, citando algumas definições criadas sob o conceito de parentesco e criticando o erro histórico de se acreditar que o modelo patriarcal e sua descendência, que culminou na família tradicional moderna, formaram a família considerada “natural”, “normal” e que predominou e predomina até os dias atuais.

Parti em seguida para os estudos relacionados à conjugalidade e suas novas formas de configuração. Logo em seguida trouxe, como forma a ilustrar este trabalho, algumas definições de monogamia aonde, mais uma vez, se detectou que tais conceitos surgem como forma de promover um controle social, principalmente, como vimos, sobre o universo feminino, e novamente, temos o Estado, como promotor do endosso dessas leis e conceitos que se tornam imposições, porém sobre o disfarce de: “natural”.

Acredito que com a percepção alcançada com esse três eixos propostos, poderemos partir para um estudo etnográfico aonde procurarei absorver, dentro das limitações do campo, dados que sejam úteis para enriquecer este estudo.

## CAPÍTULO II

### PESQUISA DE CAMPO

#### 2.1. Sobre a escolha dos casais e a inserção no campo

Estamos, em suma, produzindo uma nova e intrigante etnografia de nós mesmos. (DURHAM, 2004, p. 17)

Para dar início a esta etnografia, busquei meus entrevistados<sup>20</sup> através da escolha de pessoas dentro da minha rede de sociabilidade. O fato de se promover a pesquisa dentro da mesma sociedade do entrevistador sempre possuiu suas “resistências” (HEILBORN, 2004, p.69). Segundo Velho, citado por Heilborn (2004, p.70), sobre o assunto se compreende que podem existir similaridades entre pesquisador e pesquisados, porém “a suposta familiaridade de que se goza é frequentemente desmontada ao se inquirir com mais vagar sobre a lógica simbólica específica de um grupo que o torna característico perante os demais...”. Segui portanto, para justificar minhas escolhas, apoiado em argumentos como o de Velho como o trecho de sua entrevista para Revista *Habitus* (UFRJ):

[...] Essa coisa da distância há bastante tempo que se discute. [...] Mas você pode ver a lista de trabalhos, teses e dissertações feitas hoje em dia, e nos últimos vinte anos em antropologia, e você tem várias pessoas que estão pesquisando fenômenos próximos, processos sociais, situações com as quais eles têm alguma ligação. Quem vai fazer antropologia da sua própria sociedade fatalmente vai rever esta noção de distância. O que não quer dizer que não seja um problema, mas é diferente de outros problemas quando você está estudando grupos indígenas, sociedades camponesas... Cada objeto gera seus problemas particulares. [...] Eu não estou dizendo que não existem problemas. Eu estou dizendo que esses problemas estão sendo enfrentados já há bastante tempo. (VELHO, 2003, P. 03)

Maria Luiza Heilborn (2004), cita que a escolha dos entrevistados pode se dar de forma mais simples por fazermos parte do mesmo contexto que está sendo estudado. Assim o contato se faz muitas vezes de forma “aleatória” e também por indicações de pessoas que fazem parte de

---

<sup>20</sup> Por questões éticas, para que eu possa revelar situações que envolvem certa intimidade e por firmar este acordo desde o início com meus casais pesquisados e portanto, para que este estudo possa estar disponível a toda a comunidade acadêmica ou não, substituí o nome dos meus entrevistados e entrevistadas por nomes fictícios. Mantive porém a descrição geográfica correta dos locais frequentados como bares, *shoppings*, teatros, bairros, entre outros.

nossa rede de amigos e estes são ligados aos nossos sujeitos. Segundo a autora, por haver uma intimidade com o código cultural entre entrevistados e entrevistador, torna-se mais simples criar uma forma para selecioná-los.

Como os grupos pesquisados foram selecionados por mim dentro de um campo de proximidade, percebi que o estranhamento necessário para a produção de um saber científico não poderia advir somente daquilo que me saltasse aos olhos como excepcional. Dados sutis, que poderiam “passar em branco” devido ao fato de parecer comum aos meus olhos, me exigiram um exercício de concentração que muitas vezes não precisei ter enquanto psicólogo.

Sobre esses aspectos, que dizem a respeito à subjetividade da relação entre o pesquisador/pesquisado em uma pesquisa etnográfica, percebe-se um esforço dos autores como Da Matta (1978) em discutirem na etnografia, a necessidade de ampliar o entendimento sobre o que vai além do que é visto neste primeiro instante. Uma “piscadela” como cita Geertz (1989), pode dizer muito além do que um simples fato de piscar por piscar; situações podem se revelar em atos que passariam despercebidos aos menos atentos e por isto, cabe ao pesquisador, um esforço para observar seu sujeito sob um prisma que ultrapasse o que está visível e na superfície, aumentado assim, as suas possibilidades de perceber de forma não fotográfica as imagens que colhe em sua pesquisa e interpretá-las a seu favor.

A seguir aponto e descrevo os meus sujeitos de pesquisa, nomeando-os<sup>21</sup>:

Casal 1 (Heterossexuais): Xênia, 36 anos, Comerciante. Fernando, 29 anos, Psicólogo.

Casal 2 (Heterossexuais): Manoela, 46 anos, Professora Universitária(Dr<sup>a</sup>). Manoel, 50 anos, Funcionário Público Federal.

Casal 3 (Lésbicas): Maria, 25 anos, Comerciante, Percussionista, Estudante de Enfermagem. Rafaela, 24 anos, DJ, Estudante de Educação Física.

Casal 4 (Gays): Eliéu, 52 anos, Cabeleireiro, Fotógrafo, Administrador de sites, blogs e redes Sociais. Orlando, 25 anos, Carpinteiro, Fotógrafo, Administrador de sites, blogs e redes sociais.

---

<sup>21</sup> Foram adotados nomes fictícios para cada um dos personagens que aparecem ao longo das idas a campo.

O trabalho que descreverei nas próximas páginas acontece na cidade de Juiz de Fora, no Estado de Minas Gerais e simultaneamente em Niterói, no Rio de Janeiro (com um dos casais entrevistados) e tem, como já citado na sua introdução, seu recorte focando o estudo da conjugalidade e monogamia procurando descrever e interpretar os significados na atualidade das relações conjugais em pares monogâmicos (heterossexuais, *gays* e lésbicos) das camadas médias. Segundo Durham (2004), são nesses “pedaços de sociedade” e observando as “comunidades, como se fossem aldeias indígenas” que aplicamos nossos métodos etnográficos e conseguimos à partir deste espaço criar um “retrato multidimensional da vida social” (p.21).

Foram selecionados quatro casais de maneira aleatória, através de indicações de amigos que tentaram indicar nomes de prováveis pessoas que não se importaria em contribuir para este estudo. Cada um dos casais foi contatado de maneiras diferentes, mas com todos eles estabeleci regras similares no contrato verbal estabelecido o qual eu explicava minhas intenções de estudo, como seriam os procedimentos éticos para a publicação do material e como planejava os encontros com cada um.

Para estabelecer um vínculo razoável com as pessoas envolvidas, afinal de contas como sugere Da Matta (1978) quando cita que as informações só aparecerão se houver uma identificação positiva de ambas as partes que compõem a pesquisa, propus que os primeiros encontros se dessem apenas com a intenção de nos conhecermos sem muitas pretensões. Quis com isso ampliar o contato com meus grupos de casais, pois afinal de contas, certamente entraríamos em discussões íntimas já que estaríamos falando de relacionamentos. Outra proposta era a de que os encontros se dessem não somente em seus lares, mas sim, nos ambientes de trabalho e de lazer de cada um de acordo com suas possibilidades<sup>22</sup>.

A disponibilidade de todos foi surpreendente para mim, pois, acostumado com o ambiente de um consultório de psicologia aonde muitas vezes, os primeiros encontros se dão de maneira muito formal e recheado de desconfianças, ao contrário, fui recebido com a tranquilidade de quem se recebe um bom amigo ou uma visita agradável.

O casal 1 (Xênia e Fernando) chegou até mim por indicação de conhecidos em comum com Fernando. Eles são de Juiz de Fora, possuem respectivamente 36 e 29 anos e estão morando

---

<sup>22</sup> Seguindo os passos de Malinowski (1979), tive portanto, como propósito, vasculhar de maneira intensa, quaisquer dados que me fossem oferecidos pelos meus “índios” e o seu cotidiano tribal não perdendo nenhum fato de vista, além de evitar julgamentos pré-conceituosos e me apoiando na teoria antropológica para gerar possíveis questionamentos.

juntos há quatro anos em um apartamento no centro da cidade. Fernando é psicólogo e Xênia comerciante, não possuem filhos, mas este é um desejo declarado para ela, mas que porém, a assusta também e ao rapaz. Meu primeiro contato foi via “MSN” (*chat de Internet*) aonde os adicionei e expliquei como seria o trabalho e então agendamos nosso primeiro encontro.

O casal 2 (Manoela e Manoel) são o único casal de Niterói. Sem explicações, talvez não fizesse sentido algum entrevistar este casal de fora da cidade de Juiz de Fora já que os outros três o são. O fato é que, quando procurava pares para minha pesquisa, fui apresentado a eles que estavam presentes num evento familiar de uma velha amiga em comum e quando souberam do trabalho que estava sendo realizado por mim, se ofereceram de forma muito empolgada em ajudar. Para ficar mais interessante<sup>23</sup> me relataram que seu namoro se iniciou através de um *site* de relacionamento virtual que, segundo ambos, “*estava na promoção naquele mês*” e por isto entraram para tentar encontrar um namorado/namorada. Só após todo esse bate papo, que daria por si só uma excelente etnografia, fiquei sabendo que eram de Niterói. O problema então foi que, a esta altura, já faziam parte da história e seria contraproducente perder sua contribuição para esta pesquisa, mesmo que isto me custasse algumas viagens para sua casa. Manoela tem segundo ela “*por volta*” de 45 anos, é professora (doutora) de uma faculdade particular reconhecida em todo Brasil. Manoel tem 50 anos, é funcionário público federal e é pai de Tomás, um filho já adulto fruto de seu primeiro casamento. O casal possui um filho de 6 anos, Visconde, e moram em dois imóveis simultaneamente, um apartamento no centro e outra num condomínio na região litorânea, nas quais, de acordo com o “*período do ano*”, ou a “*temperatura*” ou “*bom humor*” do casal transitam de uma para a outra.

O casal 3 (Maria e Rafaela) moram juntos a 2 anos. Maria tem 25 anos e está cursando a faculdade de enfermagem além de ser sócia de um comércio com o pai e de ser *percursorista freelance* para artista locais. Rafaela tem 24 anos, faz educação física e é *DJ* em festas particulares e Juiz de Fora. Cheguei até elas através da indicação de Xênia (casal 1) que é conhecida de Maria. Elas moram juntas no bairro Cascatinha, um tradicional bairro de classe média e alta da cidade.

---

<sup>23</sup> Principalmente interessante para mim, pois apesar de ser um tema instigante fruto de muitas pesquisas, reportagens e de interesse público, recebo em meu consultório, uma série de pessoas, que, por diversos motivos começam a se utilizar do meio virtual não mais apenas para conversar e flertar em chat's ou redes sociais (*Orkut, Facebook, MSN, etc*), mais para buscarem agências especializadas em formar pares estáveis.

O casal 4 (Eliéu e Orlando) estão casados a pouco mais de 3 anos. Eliéu tem “*um pouquinho mais de 50 anos*” segundo ele próprio é cabeleireiro, fotógrafo e administra *sites, blogs* e redes sociais, foi com ele o meu primeiro contato que ocorreu através da sugestão de amigos em comum. Trata-se uma pessoa muito cativante e alegre, com um humor de dar inveja a qualquer um, fez do nosso primeiro encontro um momento de descontração e alegria, que para um etnógrafo em começo de carreira é bastante importante e motivador. Orlando tem 25 anos é carpinteiro, fotógrafo e administra *sites, blogs* e redes sociais juntamente com Eliéu. O casal mora num apartamento no bairro Jardim Glória que também é um dos grandes e tradicionais bairros da classe média juizforana.

Observando cada um dos meus entrevistados, já logo nos primeiros encontros, percebi que se tratava de um universo de muitas diferenças e muitas características em comum. São de forma geral, pessoas que transitam entre um bom ou alto nível intelectual. Mesmo Orlando, apesar de ter vindo de uma classe social mais baixa, se adaptou rapidamente, pelo que percebi, ao convívio com os amigos de Eliéu e a sua condição social.

Diferente das etnografias com nativos, aonde o período de adaptação pode ser demorado e repleto de percalços<sup>24</sup>, iniciei portanto a minha entrada no campo ora com uma certa inibição, ora com tranqüilidade. Ao término porém, das primeiras entrevistas, o etnólogo, ao meu ver, já estava “incorporado” e em pleno trabalho de absorção do universo do outro.

## **2.2. Etnografias**

### **2.2.1. Regras, organização, cumplicidade e uma mulher no comando: o casal Xênia e Fernando**

#### **A casa e o casal**

“*Que apartamento lindo!*”, foi o que me veio à cabeça assim que entrei pela porta da sala do casal Xênia e Fernando. Trata-se de um belo apartamento adquirido por Xênia no meio do ano de 2010 e no qual eles se mudaram em janeiro de 2011. Ambos, com a altura um pouco superior a 1,70 metros, pele clara, cabelos e olhos castanhos e cacheados. Se dissessem que eram irmãos

---

<sup>24</sup> Vide a produção do vídeo “*Tales From The Jungle*”, produzido pela BBC sobre o trabalho de Malinowski nas Ilhas Trobriand. No vídeo, trechos de seu diário de campo tardiamente publicado, revelam a angústia de sua estada no campo e a difícil adaptação para que o trabalho pudesse ocorrer da melhor forma possível.

seriam convincentes nesta afirmativa. O que os diferencia de forma mais aparente é o fato dela ser magra e ele não.

Logo no corredor encontra-se um vitral transformado em quadro dando um ar bucólico ao local, e em seqüência uma série de móveis adquiridos em antiquários ou feitos por encomenda, segundo informações posteriores de Xênia, que passaram-me uma impressão de casa de interior aqui em Minas. Mesinhas de madeira envelhecida, toalhas de crochê, um “Buda”<sup>25</sup> logo na entrada, luminária de cobre, cestinhos de palha e sisal, potes de cerâmica, namoradeira, pote de bala em formato de “Fusca”, uma cristaleira repleta de copos, vidros, garrafas e cristais sempre tendendo ao antigo, estante de ferro em formato de planta cheia de vaquinhas, galinhas e outros artesanatos em madeira, um violão, um lustre de pano e arame feito a mão, abrem passagem para um segundo ambiente que me fez sentir quase que subitamente em outra casa. Xênia comenta: *“quando olho para esta casa me lembro de quando eu era menina e das coisas que havia lá e que eu nem via como importante mas que me dão saudades hoje”*.

O ponto divisório entre o antigo e moderno é a mesa de jantar que encontra-se no meio da sala. Possui um *design* contemporâneo mas que se mantém ainda coberta por uma cumprida toalha feita em “Ponto de Cruz” por Xênia. A partir deste espaço encontram-se móveis grandes, modernos, claros, os adornos tomam uma forma mais abstrata, aparecem bonecas chinesas, potes, bolas de vidro, peças em metal, uma televisão de 44 polegadas conectada a um laptop e à Internet unidos a móveis projetados com a ajuda de uma arquiteta, que também foi a responsável pela obra de quase seis meses que apartamento sofreu logo após sua compra. Toda esta vista pode ser observada da cozinha pois existe somente uma bancada que separa os dois cômodos. *“Eu pensava muito no futuro e no que eu teria quando crescer. Hoje eu posso comprar praticamente tudo o que eu sonhava e o que eu nem sonhava que existiria”* comenta Xênia. Seu marido diz que gosta das modernidades: *“como é que a gente podia viver sem o computador e sem celular?”* referindo-se ele a menos de duas décadas atrás.

Saindo do chão em madeira e entrando no piso em cerâmica branca da cozinha, nada mais lembra o passado, trata-se de uma cozinha *high-tech* com fogão de cinco bocas, um exaustor que mas faz parecer que estamos num restaurante, geladeira duplex, microondas, filtro de água elétrico, forno elétrico e outros diversos aparelhos elétricos comprados pelo casal além de uma

---

<sup>25</sup> Xênia me explicou que colocar o Buda (Representante maior da religião Budista) próximo da porta, traz prosperidade, sorte e felicidade para os moradores daquele lar.

série de móveis planejados que em muito facilitariam a vida do responsável pela comida da casa. A ironia de todo este aparato culinário é que nenhum dos dois cozinha e também não possuem empregada. Encontra-se, por exemplo, um botijão de gás ao lado do fogão que não é trocado há quatro anos. Dentro de sua geladeira havia uma caixa de suco industrializado (pronto para beber), uma caixa de leite, refrigerante, iogurte e muito, mas muito espaço vazio. O freezer da geladeira era composto por, bifes de hambúrguer, pizza pronta e gelo.

O significado do cozinhar e do alimentar-se não parece ser, num primeiro momento de observação do casal, um dos pontos em que este estabelece a relação de conjugalidade e de construção de papéis de diferenciação. Por outro lado, a maneira de decorar a casa e a escolha dos objetos parece definir e construir uma identidade ao casal.

Como se pôde observar, seguindo a trajetória do apartamento, existe um corredor que nos leva aos quartos e banheiros do apartamento, nele não há enfeites ou quadros. Ao fundo uma parede decorada com pedra “São Tomé” com uma pequena luminária ao centro.

Na primeira porta à esquerda encontra-se o escritório deles aonde de um lado, um grande móvel que ocupa toda a parede e foi construído para ser a biblioteca do casal, com centenas de livros, desde antigas coleções, romances e livros técnicos, aos livros espíritas de Xênia e do outro, uma bancada que também atravessa a parede de fora a fora e é dividida por dois: duas cadeiras, dois computadores, duas luminárias.

Os espaços são bem delimitados na casa, segundo Xênia, devido ao “*modo de ser de cada um*”. O que parece demonstrar uma autonomia e ao mesmo tempo uma relação de igualdade nesse ambiente comum de convivência. Assim dividem o escritório ao meio, na sala existe a cadeira exclusiva de Xênia, computadores são exclusivos, o banheiro da suíte é dela e o social dele, o segundo quarto do corredor (quarto de hóspedes), hospeda as roupas de Fernando enquanto o *closet* da suíte é exclusivo da esposa.

Voltando ao quarto de hóspedes, trata-se de um cômodo simples se comparado aos outros na casa, possui uma cama de casal, uma televisão, o guarda roupa (que Fernando guarda seus pertences), uma cômoda com umas caixinhas de madeira como enfeite e nada mais.

Quanto à suíte, esta possui uma grande cama de casal, com um televisor de LCD de 44 polegadas na parede, dois criados mudos e o closet de Xênia.

Quanto aos banheiros, tanto o social quanto ao o da suíte, ambos foram construídos com muita beleza, mármore e porcelanato impecável e decorados com acessórios elegantes e sofisticados.

Percebe-se portanto que o apartamento como um todo, foi adornado nos mínimos detalhes, tratando-se de uma moradia composta por uma série de móveis, enfeites, quadros, dos mais rústicos aos mais modernos. Cabe aqui uma atenção especial à limpeza extrema que se encontra todos os cômodos da casa. Não há vestígio de poeira, mais tarde, Xênia revelou ser uma alérgica severa.

Chamou-me a atenção após o *tour* pela casa que, apesar da beleza e de toda a estética e enfeites, não se vê uma única foto do casal nas paredes ou em porta retratos.

Quando fui visitá-los pela primeira vez, no caminho para sua casa, ligaram para meu celular e pediram para eu trazer um pó de café. Chegando lá descobri que era só para me agradar pois não tinham o costume nem de tomar, nem de comprar café, porém, tinham todo o aparato tecnológico para fazê-lo, com um mero detalhe: não sabiam fazer. Isto não foi um problema para mim, que acabei por fazer o café e apesar de tentar mostrar como se faz, não obtive interesse de ambos, que por sinal, me deixaram sozinho na cozinha. Outro detalhe ainda referente ao café: casa não possuía açúcar. “*Nunca compramos açúcar*”, disse Xênia a mim e deixando o marido muito envergonhado, foi até o porteiro buscar uma xícara de café. No fim das contas, fiquei sozinho na cozinha tomando café enquanto Fernando lia uma “*Superinteressante*”<sup>26</sup> e Xênia mexia em seu *netbook*.

Terminei meu solitário café e segui em direção à sala aonde os dois se encontravam. Começamos a conversar sobre coisas da política de Juiz de Fora. Percebi que estávamos tentando buscar um ponto em comum aonde encontrássemos um foco confortável de conversa para todos. Em certo momento voltamos à questão da vergonha que Fernando sente em certas atitudes de Xênia e afirmou que fica em vários momentos envergonhado com as atitudes da esposa, ele é uma pessoa mais reservada, com gestos polidos e fala mais erudita. Preocupa-se de como vai se vestir para receber as pessoas em casa, não gosta que a mulher conte coisas íntimas que possam envergonhá-lo, é atencioso e buscou tentar me agradar o tempo todo. Xênia estava com um

---

<sup>26</sup> Revista mensal da Editora Abril. “Surpreendente, dinâmica, bem-humorada, SUPERINTERESSANTE aborda grande diversidade de assuntos como comportamento, saúde, tecnologia, futuro, história, aventura, ciência. Tudo de um modo simples, claro, ilustrado e divertido! Uma revista para ler, pesquisar e guardar!” (FONTE: [www.assine.abril.com.br](http://www.assine.abril.com.br))

moletom “surrado” em casa, é mais espontânea, fala sobre a intimidade do casal com muita tranquilidade e em certo momento, com esta mesma roupa, foi ao supermercado que fica logo ao lado do seu prédio. Isto em nada agradou Fernando que disse: *“ela é sempre assim, não muda”*. Ela sorriu, e não pareceu se importar com as críticas do marido. Contam que uma vez a sogra de Xênia disse ao filho que: *“apartamento bonitos vocês já tem, agora só falta a Xênia fazer um curso de boas maneiras”*. Pelo que me explicaram, não existe uma boa relação entre a sogra e a nora, lidam uma com a outra mas sem muita intimidade. Isto, segundo seus relatos, incomoda profundamente Fernando que gostaria de uma convivência mais tranquila, porém admite que: *“minha mãe é uma pessoa complicada para se lidar”*. Um dos impasses, por exemplo, da ida da sogra na casa do casal é o fato dela (a sogra), fumar compulsivamente. Xênia não admite que se fume em sua casa e diz em nossa conversa: *“nem meu padrasto fuma quando vem aqui, se quiser fumar pode descer o elevador e ir na área aberta do prédio”*. Fernando compreende sua posição, afinal de contas, dentre os problemas respiratórios referentes à alergia de Xênia inclui-se uma “pesada” crise de bronquite. E por conta disso, a ida da esposa na casa da sogra se torna complexa pois a mesma não interrompe o fumo perante sua presença. Dizem que às vezes, como forma de *“boa vontade”* ele procura fumar na cozinha porém quando surge determinado assunto que a interessa na sala, ela *“coloca a cara para dentro da sala e segura o cigarro para dentro da cozinha”* afirma Xênia. Fernando fica bastante constrangido com este assunto, não discorda com as palavras da esposa mas se angustia com esta relação problemática. Xênia comenta que o marido também tem uma relação complexa com a mãe pois ele saiu de casa para morar com ela *“sem formalizar a saída”* perante mãe.

Formalizar é uma palavra do cotidiano de Fernando. Foi aprovado num concurso: vinho e petiscos para comemorar; aprovou um artigo numa revista: pizzaria à noite; chegaram de uma viagem: encontro familiar para apresentação das fotos; irmã se apresentou num teatro: reserva de mesa no restaurante. Xênia sobre este aspecto se diz bem mais *“largada”* que Fernando e não se preocupa em marcar esses encontros comemorativos, ainda assim, diz que está acostumando com este jeito de ser do marido. Este relato demonstrou-me, a princípio, uma relação em que cada um respeita a maneira de ser do outro, cada um tem suas particularidades e que foram mantidas após a união conjugal, ou seja, não foi percebida uma tentativa de enquadrar um no jeito do outro.

Fernando retoma a palavra e diz que também está tentando se acostumar a cada dia com o jeito de sua esposa. Estão juntos há mais de quatro anos e há muitas diversidades entre eles.

Percebo neste casal, antíteses que são verbalizadas o tempo inteiro. Na seqüência de nossa conversa vão revelando dados que comprovam minha observação. Gostam de filmes diferentes, segundo Xênia “*filmes para não ter que pensar*” e o marido de filmes “*cabeça*” aonde, obviamente, ao final do filme, busca discutir pontos de vista, considerações e avaliações sobre o mesmo. Um detalhe que Fernando nos conta sobre este aspecto é o fato de sua esposa dormir na maioria dos filmes que ele coloca para ver. Xênia me relata que adora botecos. Neste instante reparo o rosto de Fernando fazendo uma “cara de quem odeia” freqüentá-los. Disse também que sempre gostou de dançar, principalmente um “*forrozinho*” no final de semana: cita o termo “*relacoxa*”.<sup>27</sup> Assistio novamente outra careta de Fernando. Xênia ri sem se importar. E assim continuam a falar. Fernando gosta de ir em clubes, praticar esportes, eventos sociais mais formais e Xênia não. Fernando quer conhecer Nova Iorque e Xênia quer visitar o Vaticano. Xênia abomina o Frio e Fernando quer conhecer a neve. Fernando é do Rock e Xênia da música do interior.

Todo aquele assunto me instigou a querer saber o que então há de comum a este casal? O que faz com que eles sejam um casal? Quais são os momentos de trocas e de relação que formam uma relação de conjugalidade?

Enquanto conversávamos na sala Xênia se ausentou por um período para ir ao mercado comprar um lanche. Durante este período Fernando me disse que tocava violão e que andava muito cansado com a quantidade de trabalho e de livros que estava lendo. Gosta muito de ir ao cinema e não tem paciência para fazer comida em casa. “*Compramos tudo pronto ou comemos na rua*” me disse. Normalmente, segundo ele, almoçam na rua e lancham em casa à noite como faríamos naquele encontro. Xênia chegou minutos depois trazendo, duas pizzas: uma de presunto e queijo, outra de frango com “*catupiry*”. Assou as pizzas e as serviu com coca zero e H2O. Comemos e logo após Fernando me conduziu até a sua janela para ver o “*visual da rua*”, ali, identifiquei uma velha casa aonde morei na minha adolescência, senti saudades. Fernando fala de seu apartamento com o orgulho de quem, está melhorando de vida aos poucos através de muito trabalho e esforço. Um tempo depois, Xênia aparece na sala vestindo um pijama de moletom que me pareceu extremamente quente para a ocasião e então me senti na obrigação de despedir do casal que não colocou objeção. Levaram-me ao elevador e combinei que iria ligar para agendar

---

<sup>27</sup> Xênia me explicou que “Relacoxa”, usado numa linguagem coloquial, tem o sentido de dança; ralar uma coxa da perna na outra do parceiro.

um próximo encontro. Pedi para que se caso fossem algum dia passear e eu pudesse estar presente, que me avisassem.

### **A ida ao cinema**

Era segunda feira, próximo ao horário do almoço, quando Xênia me telefonou dizendo: “*e ai, vamos ao cinema?*”. Chamaram-me para acompanhá-los ao *shopping* na sessão da noite. Foi ali, ao chegar no *shopping*, que descobri o primeiro ponto em comum do casal: 19 horas não são 19 e 10. Estavam com uma cara de quem haviam me esperado por horas e Fernando não tardou a comentar: “*pensei que tivesse havido algum problema*”. Abri um sorriso sem graça e disse que não, “*foi só o trânsito que não contribuiu*”. Desculpas ineficientes foram acompanhadas de comentários monossilábicos por parte dele: “*tá*”. Aprendi a primeira lição com este casal. “*Chegue sempre na hora!*”. Ficou claro para mim, que o fato de viverem de acordo com uma série de regras, horários seguidos à risca, e também de possuírem uma casa bastante organizada, mantida por ambos, extremamente limpa e detalhista na decoração, faziam com que este casal construísse uma relação, a partir desses princípios, e esta seria forma criada, para que, naquele espaço, pudesse existir uma conjugalidade.

Seguimos ao corredor que nos leva ao cinema porém, como estava ainda cedo para nossa sessão, compramos os ingressos para assistir “Os Smurfs” e então sugeriram que fôssemos lanchar pois estavam com muita fome. Saímos da fila do cinema e Fernando nos convidou a passear na “Livraria Saraiva”. Não contentes por apreciarem apenas as vitrines, entraram para olhar os livros. Xênia rodou um pouco mais e logo caiu na sessão de livros espíritas enquanto Fernando se encaminhou para os livros de psicologia. Segui Xênia por instinto, talvez também por ter sido a primeira a se decidir para onde iria. Disse-me que já havia lido a grande maioria dos livros que se encontravam ali, desde os livros teóricos aos vários romances espíritas. Disse-me também que desde jovem escutava nos centros espíritas que freqüentou que ela era “médium”, porém riu afirmando que: “*nunca ouvi nem vi nada, não sinto nada nem arrepio*”. Contou-me que não gosta de falar de espiritismo na frente de Fernando pois ele fica impressionado com as histórias e depois passa dias falando naquilo. “*Ele não acredita mas fica com medo depois*” afirma Xênia ao mesmo tempo que ri de sua própria fala. Segundo ela, seu marido não se liga em religião nenhuma, mas com a convivência do casal ele teve que se habituar a ver a esposa falar desses assuntos, que não são freqüentes, mas que acabam, vez ou outra,

fazendo parte das conversas do casal ou quando estão perto de amigos de Xênia que também são espíritas. Nas reuniões que costuma ir às sextas feiras, teve sua companhia em algumas, mas como explica Xênia: *“o centro que eu vou ultimamente é kardecista, portanto, agente só assiste a palestra e toma um passe, não acontece nada de esquisito”*. Porém, anos antes e durante sua adolescência, Xênia também frequentou além dos centros Kardecistas, centros de Umbanda e afirma que levar Fernando, num local como este, seria problemático pois ele, com certeza, ficaria bem *“mexido”*. Fernando chega até aonde estávamos e disse que deveríamos ir lanchar para que não nos atrasássemos. Seguimos então, mais uma vez, para a praça de alimentação.

No caminho Fernando me conta que não consegue vir ao shopping sem passar na “Saraiva” e também que gostaria de ter mais dinheiro para comprar livros. Contou-me que a maioria de seus livros atuais são comprados pela Internet e alguns comprados, em língua inglesa, direto do exterior. Já Xênia, compra quase todos os seus livros, em sebos virtuais.

Uma característica clara no casal que estava ficando cada vez mais explícita, era o fato de que quem possuía bens e dinheiro era a esposa, porém ela era “pão dura” como se intitulou por algumas vezes, e Fernando, que tinha um menor poder aquisitivo, era definitivamente, o mais “mão aberta”. Percebo aqui que, pela primeira vez, aparece no casal uma construção de uma diferença que os coloca em hierarquia, resta perceber se essa hierarquia gera jogos de poder e definição de posições sociais e conjugais.

Fernando não é um dos maiores fãs de sebos, respeita a conduta da esposa mas evita comprar, *“a não ser quando é inevitável”* diz. Ele é fã de produtos que tem “marca” pois segundo ele, são os melhores e também porque assim foi criado desde pequeno e não consegue enxergar de outra forma. Já Xênia, olha o preço de tudo, só anda com cartões de crédito e débito, nunca anda com uma única cédula de dinheiro na carteira afirmando que *“é pra não gastar com besteira”*. Suas roupas são de lojas populares, *“não gasto dinheiro com coisas caras”* disse-me.

Apesar disso, não significa que Xênia que não tenha seus luxos. Por ser a detentora do dinheiro, dona do maior salário da casa, dona de seu apartamento, dona do carro do casal e de custear a maioria das despesas fixas da casa, também foi a responsável financeira que contratou a obra e transformou seu velho apartamento, numa moderna e luxuosa moradia, com direito a TVs de LCD, móveis planejados em todos os cômodos por arquiteta, decoração de primeira e ainda, vários aparelhos tecnológicos em todos os locais da casa.

Por fim, chegamos aonde queríamos. Xênia sugeriu que comêssemos no *Bobs* e assim foi. Enquanto esperávamos nosso pedido, Xênia comentou que precisaria perder alguns bons quilos pois pretende engravidar em breve. Do rosto de Fernando vêm uma cara tão distorcida que me passa uma impressão de não ser nem de longe, a paternidade, um sonho seu. Disse-me que não sabe se está preparado para ser pai e acha que um filho impediria seus planos profissionais de estudar fora da cidade e do Brasil. Xênia disse que este era um velho sonho que estava “*com o tempo contado*” pois já não era uma jovem mulher. Ainda assim, afirmou se sentir insegura e com medo da maternidade.

Os sanduíches estavam prontos. Já com uma certa pressa, comemos e tomamos nossos refrigerantes quase sem nos comunicar. Saímos em cima da hora e fomos para a fila do cinema.

O casal estava à minha frente na fila e então reparei uma inversão que até então não tinha me dado conta. Ela que, segundos seus próprios relatos, se veste de qualquer jeito, estava com um belo vestido todo estampado e um sapato de salto que lhe davam um belo visual. Ele vestido de bermuda, camisa de malha e tênis que lhe davam um ar adolescente.

Passado alguns poucos minutos Xênia começa a se queixar da demora para a fila começar a andar. Explicou-me que sua coluna não era nada boa e que já havia passado por uma cirurgia de hérnia aonde não obteve sucesso. Relatou que sentia fortes dores e que, para sua tristeza, havia parado de dançar (neste instante Fernando faz cara de alegre pois não gostava de dançar). As noitadas, que eram freqüentes em sua vida, se reduziram a umas raras saídas de vez em quando com os amigos, mesmo assim o local deveria ser escolhido “a dedo” devido às cadeiras que precisariam ter um certo conforto ou senão ela não duraria no local mais do que poucos minutos. Xênia, lamentou-se sobre sua condição física e relatou que este fato havia obrigado-a a mudar muito e se transformar em outra pessoa. Não aceita a condição de ser limitada por “*uma coluna cheia de problemas*” como ela mesma diz, porém compreende que as crises de dor que sente ao “exagerar” com o corpo, são tão fortes que não há como ser diferente. “*Tomo remédios fortíssimos e dependendo da crise a dor não passa nem com eles*”. Cita também que vive “*24 horas*” com dor e não sabe o que é não senti-la. Este também, segundo Xênia, seria outro motivo para se preocupar caso viesse a querer engravidar.

A fila começa finalmente a andar e rapidamente entramos na sala de exibição. Nós três ficamos “vidrados” no filme do início ao fim, sendo que, de vez em quando, eu olhava para o casal mas não havia nada o que fazer. Estava “cada um na sua”, ninguém namorou.

Acabado o filme, Fernando e Xênia foram em direção do estacionamento. Parei então para me despedir deles. Fernando me perguntou como eu iria para casa e eu então disse-lhe que pegaria um táxi na porta do *shopping*. Numa recusa à minha afirmação, perguntou aonde eu morava e afirmou que me levaria até em casa pois tratava-se do mesmo caminho até a sua. Descemos então até o andar do estacionamento, Fernando pagou o *ticket* e fomos embora. Como Fernando já havia dito que gostava de conversar sobre os filmes que viam imaginei que haveria algum assunto sobre este, porém nada aconteceu. Era um filme simples demais e Fernando gostava de discutir assuntos existenciais, fato este que seria impossível em sua visão, após assistir “*Os Smurfs*”.

Chegamos até minha porta, despedi do casal, agradei o convite e disse que em breve poderíamos nos encontrar novamente se isto não fosse um problema para eles. Ambos concordaram com o futuro convite. Avisei que manteria contato.

### **A ida ao bar**

O próximo encontro ocorreu novamente por demanda deles: era um domingo e eu havia saído com a minha família para almoçar em Itaipava (Rio de Janeiro), por volta das 16 horas meu celular tocou e vi que Xênia estava me ligando. Brincalhona ela me disse: “*acorda caboclo, estamos pensando em sair para tomar uma cerveja em algum lugar aberto, o dia está lindo*”. Disse a ela que não estava na cidade mas que chegaria por volta das 17 horas em Juiz de Fora e que ligaria para o casal assim que estivesse disponível. Ela então não perdeu tempo de fazer uma nova piada dizendo que “*gente chique é outra coisa! Vai pra Itaipava só pra almoçar!*”. Rimos ao celular nos despedimos. Apesar de todos os casais estudados nesta pesquisa serem pessoas sempre disponíveis mesmo quando estão bastante ocupados em seus trabalhos, o diferencial desses dois é o fato deles se anteciparem por, pelo menos duas vezes, para marcar um encontro.

Cheguei a Juiz de Fora pouco depois das 17 horas. Percebi que havia uma mensagem de Xênia com os seguintes dizeres: “Fomos dormir, e assim que acordarmos, te ligo”. Fiquei aguardando a ligação na casa da minha mãe. Em torno de 19 horas Xênia me telefona e diz que passaria aonde eu tivesse para me pegar. Alguns minutos depois estávamos a caminho de algum lugar que não sabíamos aonde. Queriam um espaço aberto com vento e tranquilidade. Sugeriram então um barzinho no bairro Passos, uma região repleta de casas noturnas muito boas para um bate papo de final de noite. Enfim, devido talvez ao calor que fazia naquele dia, as mesas das

calçadas estavam sempre lotadas e isto fez com que os planos do casal fossem alterados. Nesses momentos Fernando sempre muda de humor, não gosta de ser contrariado em seus planos, começa a se queixar, a reclamar de azar, dizer que “sempre acontece isto com ele” e então acontece uma discussão interessante entre o casal. Xênia pede para Fernando se acalmar e este diz: “isto é porque essas coisas não acontecem com você!”. Xênia balança a cabeça, confirmando a afirmativa do marido e mantém um sorriso sarcástico na boca. Fernando continua agora remetendo-se a mim: “se ela precisa de uma vaga, nem que seja a única da rua, ela está lá esperando pela Xênia”. Cita que a sorte está presente na vida da mulher em todos os momentos e nos mínimos detalhes. Segundo Fernando, ela consegue tudo o que quer, nada é difícil para ela, e as coisas vão fluindo de tal forma que ele fica muito irritado com isto. Depois cita que com ele é diferente. Nunca há vagas, sempre as coisas tendem a dar errado e serem mais difíceis. Mantendo-se risonha e concordando com tudo com uma balançar de cabeça, Xênia permanece em silêncio.

Ao sentir que as possibilidades do encontro estavam cada vez mais remotas, quando Fernando diz: “*já era, vamos pra casa*”, sugeri então um bar. Seguimos em direção ao local acompanhados de um silêncio do casal. Somente minha voz era ouvida para direcionar Fernando a chegar em nosso destino.

Chegamos enfim a um bar no bairro cascatinha, conhecido como “Bar da Árvore”. Trata-se de um espaço diferente, uma construção toda em madeira literalmente em cima de um grupo de grandes árvores. Para se locomover de um cômodo a outro, algumas vezes passamos por estreitas palafitas de madeira, tudo entrelaçados entre galhos, mesas, luzes. Realmente um espaço exótico que chamou a atenção do casal e agradou a ambos. Ficamos rodando aquele “labirinto” e descobrindo os espaços do local, alguns deles eram do tipo “casinhas em cima da árvore” daquelas que aparecem em filmes americanos. Os lugares mais altos não agradaram à Xênia que optou por um tronco mais robusto e num espaço maior. Ainda assim, a cada tremida do local quando alguém se levantava ou quando Fernando dava uns pulinhos na cadeira, promoviam uma certa tenção no rosto de Xênia que arregalava os olhos e dizia “*ai meu Deus*”.

Fernando e Xênia estavam com fome e logo procuraram descobrir como chamariam o garçom naquele lugar, pois tudo fica isolado no local, num estilo “cada macaco no seu galho”. Lembrava-me que existiam campainhas próximas a cada mesa para acionar o serviço mas como fazia muitos anos (mais de 15) que eu não ia àquele local, fiquei perdido e optei por ver o casal

em ação. Não tardou porém com que um garçom chegasse até nossa mesa, nos explicasse como proceder para chamá-lo e entregasse o cardápio.

“*Pra mim, uma Skol bem gelada!*”, disse Xênia. Fernando pediu uma Coca e eu, lembrando-me ainda do almoço em Itaipava, disse: “*uma água com gás por favor*”. Não tardou porém, após um momento de silêncio do casal com seus cardápios em mãos para que Fernando fosse acionar a campainha (que na verdade tratava-se de uma luz que acendia na recepção, indicando o local chamado). “*Meu amigo, uma porção de batatas com queijo e outra de bolinho de queijo*” disse Xênia.

Sempre percebo que Xênia toma a frente das coisas e, desta vez, para não perder o assunto, provoquei a pergunta: “como são tomadas as decisões do casal?”. E a resposta veio um pouco óbvia num primeiro instante, mas não tardou a revelar detalhes do casal logo em seguida. “*Conversamos e chegamos juntos às conclusões*” disse Xênia que fora logo em seguida, traída pela “cara torcida” de Fernando. “*Não é assim não*” perguntou Xênia ao marido. Agora, o tom irônico, mas também de desabafo e lamentação veio da fala de Fernando ao dizer que, cede muito aos pedidos de Xênia para evitar sua cara emburrada. Xênia retruca e diz que emburrado é ele que passa vários dias remoendo coisas nas quais ela esquece geralmente em “*15 minutos*” como ela própria diz. “*Ela é folgada*” diz Fernando, “*para você ter uma idéia, ela se deita todas as noites e começa: - Fernando, pega água pra mim, aproveita e vê se as portas e as janelas estão trancadas*”. E ainda, “*pega uma meia pra mim*”, “*bota a meia no meu pé*”, “*atende o telefone*” cita o rapaz em sua queixa. Segundo Fernando, sua esposa “*se aproveita*” do problema de coluna para não fazer esforço algum e como ele diz: “*ela muitas vezes exagera só pra não ter que fazer alguma coisa porque está com preguiça*”. Xênia ouve as queixas do Marido enquanto come suas batatas com queijo porém, logo após Fernando fazer a pergunta: “*não é assim Xênia?*”, ela desfaz o sorriso irônico e diz: “*Fernando não pega o telefone sequer para encomendar um sanduíche*”, relata que sua coluna tem realmente uma série de limitações e até aceita que “*abusa à vezes da boa vontade do marido*”.

Xênia relata que pede ajuda sempre nas coisas da casa que exigem algum tipo de esforço mas que a administração, pagamentos, contratação de serviços, tomadas de decisão que envolvem gastos, de maneira geral são comandadas por ela. Xênia diz: “*quando pego uma coisa pra fazer, eu resolvo esta coisa*”. Relata que foi criada como única filha mulher num grupo de quatro irmãos aonde sua mãe, mulher de negócios e “*homem da casa*” como a própria Xênia intitulou,

ensinou-a desde cedo a “*se virar sozinha pelo mundo sem depender de homem algum*”. A mãe era divorciada e abriu um comércio de roupas populares e assim criou todos os filhos e ainda fez um patrimônio razoável com o qual pode encaminhar cada filho a seguir seu próprio negócio. Todos são comerciantes, todos, segundo Xênia, obtiveram sucesso em seus empreendimentos, conquistados segundo ela “*com muito trabalho que nunca para, assim é o comércio*”. Se diz frustrada com o seu problema de coluna pois agora tem que delegar ações e isto para ela é horrível. Odeia se sentir limitada, nunca foi assim, gosta de “*pegar no pesado*” mas não mais poderá fazê-lo. Outra frustração também envolvendo o problema é o fato de que não conseguiu perder nenhum quilo de peso e isto estava, além do medo da dor, comprometendo a sua possibilidade de engravidar. “*Preciso perder a partir de agora no mínimo uns sete quilos mas não ando com a mínima vontade de parar de comer*” lamentou-se. Ouvi suas queixas e suas feições eram clássicas de que estava com raiva.

Fernando tomou a palavra e disse que já em sua casa foi criado para “ser o reizinho”. Nunca trabalhou, limpou ou ajudou, em nenhuma tarefa doméstica. Nunca foi solicitado a comprar um pão sequer na padaria. A comida sempre estava pronta, o quarto arrumado, os horários de compromissos agendados e cuidados pela mãe. Vivia num paraíso e não sabia o que era ser frustrado. Já adulto, se queixava-se de ter que ir ao mercado quando solicitado pela mãe. Ficou preguiçoso. Pensa muito antes de se decidir por algo e muitas vezes não consegue chegar a nenhuma conclusão. “*Xênia é diferente*” diz Fernando, “*toma decisões em segundos e resolve problemas em minutos*”. Olhei para ela e reconheci ser verdade os famosos “*15 minutos*” em sua vida, estava rindo e participando de conversa como se não tivesse vivido uma emoção negativa minutos antes.

Quando iniciei esta etnografia, num primeiro momento, Xênia se mostrou como alguém “largada”, mais irresponsável, falando demais, brincando demais. Já Fernando, sempre aparentou ser mais sério, centrado, mais administrador, parecia ter, mesmo que maneira sutil, uma maior comando da casa. Porém com o passar do tempo, foram aparecendo algumas diferenciações que parecem, inverter os fatos inicialmente observados. Essas diferenciações demarcam algumas posições de poder do casal em relação à “tomada de decisões” na condução da vida conjugal, pois nesse caso, Xênia, aparece como a parte dominadora, confrontando assim os estereótipos de dominação masculina. É justamente quando se entra na relação de maneira mais minuciosa que se percebe o comando aparecendo na mão da mulher.

### **A construção da parceria vista pelo casal**

Retomando o assunto, Fernando então cita que quando conheceu Xênia, reconheceu na parceira coisas que não eram suas características. Foi ela que despertou-lhe pela “*primeira vez*” o desejo de morar com uma mulher. Frustrado de alguns relacionamentos anteriores encontrou na esposa requisitos como “*fidelidade, parceria e amizade*” cita. A maneira decidida e alegre de “*levar a vida sem muita preocupação com o amanhã*”, também foram quesitos importantes que o aproximou da então futura esposa. Um exemplo disso, segundo Fernando, era sobre as questões referentes a datas comemorativas na casa de sua mãe. Para se decidir como seria a noite e o almoço de natal as discussões começavam quase um mês antes do evento. Cada um dizia o prato doce e salgado que queria comer e então entravam em votação para chegar à conclusão de quais pratos seriam escolhidos. Fernando hoje percebe que, sempre de alguma forma, os pratos de sua mãe acabavam por ganhar as eleições e se, por ventura, isto não acontecesse, havia um emburramento por parte dela que arbitrariamente fazia o prato votado e também o que ela havia escolhido. Além disso, o fato de convidarem alguém ou não para a ceia ou o almoço sempre geraram polêmicas que acabavam por “*estragar o natal todos os anos lá em casa*” segundo cita Fernando.

Discorre que “*lá em casa tudo é sempre muito difícil*”. Segundo Fernando, todos são muito complicados em sua casa de origem e então quando conhece Xênia vê que existem pessoas que são decididas, resolvem seus problemas de maneira leve e objetiva e isto, para ele, era uma grande novidade. “*Xênia decide um jantar, uma comemoração, poucos minutos antes do evento*” ou ainda, “*demoro dias para programar algumas coisas que, para ela, são decididas em segundos*” cita Fernando. Xênia cita que para ela foi muito complicado conviver com esta maneira indecisa do marido. Nos dias atuais, ainda entra em conflitos com esta indecisão. Ora espera pelo tempo que este precisa para resolver algo, ora passa por cima e faz “*o que tem que ser feito*” segundo ela.

Durante esta conversa, Fernando diz que ainda está com fome e que quer comer mais alguma coisa. Xênia diz então para ele escolher o que quer comer. Ele olha o cardápio e diz “*vou pedir outra porção de bolinhas de queijo*”. Xênia se vira então para o marido e diz: “*não quero isto não, pede batata frita com queijo*”. E assim foi.

Segundo minha percepção e os acontecimentos que estavam se revelando, naquele instante, durante a conversa com o casal, ficou bem claro o poder de comando de Xênia. Este teria a ver, como uma das fontes deste poder, com o fato dela possuir um poder financeiro bem superior ao do marido e com o aprendizado das palavras de sua mãe: “*se virar sozinha pelo mundo sem depender de homem algum*”. Xênia, aproveitando-me de suas próprias palavras, é o “*homem da casa*”. Compreendo porém, que o controle de Xênia, não se dá apenas devido ao poder financeiro. O comando vem também de suas atitudes como anteriormente demonstrei ao relatar sobre a diferença das famílias.

Acabamos de comer as batatas enquanto o casal contava como havia sido o domingo ao qual praticamente dormiram o tempo todo segundo Xênia. Durante a semana trabalham muito e gostam do domingo para descansar. Pegam na videolocadora, quatro a cinco filmes em média por final de semana, mas nem sempre vêem todos. Fora isto, não cozinham em casa e toda sua comida é comprada pronta congelada ou então vem de lanchonetes ou pizzarias. A casa é arrumada por uma faxineira que vai aos sábados e durante a semana procuram atrapalhar o mínimo possível o apartamento.

Pedimos a conta, dividimos seu valor por três e cada um pagou a sua parte. Fomos embora. Aproveitei a carona do casal que me deixou em casa. No caminho, Xênia queixou-se de estar com sono e isto irritou Fernando que disse: “*mas você já dormiu o dia inteiro!*”. Xênia sorriu mas seus olhos realmente estavam começando a fechar. Fernando disse ainda: “*agora ela me deixa sozinha e eu fico acordado até às duas da manhã*”. Depois se queixou que no outro dia em compensação ela acorda às sete da manhã faz um barulho danando achando que “*todo mundo tem que acordar na hora que ela acorda*”. Nessa altura Xênia já nem ligava para o Fernando estava falando. Chegamos até a porta de minha casa e nos despedimos. O dia havia terminado.

### **A decisão sobre ser mãe**

Este seria o nosso último encontro. Estávamos em seu apartamento e havia se passado um pouco mais de um mês desde o anterior. Xênia estava bem mais magra e isto me chamou a atenção levando-me a comentar o fato que resultou na seguinte resposta: “*quando pego uma coisa pra fazer a sério vou até o fim*”. Questionei-lhe o motivo do emagrecimento rápido e ela explicou que tinha a ver com o fato de estar decidida a ser mãe e que, devido à sua coluna vertebral frágil ela deveria perder peso para agüentar os quilos que engordaria com a gravidez. Fernando, que até

então não havia aparecido na sala, entrou na conversa dizendo que aproveitou no momento “*light*” de Xênia para tentar perder algum peso também. Perguntei-lhe então como estava a sua expectativa para a paternidade. Ele torce o nariz para o lado, enruga a testa e diz que talvez nunca esteja preparado para ser pai, mas que compreende que para a esposa, existe um tempo a ser respeitado. Mesmo assustados com esta nova fase da vida de casal, contaram-me que estão indo juntos a todos os médicos de Xênia, informando-se dos riscos da gravidez e das conseqüências do peso sobre a coluna, das dores possíveis de serem sentidas e de como ficaria a vida, inclusive profissional, da futura mamãe. Fernando, sempre alterando sua face com movimentos de boca e olhos que revelavam desconforto sobre o assunto, diz que o fato de ser pai poderá alterar toda a vida profissional do casal. Ele tinha planos de morar por algum tempo na Europa para estudar e para isto, já estava guardando dinheiro há alguns meses. A idéia era levar Xênia com ele ou, pelo menos, fazer com que a esposa pudesse visitá-lo com uma certa freqüência. Com o nascimento da criança tudo se altera, revela Fernando, como poderia viajar com Xênia grávida? Ou ainda, como poderia deixar Xênia no Brasil com um filho para criar e ir para o exterior estudar? Pelas conversas com o casal, fica claro que Fernando não está querendo assumir este novo papel de pai em sua vida mas que respeita as questões que envolvem o desejo de Xênia em querer ser mãe e também respeita o fato dela estar com 35 anos e segundo seus médicos esta ser uma idade aonde seus óvulos ainda não envelheceram, fato que começará a acontecer nos próximos meses e anos. Xênia por sua vez, está apavorada com a questão de sentir dor durante a gravidez. Quanto ao fato de ser mãe existem aspectos que a assustam mas não os mesmos de Fernando. Segundo Xênia, seus questionamentos envolvem dúvidas sobre o fato de se perguntar se será ou não uma boa mãe, se poderá pegar seu filho no colo devido aos problemas de saúde da coluna ou se conseguirá trabalhar menos para olhar mais o filho durante a infância do mesmo. Ela me diz que sua criação ocorreu com uma mãe nunca parava de trabalhar e por isto, cresceu criada por babás e sentindo-se sempre com saudade da sua progenitora. Cita que desde bebê, sua mãe saía para compras que duravam dias em outras cidades. Por se tratar de uma comerciante, teve poucas chances de comemorar datas como, natal, páscoa, dia das crianças, pois “*eram nesses momentos que minha mãe mais ganhava dinheiro e então ela sempre chegava em casa após o trabalho morrendo de cansaço e íamos dormir*” relata Xênia que não quer repetir esta criação com seu futuro filho. Cita também que sua mãe, ao ficar sabendo do desejo da filha de ser mãe, a propôs esquecer do assunto e abrir uma locadora de vídeos pois segundo ela “*valeria muito mais a pena*”.

Percebo uma certa tristeza de Xênia ao ver a forma com que sua mãe trata o assunto. Por todo este histórico, apesar da atenção que dispensa “pelo telefone” todos os dias à mãe, Xênia me revela que não encontra sempre com a mãe e quando a vê, não tem paciência de passar mais que algumas poucas horas em sua presença.

Já em relação à paternidade do esposo, Xênia coloca em dúvida se este também será um bom pai. “*tenho um cara legal do meu lado, acho que não me trai (risos), reclama mas acaba fazendo as coisas e é divertido, o problema é que também é inseguro, tem horários malucos para dormir e não gosta de surpresas que estão fora do programa*” comenta, referindo-se ao fato de que uma criança traria “*com certeza*”, muitas surpresas e alteração em seus cotidianos.

Neste meu retorno ao apartamento do casal, percebi algumas alterações como por exemplo, alguns novos enfeites de parede e uma nova estantes de vidro que guardava dezenas de miniaturas, um hobby de Xênia que até então desconhecia. Xênia disse que Fernando estava mais dedicado aos trabalhos domésticos e estava “*tomando gosto*”, segundo ela, por “*serviços caseiros*”. Ele confirmou a fala da esposa, feliz, pela mesma ter tecido elogios a ele. Mostraram-me também o seu mais novo brinquedo, um vídeo game super moderno que agora fazia parte da rotina do casal. Fernando jogava quase todo dia desde o adquiriu, Xênia, mais moderada, só se aventurava às vezes. Jogamos um pouco para que pudessem me apresentar sua nova aquisição. Durante o jogo, Xênia elogiou várias vezes o parceiro, não somente pelo fato de estar jogando bem mas também em relação às tarefas de casa no qual ele estava mais presente nos últimos tempos. Elogiou também os últimos trabalhos que o marido realizou no campo da psicologia e chegou a dizer a seguinte frase: “*meu marido é um espetáculo*”. Fiquei ali observando esta “nova maneira” de Xênia conversar sobre e com Fernando e fiquei pensando o quanto não havia ali de uma sedução através de um “jogo de interesses”, já que a meta principal de Xênia naquele momento de sua vida, era se tornar mãe a qualquer custo. Fernando, apesar de nunca ter dito não ao fato de se tornar pai, deixava claramente explícito que isto o incomodava e não estava definitivamente em seus planos atuais nem futuros. Ao mudar a forma de lidar com Fernando ele fica mais aberto para escutar Xênia inclusive em suas solicitações sobre gerar um filho. A “vaidade masculina” aparece aqui de maneira contundente e esse jogo de sedução, a mulher do casal parece saber conduzir bem, para continuar no comando, sabendo e buscando o que deseja.

A temática deste encontro girou em torno da paternidade de Fernando e da maternidade de Xênia. Percebi um casal mais unido, com menos “ataques” um ao outro. Havia uma maior cumplicidade entre os dois. Mesmo as “caras feias” de Fernando, não significaram em momento algum que ele estaria sabotando os novos acontecimentos, pelo contrário, Xênia elogiou muito o marido e relatou sua presença constante dele em todos os momentos. Mesmo não sabendo o que seria da sua vida nos próximos meses e anos, mesmo sem saber aonde chegaria a sua carreira profissional com os novos rumos, ainda assim, Fernando optou claramente pelo fato de “*pagar o preço necessário para não perder meu casamento*” comenta.

E assim foi, nada de brigas, elogios bem administrados e, na minha percepção, quase ensaiados, fizeram deste momento um instante aonde parecia estar se formando um “ninho” para a chegada de um novo morador. Quando os conheci haviam me falado sobre estarem juntos por amor, mas hoje compreendo que existem diversos outros pontos que os unem. O amor, algo bem subjetivo e que não cabe aqui nessa dissertação discutir, seria um, entre os outros.

### **2.2.2. Ballet, com sincronia e estética: o casal Manoela e Manoel**

#### **O início do trabalho de campo**

Manoela e Manoel formam um casal das camadas médias que já se encontram com uma estabilidade econômica. Equilibrados financeiramente, são pessoas que possuem uma vida bem sofisticada e assim como o primeiro casal, gostam de tudo o que a tecnologia pode oferecer, entre seus “*hobbies*” as compras de produtos pelos *sites* da Internet se destacam como um dos favoritos. A Internet, figura tão importante na vida desses dois, foi o meio pelo qual se conheceram através do *site* de relacionamento “ParPerfeito”<sup>28</sup>. Manoela cita de maneira debochada: “*comprei este ai numa promoção*”. O *site* ofereceu durante um período a utilização gratuita de todos os seus serviços e foi neste momento que, solteiros, e querendo compreender o

---

<sup>28</sup> *Site* de relacionamentos do Grupo Meetic. Na parte inferior da página inicial o *site* informa que existem outros *sites*, além do ParPerfeito, pertencentes ao grupo Meetic que é o dono da marca ParPerfeito: o DivinoAmor e o G Encontros. O *site* informa também que o grupo, além do Brasil, abrange outros países da América Latina: México, Argentina, Colômbia, Chile, Peru, Venezuela e outros. Logo abaixo dessas informações o *site* oferece a possibilidade de que o leitor escolha navegar utilizando a língua inglesa, espanhola ou portuguesa. Ao dar um pequeno passeio pelos outros *sites* do grupo em diversos países me surpreendo com a força do meio virtual na proposta de estabelecer um espaço para relações amorosas tanto no Brasil como no mundo afora. (Site ParPerfeito, 2010).

que um *site* de relacionamentos podia trazer para a vida de ambos, inscreverem-se e se conheceram.

Como já havia citado na introdução deste capítulo, meu primeiro contato com este casal se deu numa festa familiar na cidade de Juiz de Fora na casa da mãe de Manoela, no qual fui convidado para participar. Meu contato com esta família se deu por eu ser conhecido da irmã de Manoela, com o qual sempre mantive um contato com maior frequência. Já Manoela, a filha caçula de uma família de cinco irmãos, por morar em Niterói, era uma desconhecida para mim até aquele instante. Nesta festa, percebi um casal entrosado que parecia ter em suas conversas e atitudes algo que me fez lembrar um “*ballet* bem coreografado”, parecia que seus movimentos eram ensaiados e que cada frase era seguida por um complemento do parceiro como que se o texto fosse falado por uma única pessoa. Chamou-me a atenção o fato de que em determinado momento naquela festa quando fora necessário comprar algumas bebidas, ambos pegaram suas carteiras e dando seqüência à coreografia, dividiram a despesa das bebidas. Nos contatos que tive com o casal este *ballet*, foi sempre seguido de muita cortesia entre ambos, e se verificava nas pequenas coisas: na divisão dos cuidados com Visconde (o filho pequeno), na lavagem das louças na cozinha, nas saídas para comprar algo ou resolver algum problema, na escolha do filme que iriam ver no cinema. Este movimento de divisão de tarefas aconteceu o tempo todo no primeiro encontro e também nos encontros posteriores aonde estive com o casal.

Em meu primeiro contato com Manoel e Manoela, mais tive a oportunidade de observá-los do que propriamente conversar com eles, pois até então tinham acabado de se oferecer como “cobaias” para minha etnografia. O fato de ter promovido apenas a observação visual no lugar da fala, muito enriqueceu minha visão deste casal e tive, neste momento, a percepção dos primeiros pontos de união promotores da existência da conjugalidade do mesmo.

Foi no segundo encontro, que passo a descrever abaixo, agora já na cidade de Niterói, que pude conhecer melhor esta família.

### ***Welcome to Niterói***

Cheguei num sábado, por volta de onze horas da manhã na cidade de Niterói, uma garoa fina me fez acreditar num final de semana bem dentro de casa. Eu estava certo! Manoel me esperava no desembarque da rodoviária e logo me senti um tanto constrangido ao vê-lo pegar minha bagagem para carregá-la. Disse-lhe que não havia necessidade e pedia a mala de volta

porém, desprezou minha solicitação. Ele faz questão de se antecipar a tudo, pegar as malas dos convidados, carregar uma compra, pagar alguma despesa e confesso que a princípio fiquei bastante incomodado e foi, só mais tarde, que percebi o quanto Manoel procura ser gentil com todos.

Seguimos para o apartamento no centro da cidade ao som de *Johann Sebastian Bach*. O trajeto não poderia ser mais agradável, uma garoa que deixava a cidade linda e Manoel a cada rua, prédio, monumento, discorrendo historicamente sobre cada um desses itens. Falou como alguém quem conhece bem sua cidade natal, sobre os museus, fortes históricos, condição de uso ou de desuso das praias locais, falou também sobre política, obras públicas e *points* de lazer da cidade. Tem um amplo conhecimento da história de Niterói e orgulha-se tanto da cidade quanto de seus conhecimentos. Manoel é um homem que além de seus conhecimentos da política, geografia e da história da cidade, gosta de conversar sobre diversos assuntos. Discute sobre autores dos mais variados possíveis, entende razoavelmente das ciências sociais, psicologia, filosofia, astronomia, tecnologias cibernéticas esbanjando sem ser esnobe um vasto campo de saber geral de respeitável profundidade. É uma daquelas pessoas que dá prazer em conversar por horas sem se cansar.

Chegamos ao apartamento do Centro, um prédio de classe média que apesar de não se localizar na avenida litorânea, pelo fato de morarem no vigésimo andar, possuem uma vista para o mar e para o Rio de Janeiro. O prédio também possui salão de festas e um *playground*.

Fui recebido por Manoela e por Visconde. Ali avisaram-me que iríamos almoçar e logo após partiríamos para o condomínio aonde possuem uma casa da região litorânea. Num primeiro instante acreditei que moravam no apartamento e tinha esta casa como casa de campo, mas não se trata disso, ele moram consecutivamente nas duas, dependendo das suas necessidades de logística. O que me afirmaram é que no verão, ficam mais tempo na casa pois ela é muito maior que o apartamento, tem piscina, quintal e maior possibilidade de diversão para seu filho. Porém nos encontros seguintes ficou mais claro que, na maioria das vezes, dormiam no apartamento de segunda a quinta e nos outros dias dormiam na casa. Esta regra era quebrada no inverno, principalmente devido às crises de bronquite do filho pequeno, ficando mais tempo no apartamento que além de ser central, era mais aquecido do que a casa de campo.

O apartamento é de três quartos, possuem ar condicionado em todos os cômodos. A sala é dividida em duas partes, sendo uma para a mesa do almoço e a outra para televisão e som. A

primeira possui uns pequenos quadros e uma mesinha com um *laptop*. De tempos em tempos um deles assenta ao computador para ler um email, ir a um *site* ou verificar suas redes sociais. A outra parte da sala possui uma grande televisão de LCD sobre um móvel de madeira escuro, imponente e contemporâneo. Neste ambiente encontra-se algumas peças decorativas modernas, e às vezes abstratas. Bonecos de ferro, cubos de madeira empilhados de maneira disforme fazendo parecer que cairão a qualquer instante, muitos filmes e cds compõem este cômodo. Enquanto observava os filmes e cds da casa, Manoel me relatou que gosta bastante de todos os eles sendo que os cds, em sua maioria, são de Manoela, além disso possuem “*pilhas*” de cds e de filmes guardados nos armários. Entre as das obras que visualizei, há uma série de filmes como por exemplo: “Je Vous Salue Marie”, “A Vida de Brian”, “O Império do Sol”, “Um Sonho de Liberdade”. E cds de músicos como: Chico Buarque, Alceu Valença, Maria Betânia, Milton Nascimento, Zeca Baleiro entre outros. Os gostos em comum e as primeiras observações da “tribo” contribuíram para desenhar um pouco mais do perfil deste casal e revelar mais dados em relação à construção de sua conjugalidade: ambos se unem pela sofisticação, um gosto claro pelo moderno, pelo erudito e pelo universo virtual.

A cozinha foi o segundo ambiente que conheci na casa, cheia de “apetrechos” da modernidade, logo reconheci uma similaridade com a cozinha do casal Xênia e Fernando. Apesar de ser uma cozinha um tanto mais simples e menor que a do primeiro casal, eles também possuem uma tecnologia que agradaria a qualquer cozinheiro. Porém o detalhe é que, assim como o primeiro casal, também não cozinham em casa. Observando o interior da geladeira, encontrei uma “festa de cores”, repleta de produtos industrializados prontos para serem consumidos. Ao lado, um *freezer* com as mesmas características. Envolto por pizzas, massas congeladas, hambúrgueres, embutidos, iogurtes, pães, caixas de suco, refrigerante, observei que até o leite tomado por Visconde vem das pilhas e pilhas de “*Toddyho*” que guardam no armário. Me disseram que não gostam de ter trabalho em preparar os alimentos. Quanto ao estoque de comida que daria para muitos dias, eles disseram que tinha a ver com o fato de terem uma criança dentro de casa e que também “*em Niterói não é tão simples de sair para fazer compras*”.

Seguindo para o interior da casa, avistamos um pequeno banheiro social que dá início ao corredor que leva aos quartos. O primeiro quarto é o de Tomás, filho do primeiro casamento de Manoel. O rapaz não mora com o casal, mas passa quinzenalmente um fim de semana com o pai. Não fora desta vez que o conheci. O quarto do jovem tem três telas de computador ligadas a

equipamentos, vídeo game e toda uma gama de tecnologia que desconheço. Avisaram-me que não era para eu mexer em suas coisas, principalmente no computador, pois ele era “*sistemático*”. Percebi que havia um certo tipo de tensão na relação com este rapaz devido ao aviso um tanto enfático de “não toque” nas coisas dele.

O próximo quarto visitado foi o do filho mais novo. Este, é todo decorado com figuras de desenhos animados clássicos (Pato Donald, Pluto, Homem-Aranha, entre outros). Brinquedos e mais brinquedos o cercam por todos os lados. O menino é “elétrico”, extremamente agitado. Para tomar banho consome um vidro de xampu por vez. Foram quatro banhos entre sábado e domingo e quatro vidros de xampu. Os banhos duravam mais de uma hora e ficou bem claro que eles se utilizavam dele para descansar da agitação do menino. Em momento algum se manifestavam pela retirada do garoto da água. Quando, este se cansava, ai voltavam à coreografia de dividir a tarefa de cuidar do menino. Visconde é o centro das atenções da casa, tudo, de certa forma, gira em torno de sua existência. Percebo que muitas vezes um dos membros do casal se pega inquieto com a impaciência do menino, mas ainda assim, respirando fundo ou fechando os olhos por alguns segundos, se recompõem para manter a calma.

A suíte do casal é composta por uma cama, guarda roupa, armário e uma televisão não tão grande como a da sala. Não é um lugar muito freqüentado da casa segundo eles próprios relataram. Trata-se portanto de um quarto relativamente simples em comparação com os outros cômodos.

Após um *tour* pelo apartamento Manoel abriu o *freezer*, retirou umas massas para serem descongeladas e disse que iria descer para comprar uma carne. Neste instante percebo que ela vai até a porta de saída e coloca os sapatos. Compreendo neste instante o primeiro ritual, pois todos ao chegarem depositaram os sapatos na porta, não há sapatos pela casa, andam descalços em todos os cômodos que são de tábua corrida. Fiquei um tanto encabulado por não haver percebido este movimento que não havia sido falado. Como etnógrafo ficou ali uma lição: “*você está aqui para aprender a língua deles, aprenda!*”. Coloquei meus sapatos na porta ao lado dos outros e pela primeira vez tive a sensação de estar mais próximo daquele espaço como se parte dele tivesse sido incorporado por mim. Agora estávamos aguardando o momento do almoço.

Vestidos de forma elegante (eles sempre estão assim, seja na rua ou em casa), almoçamos frango assado, farofa, canelone e salada. Na mesa tinham três tipos de refrigerantes e dois tipos de sucos (industrializados). Ao terminarmos serviram goiabada cascão com queijo e logo após

um café expresso feito em sua nova aquisição, uma cafeteira semi industrial que faz um pouco de tudo. Percebo uma formalidade que iria se estender pelos nossos próximos encontros, mas para mim, ficou claro que era um estilo de vida e não um fato isolado por eu estar presente. Em duas festas que tive a possibilidade de estar com o casal alguns amigos falaram e fizeram até certas brincadeiras em relação a esta forma de se portar perante a sociedade.

Sáimos por volta de quinze horas do apartamento para a casa de campo; o trajeto foi tranqüilo. Niterói, além da bela visão da baía de Guanabara é muito arborizada e cercada por montanhas que me passam uma sensação muito prazerosa. Fui no carro de Manoel enquanto Manoela foi em seu próprio carro com o filho. Enquanto abastecíamos o porta malas do carro de alimentos, bolsas e alguns brinquedos, Manoela me relatou que: *“cada um tem seu próprio carro aqui, dividimos despesas, tarefas da casa, cuidados o filho. Nosso apartamento foi dividido meio a meio, peguei metade e Manoel a outra. Ambos trabalham, não vejo porque ser diferente.”* Manoel concordou plenamente com sua esposa com uma pequena frase que sempre o acompanha: *“é isso aí!”*. Reparei que ambos os carros tinham uma cadeira de criança o que me reforçou a idéia de divisão de tarefas e com zelo pelo filho. Percebo na fala de Manoela, uma afirmativa por parte da mesma, de que o casal preza pela divisão das despesas. Em momentos posteriores, pude verificar que dividiam outras coisas além das despesas. Estavam se revelando um casal que procura viver de maneira igualitária.

Durante a ida para a casa de campo, Manoel me conta que seu casamento anterior tinha sido difícil, tratava-se de *“uma mulher complicada”*, segundo ele o tempo cuidou para que os laços se desfizessem, porém Tomás foi gerado e devido a este fato necessitava ainda manter um contato com a ex esposa quando preciso. Quanto a este filho, fruto de seu primeiro casamento, Manoel relatou ser um garoto, inteligente e sistemático (era a segunda vez que Manoel o classificava assim). Algumas de suas manias o incomodavam como por exemplo, o fato de passar o final de semana inteiro dentro do quarto quase sem se comunicar com as outras pessoas presentes, só saindo para se alimentar e mais nada.

### **A casa do campo**

Chegamos depois de meia hora ao nosso destino, um condomínio em meio a uma floresta que me encantou bastante. Logo na entrada do condomínio, um local preparado para receber o lixo reciclado do lugar. Gostei do que estava vendo e comentei o fato. Para minha surpresa,

Manoel me confessou ser, a reciclagem, uma de suas paixões e que “*desde adolescente sonho em um dia poder construir uma fábrica para reciclar lixo, que possa além de preservar o ambiente, ser lucrativa para que venha a conquistar investidores*”. Já leu diversos livros sobre o assunto e afirma que “*reciclar pode dar dinheiro*”. Durante nossos encontros este tema esteve presente, Manoel me mostrou como amassar garrafas *pet* de refrigerante, caixas de leite e de suco, para “*produzir menos volume de lixo no mundo*” disse-me<sup>29</sup>.

Chegamos na casa. Esta fica logo próxima à entrada do local. Encontro um muro baixo (assim como todas as casas do condomínio), e no jardim da frente, três bicicletas, brinquedos, enfeites, sinalizando que, ao passarem pela guarita daquele condomínio, estavam seguros lá dentro.

No jardim havia muitas árvores frutíferas e uma bela piscina, logo visualizei as paredes da parte da frente da casa, estas, eram construídas com vidro blindado, permitindo ver toda a parte interna da sala de estar.

Tiramos as coisas dos carros e entramos, desta vez observei aonde deveria colocar os sapatos e vi que o trânsito no primeiro andar poderia ser realizado com eles. Já aos pés da escada havia um local aonde todos depositavam os mesmos.

Antes de conhecer a casa e o quarto aonde me hospedaria, fui conduzido à cozinha aonde tomamos água e nos sentamos para conversar. Esta cozinha era bem maior que a outra mas mantinha as mesmas características da primeira. Esta também possuía um *freezer* abarrotado de alimentos e ao lado uma despensa também de alimentos que se traduzia por um quarto que mais se parecia com um mercado.

Ambos prezavam por fartura, seus cafés da manhã, almoços, lanches da tarde, jantares, eram sempre exagerados na relação números de pessoas e quantidade e variedade de alimentos.

---

<sup>29</sup> Instigado com todo aquele interesse por reciclagem, me chamou atenção uma certa contradição em Manoel. Ao consumir quase que completamente alimentos industrializados, produz em sua residência, uma grande quantidade de lixo, bem mais do que uma família que cozinha sua própria comida. É interessante perceber que quer contribuir para “um mundo melhor” desde que isto não comprometa o conforto conquistado pelas modernidades que sua vida atual lhe oferece.

Retomando nossa conversa, Manoel começou a falar novamente no *site* aonde a relação do casal se iniciou no ano de 2003. “*Era uma promoção<sup>30</sup> do dia dos namorados do ParPerfeito aonde você poderia experimentá-lo sem restrições por três meses*”. Conta de maneira irônica que Manoela após se inscrever, fez contato com dezenas de pessoas enquanto ele optou por duas moças: Manoela e uma outra que “*não foi para frente*”. Marcaram então um encontro para o sábado, porém, no domingo, Manoela ainda saiu com outro rapaz para conhecê-lo segundo relato dela própria (nesse instante percebo um rosto de desconforto em Manoel), mas na segunda feira decidiram que iriam namorar. Marcaram o primeiro encontro num restaurante tradicional da cidade que se tornaria um local de muitos encontros posteriores até a presente data. Segundo eles, obedeceram todas as “*regras de segurança*” que o *site* instrui para um primeiro encontro.

Outro detalhe que Manoela me revelou, também com ironia, foi o fato de que averiguou via Internet toda a ficha do futuro pretendente. “*Levantei todos os dados do Manoel, como os clubes que fazia parte, sindicatos, CPF e tudo mais que pude na época*”. Ela é especialista em inteligência artificial e entre seus trabalhos desenvolveu, na época da sua pós graduação, um *software* que buscava dados de pessoas através de uma varredura sistemática na Internet. Após alguns risos, Manoel disse se orgulhar de ter passado todas as informações verdadeiras para Manoela ainda no momento em que o namoro era virtual pois “*tudo o que ela averiguou estava batendo*”. Outra situação hilária que relataram, foi o fato dela ter aplicado um teste de inteligência em Manoel logo nos primeiros momentos do flerte. Justificou ao futuro namorado que aquilo era “*apenas uma brincadeira*”. No fundo, Manoela queria saber o resultado e portanto com qual tipo de homem estava começando a estabelecer um relacionamento.

Segundo seus relatos que foram acontecendo, como já havia descrito anteriormente, numa coreografia muito bem ensaiada, ambos concordaram que para o surgimento de um casal, o primeiro passo é haver um diálogo franco que possam revelar os sinais de similaridade e de diferenças entre ambos. A fidelidade foi colocada também por ambos como fator importante para a relação. Valorizam uma igualdade no nível de intelectualidade, escrita, coerência de pensamentos, ideologia e portanto, averiguar estas características é de suma importância, segundo

---

<sup>30</sup> A promoção ocorreu pois este *site* cobra uma mensalidade para ser utilizado. Caso a pessoa não queira pagar pelos serviços ela se tornará um associado básico do *site*. Isso quer dizer que poderá navegar pelo *site* e fazer contato com outros usuários, mas não terá acesso a vantagens como ver quem leu suas mensagens no *site* ParPerfeito, enviar fotos anexadas às suas mensagens, mensagens personalizadas sem restrições, torpedos ParPerfeito, entre outras, além de canais de ajuda e dicas. O casal, devido à promoção, pode usufruir, como se fossem pagantes, de todos os privilégios do *site* facilitando que o encontro pudesse acontecer.

ambos, para que o relacionamento dê certo. Manoela, por exemplo me relatou que: *“não aceitaria um namorado que não tivesse no mínimo, uma pós graduação”*. Outro fator em comum que acabou por unir o casal é o fato de ambos não frequentarem casas noturnas, boates entre outros. Segundo Manoel: *“numa boate, você faz primeiro um contato visual e físico sem conhecer quase nada da pessoa. Minha opção é por conversar antes de um primeiro contato”*. Relata que quando entrou no *site* para procurar uma namorada, apesar de ter sido convencido pela promoção, já estava decidido que faria um cadastro independente disso. *“Afinal de contas quando você vai a uma boate, pode ir no intuito de curtir uma sacanagem ou de ir para arrumar algo sério não é? A Internet não é um lugar diferente pois podemos entrar em sites para ficar de sacanagem ou entrar em outros para arrumar algo mais duradouro”* conta Manoel.

Percebo em cada ato e fala deles que definitivamente são um casal que buscam juntos uma vida regada de pontos em comum. Prezam por pensarem de formas semelhantes, por terem um nível intelectual e financeiro parecido, por gostarem de assistir os mesmos programas de televisão, por se reconhecerem com o mesmo tipo de humor, em suma, prezam por uma unidade conjugal igualitária e duradoura.

Durante esta conversa que se esticou tarde adentro, éramos constantemente interrompidos pelo filho mais novo que estava sempre presente exigindo algum tipo de atenção. Mais uma vez, a cumplicidade do casal era perfeita pois quando um estava relatando algo o outro dava conta de entreter o garoto. Após algum tempo interrompemos a conversa para tomarmos café e mais uma vez um show de recepção, os dois se mostraram grandes anfitriões na arte de receber visitas. Durante o café continuamos com as suas histórias que ainda giravam em torno dos processos pelos quais ambos acreditam que sejam ideais para a construção de um casal. Manoel diz: *“e se você descobre que sua mulher não gosta de ler? Eu adoro ler e gosto de discutir com pessoas sobre leituras”*. Para ele, isto seria a ruína de um casamento. *“Não exigi formação acadêmica da Manoela, mas gosto de mulheres inteligentes”*. Esta fala fez com que ambos trocassem olhares e se beijassem com carinho. *“Fiz um excelente segundo casamento”*, completa Manoel em seguida. Percebo que se tocam bastante, são carinhosos e se beijam várias vezes por dia.

Seus relatos me fazer perceber que formam um casal com uma boa convivência. Outro fator que ficou claro para mim foi o fato de que demonstram, que não são muito tolerantes com pessoas ignorantes e de baixa formação intelectual. Este, provavelmente, foi um dos fatores de terem feito uma lista de exigências no *site* ParPerfeito, no momento da busca do parceiro(a).

Após terminarmos o café, tiraram a mesa e o *ballet* ensaiado inicia-se com uma seqüência de recolher pratos, talheres e xícaras, lavar as louças, secá-las, limpar a mesa e subir, com as bagagens, inclusive a minha para o segundo andar.

A parte superior, assim como no primeiro andar, é muito bem decorada, nas paredes uns adesivos grandes com imagens infantis de ratinhos, casinhas e plantas, dão um toque leve e infantil ao mesmo. Apresentam-me então o quarto que dormirei, um sofá cama de um lado e um móvel com uma grande TV de LCD do outro ligada a um vídeo game, um DVD e um canal a cabo. O quarto era munido ainda de ar condicionado o que me foi muito útil pois estava bem quente naqueles dias. Os outros cômodos daquele andar eram, o quarto do filho mais novo, todo decorado e repleto de brinquedos, o quarto do filho mais velho, repetindo o mesmo padrão do quarto do apartamento, a suíte do casal, decorada de forma leve mas com muito bom gosto, ao lado da cama uma bancada com computador e na frente da cama, uma televisão menor do que a do meu quarto, que depois descobri se tratar do quarto de televisão da família, e um banheiro social.

Naquele momento nos recolhemos, fomos tomar banho, o casal tirou um cochilo com o filho e só fomos nos encontrar mais de noite quando eles saíram do quarto perguntando se eu gostaria de jantar naquele momento. Respondi que não estava com fome e eles então sugeriram que fossemos para o jardim “*curtir as estrelas*”. Fomos então para fora da casa e ali assisti a uma aula de geografia interplanetária pois Manoel deve saber o nome e a localização de mais de uma centena de estrelas, nebulosas, etc. Ficamos ali quase duas horas contemplando os astros e em meio às suas explicações (que não muito interessavam a Manoela) a mesma falava um pouco sobre sua família, a infância na cidade de Juiz de Fora, a vinda para Niterói quando passou no vestibular para engenharia química, e os apertos financeiros que passou para se manter afastada de casa e estudar. Fora sua mãe que a ajudou a sobreviver financeiramente do Rio, o pai havia se separado anos antes e não contribuía para a criação de Manoela. Ela revela uma certa raiva da figura paterna pelo descaso do mesmo. Já Manoel quando não se referia aos planetas ou às estrelas no céu, relatava que sua infância foi regada a muito aperto financeiro, seus pais eram pessoas humildes que “*batalharam muito para nos criar*”. Manoel contou sobre sua criação e seus estudos, sobre a entrada na faculdade de engenharia, sobre o concurso para se tornar

funcionário público federal e o quanto este evento tinha contribuído positivamente para sua vida e de sua família (mãe, pai e irmãos).

Após esta conversa, Manoel encomendou Pizzas salgadas e doces para que jantássemos, após o jantar, tomamos café e fomos dormir. Como tenho o hábito de dormir mais tarde liguei a televisão e fui me distrair com a TV a cabo. Descobri ali que o filho mais novo tinha por hábito, relutar para dormir e a luta entre eles teve uma duração de mais de uma hora. Após este momento, o silêncio se fez e eu também fui dormir.

Na manhã seguinte acordamos (eu e Manoel) às seis horas pois meu ônibus de volta para Juiz de Fora seria às sete. Tomamos um café rápido e ele me levou até a rodoviária aonde por fim nos despedimos.

Durante o fim de semana que passei na casa, observei um casal que luta pela sua harmonia, possuem formas não convencionais de cuidar do filho, mas que de uma certa forma funciona para conter toda a agitação do mesmo. Colocaram por exemplo naquele final de semana, uma gangorra no meio da sala, ou seja, Manoel fez furos na laje do apartamento e fixou um balanço desses que se encontram num parquinho bem no meio da sala de televisão. Em comum, Manoel e Manoela tinham passado por infância e juventude apertada financeiramente, lutado muito para passarem por suas faculdades públicas e a luta para arrumarem bons empregos que dessem a ambos e às suas famílias, condições financeiras mais confortáveis de existência. Como casal, se revelaram muito gentis um com o outro, são atenciosos, cúmplices, trocam olhares que falam entre si, são amorosos, dizem muito “*meu amor*”, “*amor da minha vida*”, “*eu te amo*”, abrem sorrisos constantes e se beijam muito. São namoradores. Perceptível também foi o fato de que, apesar de tantas coisas em comum, não abalaram aspectos pessoais das suas identidades. Manoel escuta música erudita e “Anos 80”, vê futebol, curte reciclagem, estuda para aprender a fazer mágicas e lê sobre as estrelas. Manoela escuta MPB, vê seriados americanos, curte robôs e estuda como transformar sua casa numa residência totalmente automatizada<sup>31</sup> no futuro.

### **A festa de aniversário**

---

<sup>31</sup> Manoela explicou-me que estuda as tecnologias que estão surgindo para automatizar aberturas de portas, janelas e cortinas com o uso de um controle remoto. O mesmo controle acenderia o fogão, a luz da casa, ligaria o chuveiro, controlaria o som e a TV, ligaria e controlaria todos os eletrodomésticos desde o ar condicionado até o liquidificador.

Meu terceiro encontro com o casal se deu de maneira mais rápida pois me hospedei na casa de um amigo no Rio de Janeiro. Desta vez não foi possível ficar com eles pois era o aniversário de Visconde e muitos parentes já estariam lotando ambas as casas do casal.

Cheguei por volta das 17 horas, quase uma hora antes do início da festa, pois não queria perder as cenas de bastidores que poderiam acontecer. Tudo se deu no salão de festas do apartamento do centro, muitos enfeites, mesas de balas, lembrancinhas, fantasias, máscaras, tudo comprado via Internet segundo Manoela. Ambos passaram o mês anterior pesquisando “*coisas diferentes*” que poderiam comprar para o aniversário do menino. Contou Manoel com um rosto de satisfação: “*foi tudo comprado pela Internet*”. Realmente, as bolas, as fantasias e todos os “apetrechos” eram bastante diferentes dos que se encontram nas festas infantis que por algum motivo freqüentei. Não se tratava de luxo, mas sim, de criatividade. Cores, barulhinhos, sabores que me fizeram lembrar de uma escola de samba.

E o *ballet* do casal continuava, porém Manoela estava mais nervosa, falando em tom mais elevado, ainda assim, a dupla era perfeita na organização. Aos poucos desceram para o salão alguns familiares de Manoela que vieram do Rio, de Belo Horizonte e de Juiz de Fora. Traziam os docinhos, mais enfeites, o bolo e entraram no esquema da arrumação. Quando se trata de lidar com as pessoas da família, Manoela já não é mais a mesma, é bastante crítica, opina na vida de todos os irmãos, sobrinhos e cunhados. Criticou o novo namorado da sua sobrinha mais velha chamando-o de chato e intrometido, brigou por diversas vezes com a irmã mais velha criticando-a pelo excesso de consumo de álcool, xingou o irmão que mora no Rio, dizendo que: “*duvido que este apareça aqui hoje, ele não vem em nada que a gente chama, nem parece da família!*”.

Festa montada e os convidados foram chegando. Estava um início de noite muito quente em Niterói e, justo ali, não existia o ar condicionado que havia no apartamento e na casa de campo. Estávamos todos nos abanando conforme era possível. Na mesa que me assentei estavam uma das irmãs de Manoela que era minha conhecida e que como citei no início desta etnografia, foi a responsável por me apresentar o casal. Além dela, assentaram o outro irmão (aquele que Manoela disse que não chegaria) e sua esposa.

O irmão de Manoela é uma “figura à parte” na família, realmente quase concordei com sua frase “*nem parece da família*”. Apesar de mineiro, mudou-se para o Rio de Janeiro ainda

novo e “encariocou” de vez. É todo despojado, com fala de malandro tipo “Bezerra da Silva”<sup>32</sup>, um jeito cínico e engraçado de cumprimentar as pessoas e logo depois comentar de forma sarcástica: “*esta ai está morta e esqueceram de enterrar*”, referindo-se a uma tia idosa que a muito não via. Sempre que a esposa se afastava, “soltava” alguma piada sobre ela, o sogro ou a sogra. Ao ser perguntado se estava sendo bem servido disse, “*nunca vi uma festa tão boa como está, vocês estão de parabéns, cerveja gelada, salgadinho de primeira, não tenho que reclamar, show de bola!*”.

Mesmo com as piadas do Irmão de Manoela, me concentrei em acompanhar com os olhos os movimentos do casal. Cada um estava para um lado, a festa já não exigia muita organização por parte deles, havia garçons e empregados que cuidavam do bom andamento do evento. Ficaram portanto cuidando de visitar mesas, fazer um “social” com as pessoas e receber a chegada das mesmas no aniversário. As famílias de ambos durante toda a festa estiveram geograficamente distintas. A de Manoel juntou-se num local determinado numa grande mesa aonde a cada novo integrante eram adicionadas mais cadeiras e quando necessário, mais mesas. Já a de Manoela se espalhava pelo salão e sempre havia “visitinhas” de uma mesa para outra. Minha amiga relatou que era quem na família de Manoel e me orientou sobre os convidados da anfitriã. Já os amiguinhos de Visconde e suas famílias foram sendo mostrados à distância por Manoela. Nos momentos aonde as fotos eram batidas as famílias iam se revelando e o mapa de toda a aldeia se tornava mais claro para mim.

Criança correndo, gritaria infantil, choro, risos de todas as partes, musica alta, cores das mais variadas, show de mágica e o “furacão” do Visconde balançando toda estrutura do evento afinal de contas, era o seu dia e o espaço era propício para o extravasamento de toda aquela energia.

Após o show de mágica voltamos para as mesas e então começaram os preparativos para os “parabéns”. Parte do arsenal de “parafernálias” adquirida pela Internet estava reservada para aquele momento. Cantou-se o “parabéns pra você”, velas soltavam fogo, uma outra tocava uma música e se mexia sozinha por cima do bolo, bolas que estouravam e espalhavam balas e brinquedinhos pelo chão, palmas, gritos, alegria e: “*com quem será, com quem será...*”, Visconde emburrou uma cara de mal humor e braveza que o acompanharia até o final da festa.

---

<sup>32</sup> José Bezerra da Silva, cantor, intérprete, compositor, violonista e percussionista, um dos maiores representantes musical dos morros e favelas cariocas.

Enfim, após o bolo, diversos docinhos e lembracinhos entregues, os convidados fora se retirando aos poucos até que sobrasse no salão apenas parte da família que dormiria com os anfitriões. Manoela e Manoel reassumiram seu tradicional *Ballet*. Encontravam-se ali, naquele salão, rostos cansados, uns “*espertinhos*” que subiram para o apartamento e não voltaram para ajudar, sendo eles vítimas de críticas de Manoela que voltou a “afiar a língua”, pois estava novamente só na presença de sua família. Garçons e empregados dando a última arrumada e fim: a festa havia acabado.

O que ficou mais claro para mim daquela festa foi o fato de perceber que Manoel possui uma maior coerência na forma de tratar as pessoas. Ele não mantém o hábito de falar mal de sua família ou discutir problemas de intimidade familiar em público. Seu humor parece mais constante e pacífico do que o de Manoela. Já esta, perto de sua família, porém longe de amigos e da família de Manoel, mantém constante crítica aos seus familiares. Quando próximos à família e a outras pessoas, praticamente diminui o ar crítico; o tom de voz diminui. Porém, este comportamento tendendo ao agressivo, nunca se dá, ao menos pelo convívio que tive com o casal, e pelo relato da irmã de Manoela (minha conhecida) e de outras pessoas amigas, com Manoel. Por diversas vezes escutei a frase: “*esses dois foram feitos um para o outro*” ou ainda, “*nunca os vi brigar*”.

Passa-me a impressão de que o fato de terem sido “adquiridos” numa “compra virtual” aonde ambos puderam ler as “características do produto” antes de “consumi-los”, fez com que esses tivessem um nível de entrosamento acima da média percebida, não só nos casais que participarem desta etnografia, mas também da maioria dos casais que freqüentam semanalmente meu consultório de psicologia.

Percebe-se que em relação à família, o casal evita manter estreitos contatos com os mesmos. Não são brigados com eles, mas pouco se encontram e, na convivência diária, dão preferência a cuidar de suas vidas sem manter este tipo de coexistência. Seu filho nunca dormiu, por exemplo, na casa de nenhum parente ou mesmo das avós. Nos fins de semana, procuram programas que envolvam amigos com modos de vida similares, ou então ficam mais sozinhos em casa. “*Não há como se dar bem com todo mundo da família, então não procuro certas pessoas*” diz Manoela. Manoel cita que família para ele são todas as pessoas que vivem em sua vida afetando-o positivamente. Não acredita no fato de ter que gostar e conviver somente porque tem o mesmo sangue: “*Não tenho o mesmo sangue que Manoela e somos família, Tomás não tem o*

*mesmo sangue de Manoela e também é da família*”. Se consideram uma família por estarem juntos, vivendo voluntariamente por laços de afeto, Manoel cita: *“passamos muitos anos vivendo juntos e foi só a um ano atrás que casamos no cartório. O que faz da gente uma família e o que nos faz ser casal tem a ver com amor, afinidade, fidelidade, amizade compreende?”*. Manoela, balança a cabeça e concorda plenamente com as afirmativas do marido e assim, vão construindo o sentido de sua conjugalidade.

### **Um dia na piscina**

O quarto encontro aconteceu seis meses após a festa de Visconde. Era verão, um lindo dia ensolarado e quente. Manoel me buscou, como de costume na rodoviária de Niterói. Desta vez não passaríamos no apartamento pois todos, Manoela, Visconde, Tomás e Pietra, uma irmã de criação de Manoela já estavam na casa nos esperando para o almoço. Meu anfitrião optou por fazer, desta vez, um caminho mais prolongado porém que me daria a opção de passar pela orla de Niterói. Durante o caminho Manoel me relatou que teríamos dias agitados pois tinha programado uma série de atividades para nós, que incluiria, piscina, um churrasco, ida a praia e rodízio de *fondue*. Quando comentei que adorava churrasco, Manoel me perguntou: *“mas você sabe fazer churrasco? Porque lá em casa comemos mas não somos especialistas”*. O meu “sim” foi o suficiente para Manoel parar numa casa de carnes de Niterói e comprar um monte de boas carnes no qual fez questão que eu escolhesse. No caixa, perguntei se poderia pagar metade da compra e ele me respondeu: *“óbvio que não”*. Fiquei encabulado mas já estava feito. Logo depois passamos em uma padaria aonde compramos pão, queijo e geléia que seriam consumidos no café da tarde.

Chegamos por volta do meio dia, o almoço estava pronto, arroz, maionese, salada, pernil assado. Entre o caminho da porta e a mesa do almoço cumprimentei Manoela e conheci finalmente Tomás. Cabisbaixo e com um jeito tímido me cumprimentou e se encaminhou para a mesa. Também fui apresentado a Pietra, uma mulher mais velha de 63 anos que fora levada desde criança para a casa da mãe de Manoela em Juiz de Fora para ser babá de sua irmã mais velha que hoje reside em Belo Horizonte, e que se tornou uma *“irmã emprestada”* da família. De uma certa forma, durante os dias que permaneci em Niterói ela exerceu sua velha função de cuidadora com Visconde, e a sua presença, conforme cita Manoela: *“nos dá um tempo para respirar e namorar”*.

Acabamos de almoçar e logo fomos para a tradicional sobremesa que todos gostam na casa: goiabada cascão com queijo. Peguei os produtos de curiosidade e vi que a procedência era mineira. Lancei este comentário na mesa e logo vieram as explicações. Manoel disse que: *“preferimos claramente produtos mineiros, o queijo a goiabada e até o suco que tomamos vem de Minas”*. E ainda complementou: *“aqui em nossa região somos famosos pela produção de mariola<sup>33</sup> mas a de Minas é melhor”*. Outro doce que desde nosso primeiro encontro se revelou a paixão do casal é o doce de leite mineiro, mais especificamente um produzido pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Todas as vezes que fui a Niterói, levei uma lata para o casal.

Após a sobremesa: o café. Desta vez acompanhado por vários tipos de chocolates embalados em pastilhas individuais para serem saboreados enquanto se bebe o produto. Chocolate com hortelã, com laranja e com kiwi, e assim passamos mais de uma hora “batendo papo” e tomando café sendo que, logo nos primeiros minutos desta degustação, saíram da mesa Pietra acompanhando Visconde e em seguida Tomás, que passou quase todo o tempo afastado de todos. No café Manoel lembrou uma antiga cena do casal um mês após se conhecerem:

*“quando Manoela foi dormir pela primeira vez lá em casa, a certa altura da noite ela acordou e viu que eu não estava na cama, ai escutou uns barulhos de gaveta se abrindo do lado de fora do quarto e pensou que podia ser eu pegando uma faca”*.

Rimos muito com este relato e Manoela complementou dizendo: *“não dormi mais aquela noite”*. Embalado pela graça do assunto, Manoel relembrou que Manoela, no dia seguinte que saíra com ele, foi também conhecer outro pretendente. Mas neste encontro, ele revelou que também havia uma *“substituta caso não desse certo com Manoela”*. Manoela então perguntou a ele: *“então porque você também não saiu com a moça pelo menos para saber se valia mais a pena que eu?”*. A resposta veio rápida e segura: *“porque naquele momento que te conheci sabia que tinha encontrado meu par perfeito”*.

Acabado o café, começava o ritual de da retirada da mesa e arrumação da cozinha, desta vez com bem menos coisas para se lavar já que Pietra tinha cuidado de quase tudo. Neste momento, ao olhar esta cena e ao observar que se trava de uma casa muito bem arrumada e limpa, assim como é o apartamento, questionei sobre como arrumavam a casa. Eles responderam que sua empregada trabalhava seis vezes por semana com eles, sendo três no apartamento e três

---

<sup>33</sup> Mariola é um dos nomes que se dá para o doce de banana ou goiaba no estado do Rio.

na casa. Domingo e nos feriados davam folga para a senhora. Nos outros dias dividiam o trabalho assim como fazem com tudo o que tem.

Enquanto arrumavam a cozinha fui passear pela casa e foi olhando as paredes e logo depois vasculhando todos os cômodos da casa percebi que não havia figuras ou qualquer outro símbolo que lembrasse algum tipo de religião. Fui até a cozinha e comentei minha observação escutando logo em seguida a frase de Manoel: *“porque, tinha que ter algo de religioso aqui?”*.

Sobre a questão da religião, Manoela relatou vir de uma família católica bem tradicional mineira. Porém ao se mudar de casa para estudar em Niterói, foi abandonando seus costumes e hoje curte um pouquinho de tudo. *“Rezo pros santos, levo meu filho para benzer no centro espírita”*, dia ela. Manoel diz: *“não me importo com isto, não me importo com religião, para mim é indiferente aqui em casa”*.

O dia estava ensolarado, calor insuportável, fomos todos então parar na piscina de sua casa. Passamos a tarde toda dentro d’água até o escurecer. A conversa ficou um pouco mais complicada pois para meu azar, Pietra não sabia nadar e não pode ficar tomando conta de Visconde. O menino quis brincar a tarde toda comigo e assim foi. De vez em quando escutava a voz de Manoela: *“Visconde, larga o tio Rodrigo quieto!”*. Pura cena! Estavam adorando os momentos de paz proporcionados por mim a eles.

Tudo foi finalmente interrompido quando Manoel surge da cozinha com uma bandeja com café que fora servido dentro da piscina. Manoela e Pietra que, dentro d’água, se agarrava à escada para se proteger dos caldos e rasteiras que Visconde tentara aplicar na “pobre criatura”. Café, adoçante e torrões de açúcar. Lembrei-me dos velhos filmes de época aonde o mordomo perguntava: *“quantos torrões?”* e o patrão respondia: *“dois por favor”*. Manoel disse que aquele açúcar só é servido quando chegam visitas, pois em dias normais *“usamos o convencional que é muito mais barato”*. Rimos.

Após o café, saímos da piscina, entramos, tomamos banho e fomos jogar vídeo game. Pietra ficou lendo um livro e Manoela foi preparar cachorro quente. Neste momento desce o Tomás de seu quarto e entra no jogo conosco. Os dois irmãos brigaram bastante durante o torneio. Disputaram por escolher qual jogo seria jogado, qual seria o primeiro a jogar, um provocava o outro dizendo; *“eu sou melhor que você”*. Xingaram, gritaram e, por pouco, não “saíram no tapa” um com o outro. Manoel estava visivelmente irritado, Manoela também. Nas vezes que foi até a sala repreender Visconde, demonstrou-se insatisfeita com a briga e percebi

que se sentia com as mãos atadas pois quase não conversa com Tomás. Ficou claro que ali há um ponto de conflito do casal. Manoela não interfere na criação de Tomás e Manoel, que teoricamente deveria conduzir os problemas de relacionamento entre os irmãos, mantém-se indeciso sobre tomar algum partido ou mesmo botar ordem na situação. Durante os dias que passei com eles, situações similares aconteceram e confirmaram minhas observações.

Comemos em um certo silêncio gerado pelo desentendimento entre os irmãos. O casal estava com um rosto bravo. Assim que acabamos, Tomás foi para o seu quarto, Visconde e Pietra saíram da sala e nós fomos arrumar a cozinha. Senti que queria me dar uma satisfação sobre a cena, mas fiquei o mais quieto possível para não direcionar suas falas. De repente, Manoela diz para o esposo: *“não dá para o Tomás continuar assim, parecendo uma criança”*. Manoel com a cabeça baixa (similar a de Tomás quando o conheci), permanece em silêncio. Manoela descreve o jeito anti social do rapaz e aproveita para criticar várias atitudes do jovem. Vira-se então para mim e relata que Manoel tem que ficar semana sim, semana não com o filho e que este trato é seguido à risca há muitos anos. Se por acaso o casal quiser fazer uma viagem ou ir a algum compromisso que ele não possa ou não queira estar, tal compromisso é cancelado para fazer valer o trato de cumprir o final de semana com Tomás. *“Ele já é um homem!”* retruca Manoela. *“Não pode ser contrariado!”* segue dizendo. Toda vez que é chamado à atenção, *“sai distribuído patadas para todos e aí o Manoel cede a seus caprichos”*. Manoel não responde a nenhuma colocação da mulher e a conversa é interrompida. Se movimentaram em direção à escada em silêncio, dei boa noite ao casal e todos foram se deitar.

Acredito ter sido este, o primeiro e único momento de conflito que assisti, e apesar de todo o entendimento e cumplicidade deste casal e também do respeito aos aspectos individuais, ali, naquele ponto, encontrava-se uma zona de conflito daquele casal.

### **Vamos para a praia**

Acordamos, o céu estava azul, a manhã ensolarada e o dia lindo. Levantei com os barulhos de Visconde correndo pela casa. O casal acorda cheio de mimos, gentilezas e bom humor. Todos aparecem para o café que já estava na mesa. Manoel e Manoela tinham levantado cedo e preparado um café digno de um bom desjejum de hotel. Café, leite, sucos, iogurtes, pães variados (de sal, de forma, com nozes, australiano, com gergelim e integral), manteiga, queijo,

requeijão, patê, geléia de damasco, presunto comum e de peito de peru defumado e frutas (maça, banana, melão e mamão), adoçante, açúcar e claro: o açúcar em torrões.

Tomamos café entre risos e conversas cotidianas. Manoel falou que a “*mão*” de determinadas avenidas em Niterói sofreria mudança para melhorar o fluxo dos carros pela cidade, disse que a cidade ainda não possui um jornal próprio de qualidade e por isto toda manhã optava por ler os jornais cariocas, comentamos alguns artigos lidos na revista “*Veja*<sup>34</sup>” que é assinada pelo casal. Já Manoela falou da adaptação do filho com o processo de alfabetização, falou sobre seu emprego e disse até o ano anterior trabalhava de manhã à noite mas que isto havia mudado e, este ano, estava com muito mais tempo disponível para seu filho. Manoel entra na conversa e diz: “*comprei gato por lebre! Quando conheci Manoela ela ganhava quase o mesmo tanto que eu*”. Manoela não deixa a piada se estender muito dizendo que aquele fora um acordo do casal para que a mãe pudesse se dedicar mais ao filho. Manoel concordou e complementou que Visconde estava se portando melhor por passar mais tempo com a mãe. De qualquer forma ficou claro pelos seus relatos que tiveram uma baixa salarial devido a este movimento de trabalhar menos na rua.

Levantamos da mesa já com a programação da manha definida: iríamos à praia.

Período de férias, quase dez horas da manhã, ou seja, muitos carros e pessoas indo a direção das praias do litoral. O engarrafamento só não se tornou uma tormenta porque estávamos com ar condicionado ligado. Fomos eu e Manoel em seu carro, Manoela, Pietra e Visconde no outro. Manoela não estava com um rosto muito amigável, algo que viria a compreender momentos depois. Descemos a uns dois quarteirões da “Praia de Itacoatiara”, um lugar repleto de casas e mansões. Trata-se de um lugar muito bonito e bem cuidado onde a vegetação ainda está preservada. Os quiosques ficam numa rua pavimentada, afastados da praia. Um lugar sofisticado que combina com a sofisticação dos meus anfitriões. Fomos até a areia e seguimos em direção à ponta esquerda da praia, preferida por Manoel por ser um lugar “*mais manso pro Visconde poder brincar em paz*”.

“*Odeio praia!*”, reclamou Manoela da areia. Reclamou de ter que andar, reclamou do calor, reclamou do tumultuo, reclamou do frio que a água estava, reclamou, reclamou e reclamou.

---

<sup>34</sup> Revista semanal da Editora Abril. Segundo o site, trata-se da “*maior revista semanal de informação do país e a terceira maior do mundo, depois de Time e Newsweek. Investigativa e esclarecedora, VEJA repercute em todo o país, com reportagens que antecipam e explicam as grandes questões do Brasil e do mundo*”. (FONTE: [www.assine.abril.com.br](http://www.assine.abril.com.br))

“*Odeio vir à praia, sou assim desde criança*” repetiu. E com essa frase me explicou que pode se “*contar nas mãos*” às vezes que ela esteve no mar desde que veio morar em Niterói. Fiquei um pouco sem graça pois havia ficado claro para mim que estavam ali por minha causa. Manoel, como já havia dito antes, adora mostrar as coisas da cidade que nasceu e orgulha-se de cada espaço. “*Não vou à praia por causa da Manoela mas adoro isto aqui*” relatou.

Enquanto Pietra ficava assentada numa pedra ao lado de Manoela, eu, Manoel e Visconde fomos para a água. A água estava gelada mas isto não impediu os dois de irem mais para o fundo e se banharem naquelas ondas. Os dois água adentro, as duas na pedra, e eu, no meio do caminho dividido entre, ser etnógrafo, sair daquele gelo, ir mas para o fundo e mergulhar, ou sair correndo para me secar. “*Não, nada disso*” pensei, “*preciso mergulhar de cabeça nesta pesquisa*”.

Durante algum tempo, fiquei observando aquele casal. Manoel e do mar, do silêncio, da ponderação, Manoela porém é da terra, do som, da precipitação, e ainda assim, apesar dos antônimos, percebo uma forte intersessão que os une por diversos valores igualitários. Percebo respeito em suas individualidades. Lembrei-me de que quando Manoela começa a reclamar, falar mais alto ou mudar de humor, Manoel fica em silêncio e passado aquele momento tudo volta a transitar como antes. Quando olho para este casal lembro-me de Heilborn em seu livro “Dois é Par: conjugalidade, gênero e identidade sexual em contexto igualitário” e seus exemplos de casais igualitários em seus processos de construção, baseados em respeito, cooperação, individualidades e intersessões que transitam coerentemente em seus cotidianos.

Sáímos da água, Manoela entra no mar com Manoel e os dois ficam namorando um pouco até que ela “congelasse” e solicitasse que fôssemos embora. Subimos até o alto de uma pedra para que Manoel me mostrasse a vista de toda a praia e após nos secarmos fomos para o carro.

Era por volta de duas horas quando Manoela seguiu direto para a casa. Manoel, Visconde e eu fomos para uma padaria comprar pães. Aproveitamos para tomar sorvete também. O garoto estava bem quieto e diferente do habitual: estava com frio! Com esta situação pudemos ir calmamente e sem barulhos até chegar em casa.

### **Era dia de churrasco!**

Apesar da praia não ser a melhor opção na vida de Manoela, percebi que ela estava com um excelente humor, e ela já havia revelado o motivo: era dia de churrasco!

Como já havia citado, o almoço seria preparado por mim. Após me orientarem sobre o uso da cozinha, foram todos para a piscina. Percebi que aquela distância que se demarcou ali geraria um bom momento de observação da família se relacionando na piscina sem minha presença por perto. Entre churrasqueira acesa, carnes cortadas e temperadas e churrasco na brasa, fiquei observando a movimentação da família. Visconde passou o tempo todo com Pietra e tentou por inúmeras vezes dar-lhe uma rasteira para que se afogasse. Porém com um medo explícito no rosto a paciente mulher segurava-se firme ao pé da escada da piscina se protegendo dos ataques. Já Manoel e Manoela ficaram na parte mais funda e aproveitaram para namorar um pouco. Os dois sempre que podem se aconchegam um ao outro, são muito delicados no trato entre si.

Quando Pietra resolve que sairia da água, todos então se movimentam para o final do banho de piscina o que não seria um problema pois já estavam com fome. O almoço seria servido no jardim. Ele então sobe a vai chamar Tomás que há muito não era visto por nós.

Queijo coalho, pão de alho, lingüiça, salsicha branca, coxinha de frango, coração de galinha, costela de porco, carne de cordeiro, bife de “*chouriço*”<sup>35</sup>, alcatra e picanha, foram servidas no almoço acompanhado de molho de mostarda, geléia de hortelã, geléia de pimenta e mel. De sobremesa, banana assada na churrasqueira com açúcar, canela e sorvete de creme. Era muita comida!

Durante o almoço, Manoel falou sobre seu trabalho como funcionário público, do sonho de abrir sua usina de reciclagem e das viagens que pretende fazer ainda este ano para o sul do país e para os Estados Unidos com a família. Manoela entra no assunto e diz que já estão procurando na Internet pelos melhores preços dos vôos e dos hotéis. Não gostam de comprar pacotes de agências de turismo pois se sentem aprisionados aos horários dos passeios e pelas rotas obrigatórias. Ela diz que já pensou em fazer concurso para docente numa universidade federal, para ter uma estabilidade, mas que seus amigos que fizeram isto ganham hoje menos da metade do seu salário. Disseram também que estão tomando uma série de compostos e vitaminas anti envelhecimento para se preservarem mais jovens por mais tempo. Manoel pratica natação mas a esposa é avessa a esportes. Ele fala em dietas balanceadas e com poucas calorias e ela em remédios para emagrecer. Ambos estão com sobrepeso e esta parece ser uma preocupação constante do casal. Terminamos o almoço e após o café fomos cochilar um pouco, de noite teríamos um rodízio de *fondue*.

---

<sup>35</sup> Bife de contra filé argentino.

Percebo aqui uma contradição entre ação e fala do casal, pois se dizem preocupados com a saúde, tem discursos inflamados sobre se alimentar bem, porém, além de se alimentarem-se quase que constantemente, exageram na variedade de produtos numa única refeição, além de sempre estarem pensando na programação de qual será o próximo cardápio daquele dia. A cumplicidade em relação à comida, as compras de alimentos, o momento do alimentar-se, o cafezinho servido após cada refeição, fazem parte de um ritual que identifica uma série de pontos em comum pois agrada a ambos e os ajuda a construir um alicerce de sua conjugalidade.

Acordo às sete horas da noite, ainda havia dia claro devido ao horário de verão. Quando chego na sala do primeiro andar encontro Manoel lendo a revista “Veja”, Pietra lendo um livro católico, Visconde jogando vídeo game e Manoela deitada no sofá cochilando. Ao lado da mesa, uma segunda mesinha de plástico onde funciona uma “cascata de chocolate” dessa que se vêem em lojas especializadas e nas festas infantis. Circulando a “cascata” potinhos com morangos, uvas, maçãs, bananas, ameixas secas, damasco, “marshmallows” e balas de goma. Numa mesa de centro logo ao lado estavam todos os aparatos e pães já devidamente picados para serem passados numa massa de queijo que começava a derreter sobre um fogo tranqüilo e delicado que preparava nosso *fondue*. “*Não te acordamos para não incomodar*” me disse Manoel. Manoela abre os olhos e diz: “*oba! Você chegou! Vamos comer?*”. Manoel pede para Visconde parar com o jogo e este reluta. Manoela tenta com um tom mais acentuado mas também fracassa. Pietra faz a última tentativa mas não é escutada. Precisou de pouco para fazê-lo parar com o vídeo game. Bastou que os espetinhos começassem a fregar os pães para serem mergulhados no queijo derretido que Visconde viu naquela cena possibilidades muito mais interessantes que seu jogo.

Enquanto comíamos, falaram dos rodízios de *fondue* que já haviam freqüentado em algumas cidades brasileiras que estiveram. O casal gosta muito de viajar porém, durante os primeiros anos de Visconde, as viagens foram reduzidas à poucas idas próximas à Niterói. “*Ele é agitado desde bebê*”, conta Manoela. Quem começou a acompanhar o casal com o tempo foi Pietra (repetindo sua trajetória de babá), e assim puderam ousar viagens mais afastadas e por mais tempo, ainda assim sempre com o menino, nunca sozinhos.

Como mais um ponto em comum neste casal, percebe-se que a paternidade e a maternidade foram vividas por ambos de forma traumática. Após Visconde, ficou claro que nunca mais teriam outro filho. “*Desde bebê ele dava trabalho pra dormir, comer, sossegar*”,

conta Manoela. Manoel não comentou nada sobre o assunto mas balançava a cabeça num tom afirmativo às palavras da esposa. O fato de tornarem-se pais tirou uma liberdade que possuíam antes do nascimento do filho explica Manoela. Como Manoela estava próxima aos quarenta anos assim que começaram a ficar juntos, concluíram que deveriam ter um bebê. Contaram sobre as noites que passaram em branco por causa do filho e da dedicação do pai, que não se eximiu de tomar conta de Visconde da mesma forma que a mãe. “*Nosso casamento ficou mais perturbado com o nascimento de Visconde, porém deixar de ser mãe era algo que me não me passava pela cabeça*” ilustra Manoela.

Terminado o queijo o casal retira o aparelho de *fondue* e Manoel pedido licença “*olha a frente! Olha a frente!*”, entra com um novo aparelho, desta vez de pedra aquecida e uma série de cortes de picanha e de “*chouriço*” argentino. Fomos então para o segundo momento do rodízio e nos divertimos assando carnes na pedra e passando nos molhos que foram os mesmos do churrasco do almoço. Vale sempre lembrar que o *ballet* de Manoela e Manoel não parou por nem um segundo. Um colocava carne, o outro sal, o outro virava, o outro salgava, partiam a carne, dividiam o pedaço, um dava um pedaço para o filho, depois o outro dava e assim por diante. No terceiro momento, mudamos de mesa. A “cascata” de chocolate estava deslumbrante, todas as frutas foram comidas até o final, sobrando apenas as balas. Percebi naquele instante a importância dos rituais alimentares para aquela família. Duram o dia inteiro. Quando se termina um, de um jeito ou de outro, já se inicia um movimento, mesmo que sutiu, para dar início ao próximo.

Após o jantar, ficamos ali mesmo pela sala vendo um desenho animado, Visconde, hipnotizado com o filme, sossega por algum tempo. Terminada a sessão vamos todos nos deitar.

Entrei para o meu quarto, fiz minhas anotações como era de costume e fui dormir. No dia seguinte, me despediria do casal às seis da manhã e Manoel me levaria rumo à rodoviária de Niterói.

Na minha busca por compreender como os casais estabelecem laços sociais de conjugalidade, vou a cada momento verificando como é importante perceber o quanto esses laços são fundamentais para a construção daquilo que socialmente denominamos conjugalidade.

### **2.2.3. Um casamento em construção: o casal Maria e Rafaela**

## No “Bar do Léo”

O encontro foi no “Bar do Léo”, um tradicional boteco juizforano localizado em frente a uma praça cheia de árvores, muito verde, espaço para a criançada, pipoqueiro, sorveteiro, baleiro, mendigo, num clima mineiro bem interiorano que atrai dezenas de pessoas no final de tarde da cidade. As mesas do bar se encontram dentro desta praça e ali é possível rever sempre um velho amigo ou um rosto conhecido.

Era um sábado à tarde, o céu azul e o calor estavam convidativos para um lugar como aquele, marcamos de nos encontrar às 16 horas mas já eram quase 16:30 e nada. Preocupado, liguei para o celular de Maria e ninguém atendeu, passado um pouco o celular retorna a ligação e era Rafaela dizendo que já estavam chegando e que Maria não atendeu aquela ligação pois estava dirigindo. Alguns minutos depois surge o casal e então começamos. Pediram desculpas. Expliquei mais uma vez sobre o que versava este trabalho e que não ficaria fazendo perguntas como que em um questionário e foi dentro deste ambiente e cercado de muita simpatia e uma certa timidez que se deu nosso primeiro encontro.

A conversa começou um pouco tímida com frases curtas e que eram precedidas de silêncio. Pairou sobre mim uma sensação de que elas esperavam que eu fizesse perguntas para que então pudessem respondê-las. Foi por intermédio de um assunto em comum, a música, que começamos a tecer uma conversa que, aos poucos, foi se aquecendo, trazendo dados que iam desenhando o perfil daquele casal e ficando por fim, “rica” e cheia de histórias com bom humor e conteúdo.

Maria é uma jovem de 25 anos, pele clara, cabelos escuros e compridos. Logo de início, me chamou a atenção o seu olhar que, apesar de tímido, permaneceu fixo em meus olhos e nunca abaixou, pelo contrário, fitou-me o tempo inteiro da nossa conversa e me passando uma impressão de ter “sede” de conhecer, de saber. Quanto à sua vida profissional é dona de um pequeno comércio e também musicista, fazendo parte de bandas e acompanhando artistas locais<sup>36</sup>. Ainda assim, eu não havia ouvido nada sobre o trabalho da minha pesquisada pois era iniciante no meio artístico da cidade. Revelou-me que está em busca de uma “*definição para sua vida*”, pois não sabe exatamente o que quer ser profissionalmente. Enquanto isto vai “*atacando em várias frentes*” comenta.

---

<sup>36</sup> Reconheci todos os artistas citados por Maria pois, além de músico sou professor de violão, guitarra e teoria musical há mais de 20 anos numa das maiores escolas de música de Minas Gerais Centro Cultural Pró-Música de Juiz de Fora. <http://www.promusica.org.br/>

Rafaela é uma mulher de estatura pequena, cabelos castanhos despenteados dando um visual meio “moleca” a esta pessoa. Seu olhar e sua postura corporal me passou, num primeiro contato, a idéia de meiguice, além de ser bastante acanhada. É de pouca fala, tem um sorriso constante nos lábios e um olhar que me transmitiu uma sensação de tristeza. Um pouco mais nova que a companheira, trabalha como *DJ* em casas noturnas da cidade e estuda Educação Física durante o dia. Me narrou que ainda sofre as dificuldades de quem está começando uma carreira mas está muito animada com as suas empreitadas.

Maria e Rafaela iniciaram a conversa falando sobre as noitadas nas estradas mineiras e de todos os apertos que os músicos não famosos passam viajando para tocar em qualquer lugar que exista um cachê. Contaram também dos shows que não tiveram nenhum público pagante, dos “*calotes*” que levaram dos contratantes, das brigas que ocorrem entre os músicos da cidade, dos porres tomados, dos equipamentos pesados que tinham que carregar no final de uma madrugada, entre outros assuntos musicais. “*Tudo é uma grande festa no início, a gente toca por qualquer preço e aceita tudo*” revela Maria, porém cita que com o passar do tempo, “*as coisas vão ficando mais pesadas*” referindo-se ao fato do músico em nosso país ser tão desrespeitado, que a brincadeira e a animação, vão dando troca à angústia e o desânimo com a profissão. Com as suas falas, ficou claro que elas estão sempre juntas, presente nas noites de trabalho uma da outra o tempo todo. A música, as noitadas e a cerveja eram um ponto de encontro comum ao casal que revelavam a mim, os primeiros elos de contato que construíram sua conjugalidade.

Em determinando momento, Maria me convida a prestigiá-las quando fossem tocar. Rafaela, mais tímida que a companheira, disse então: “*you não vai gostar, porque normalmente as festas são em redutos gays da cidade*”. Percebi ali que de maneira sutil, estava me testando. Disse a Rafaela com tranqüilidade e firmeza que não havia sido criado<sup>37</sup> para discriminar a sexualidade de ninguém e que para mim não faria diferença estar num “reduto gay”. Acredito então que a partir daquele momento, eu tinha sinalizado efetivamente para Rafaela que, da minha

---

<sup>37</sup> Nasci em 1972 e fui criado numa casa que ficava em cima do restaurante do meu pai. Só na cozinha haviam mais de 15 empregados, a maioria negra. Dentre eles, o Rômulo, *gay* assumido e braço direito de minha avó, uma senhora que desde cedo sofreu na pele o preconceito de ser de religião espírita logo no começo do século XX. Rômulo, assim como a Beth, nossa empregada lésbica, conheciam bem o que era o sofrimento de serem homossexuais. Porém dentro daquele estabelecimento foram recebidos e tratados como iguais, assim como o “Chute” um preto velho que pedia esmolas e ia todos os dias almoçar com a gente pois minha avó o adorava. E era assim, a vida para mim era uma festa de cores de pele, de jeitos de ser, de situações que me fizeram o sujeito que sou hoje. Sinto orgulho do que minha avó fez com seus filhos, nós, os seus netos e pelo legado deixado para que hoje eu possa educar minha filha.

parte, não haveria nenhum tipo de discriminação pelo fato dela ser lésbica. E então a conversa passou a acontecer de maneira mais franca.

Após este episódio, mais à noite anotando meu diário de campo, percebi que às vezes o etnógrafo deve se colocar bem claro em suas posições perante a uma determinada questão como, por exemplo, o fato de realmente eu não me importar em frequentar ambientes exclusivos para gays e lésbicas. Esta minha colocação fez com que elas, principalmente Rafaela, relaxassem mais e fizessem com que a conversa fluísse melhor do que antes durante todo o nosso posterior percurso.

O casal me relatou que em Juiz de Fora existem uma série de redutos para gays, porém acreditam que a cidade acolhe de maneira tranqüila a convivência dos mesmos em qualquer ambiente, não somente o noturno, como os espaços comuns a todos os moradores da cidade. Vão ao *shopping*, a cinemas a festas populares e andam pelas ruas com tranqüilidade. Citam que apesar de serem discretas muitas de suas amigas e amigos gays não são, principalmente os travestis, e ainda assim transitam sendo respeitadas nas maiorias dos locais públicos da cidade. Citarem também que foram, há tempos atrás, presentes em grupos do movimento lésbico na cidade. Maria me disse que ainda toca às vezes em algum evento e quando podem, participam de encontros e palestras, mas confessam que andam “*meio afastadas da política e da militância*”.

Disseram-me que não se sentem à vontade para manifestarem carinhos publicamente pois não gostam dos olhares que recebem das pessoas. “*Mesmo se eu não fosse homossexual eu não ia ficar de agarrão na rua, não gosto que fiquem me olhando*” diz Maria. Por isto preferem estar com frequência em ambientes LGBTs que é aonde se sentem mais à vontade para expressarem sua sexualidade de maneira mais livre. Ainda assim, mesmo nesses ambientes, sempre se portam de forma discreta segundo elas. Maria contou que passou diversas vezes (na escola, bares e locais públicos) por constrangimentos vindos de pessoas que ao saberem que se tratava de homossexual, faziam gozações com ela. “*Sapatão!!!*” diz ela, agora rindo, era o nome que a afetou por muitos anos, inclusive entre seus familiares que não aceitavam esta postura. Maria cita: “*aprendi a abstrair esse tipo de provocação*”, “*não me importo mais com os nomes que costumam me dar, sou o que sou, desde que não me toquem, deixe os ignorantes continuarem ignorantes*”.

Já Rafaela, não aceita esta condição e apesar de mais tímida que Maria diz “*quando me ofendem na rua, viro bicho, brigo, fico ignorante, chamo a polícia, faço o diabo*”. Maria rindo

diz que “*a baixinha aí é invocada*”, mas a parceira não faz uma cara muito boa e então ela parou com as “gracinhas”.

As duas gostam muito de Música Popular Brasileira e conhecem um vasto repertório de antigas boas músicas que me chamou a atenção pois são bem jovens. Conhecem músicas de Renato Teixeira, Rolando Boldrin, Almir Sater, que são artistas regionais brasileiros que estão longe de estarem presentes no gosto da geração das duas moças.

Observando a forma como se comunicam, percebo um respeito em não invadir a fala uma da outra. Mesmo quando estão discordando de algo, como por exemplo, uma discussão sobre o perfil de um músico de nossa cidade, ainda assim respeitam o tempo de cada uma, não interrompem as frases e sempre trocam críticas educadas. Percebo aqui a educação como ponto de formação deste casal.

Após algum tempo conversando pedi uns pastéis para comer, visto que as duas são excelentes bebedoras de cerveja e não se preocupam em comer nada. Comemos pastéis, bebemos (elas cerveja e eu refrigerante), cantamos músicas e paramos por ali. Despedi-me do casal e fui embora dizendo que em breve ligaria para agendar outro encontro.

Deste primeiro momento o que percebi Maria como uma provável chefe da casa. Tal idéia surgiu quando vi que possui as atitudes mais ativas, é ela que orienta, dá as dicas e paga as contas do casal. No bar foi a que pediu a notinha ao garçom e a que sacou o dinheiro enquanto Rafaela não se manifestou.

Outra situação ausente foram as trocas de carinhos através de contato. Esta troca existe sim, e até com bastante frequência, mas no campo das palavras, das gentilezas sutis, dos olhares e risos de cumplicidade. Estava presente naquele instante doçura, discrição, carinho e repetindo: cumplicidade. Maria verbalizou maneira bem explícita para mim que “*é o amor que nos une, temos muitas coisas em comum e muitas diferenças, em outros namoros isto também aconteceu, mas em nenhum amei tanto alguém como amo a Rafaela*”.

### **As “Mulheres de Chico”**

Nosso segundo encontro se deu ao acaso, nada marcado, nada pensado com antecedência. Foi num final de semana aonde estava acontecendo o show da banda carioca “Mulheres de

Chico”<sup>38</sup>. O local se tratava de uma praça central da cidade (Praça Antônio Carlos), e era um show gratuito no qual fui acompanhado de alguns amigos. Uma sonorização potente, luzes num tom avermelhado “esquentado” o clima no palco, banda tocando todas as músicas em versões de samba e de repente, lá estavam elas, cerveja na mão, samba nó pé e muito riso. Junto a Maria e Rafaela estavam mais dois casais de amigas que me foram apresentadas. Rafaela me convidou a ficar com elas no show<sup>39</sup>.

Durante o evento, a idéia de Maria como a “chefe da família” continuou a se confirmar. Além disso, identidade do casal revelou se construir numa relação entre um protetor e um protegido. Foi ela quem comprou as latinhas de cerveja, perguntou se a parceira estava com fome, comprou comida, protegeu Rafaela das “encoxadas” alheias, “marcou o território contra os inimigos” e era ela quem chamava a companheira para dançar em determinadas músicas.

Estavam mais soltas, nem totalmente num “gueto” lésbico, nem totalmente num espaço público “desprotegido”. Davam as mãos às vezes, umas encostadas discretas e num único momento um abraço. Durante o evento, os três casais tomaram conta um dos outros em relação à chegada dos rapazes que vinham tentar uma cantada ou uma “agarrada na marra” numa das moças do grupo. Isto tudo de forma bem tranqüila, sem brigas ou qualquer tipo de baixaria. Quando uma das meninas virava alvo de um rapaz, normalmente ia para o meio de uma roda que elas montavam de forma improvisada. Acabado o “ataque” desmontavam a trincheira e voltavam a ficar mais soltas. Observando os três pares por algum tempo compreendi que, ao menos naquele instante, havia uma certa necessidade de que um dos membros do casal se tornasse o cuidador do outro. Entre Maria e Rafaela esta cena é clássica e constante.

---

<sup>38</sup> Trata-se de uma banda formada somente por mulheres (25 no total). “Fundado em 2006 pelas cuiqueiras Gláucia Cabral e Vivian Freitas, o Bloco Mulheres de Chico é um bloco feminino que só interpreta músicas de Chico Buarque de Hollanda.” (<http://www.mulheresdechico.com.br>)

<sup>39</sup> Me afastei dos meus amigos e fui me instalar próximo ao grupo das meninas que se sacudiam e cantavam muito as músicas num ambiente propício para se “soltar” pois, basicamente, estavam presentes pessoas que curtiam aquele repertório específico, ou seja, músicas do “Chico”. Me senti num primeiro instante meio estranho, um tanto fora de contexto pois tinha ido àquele local para me divertir e estava ali, parado, em frente ao meu objeto de estudo. Sem saber o que fazer, decidi deixar com que minha sensibilidade me levasse a algo produtivo. Percebi então que minhas mãos e meus pés não paravam de se mexer ao som da música que me seduzia. Pensei que talvez fosse o caso de me despedir das moças e ir curtir o show. Lembrei-me da minha orientadora: “*Marcella me mataria se eu perdesse esta oportunidade*”. Uma angústia tomou conta de mim, música que eu adorava, minhas pesquisadas a um metro de mim, minhas mãos e pernas que não sossegavam, mais de uma dezena de percussões tocando ritmadas na minha frente de maneira hipnotizante. Me senti numa tribo. “*O que eu faria se estivesse numa tribo e todos os índios estivessem dançando?*”, me perguntei. Resposta dada, comecei a dançar com as moças e a cantar todas as músicas.

Ficamos até o final do show juntos e depois saímos para conversar um pouco num dos bancos da praça aonde assentamos todos próximos uns aos outros. Nesta conversa Maria me revelou que quando criança morava com a mãe, o padrasto e o irmão, fruto deste segundo casamento de sua mãe. Uma infância simples, sem luxos e sem faltas, “*o básico nunca nos faltou*” completa. Já na adolescência, optou em morar com o pai e assim o fez até a idade adulta aonde resolveu que sairia de casa. Segundo Maria, seus pais possuem bastante preconceito sobre o fato dela ser lésbica, o que já ocasionou uma série de brigas familiares, porém, ainda assim, Rafaela é respeitada e não passa por constrangimentos perante a família da parceira. “*Nunca deixaria ninguém destratar a Rafaela na minha frente, nem lá em casa e nem na rua*”. E complementa que “*o que importa é que estamos super felizes e ninguém vai atrapalhar isto*”.

Antes de namorar Rafaela, Maria, morou com uma mulher mais velha que o tempo revelou como uma parceira “*ciumenta e brigona*”. O fato de ela ser mais jovem colocou a companheira numa “*paranóia*” de que seria substituída a qualquer momento por uma moça mais nova que ela e que todas as mulheres do mundo eram um risco potencial ao seu casamento. Esta relação chegou ao fim quando sua namorada já não permitia que outras mulheres se aproximassem dela para conversar, rir, beber, fazendo com que sua vida social ficasse restrita e vigiada e com o tempo, até os velhos amigos (homens) e a família serviam de motivo para gerar ciúmes. “*Nossa, ela era chata, colava em mim e não desgrudava, não dava pra respirar, você fica se sentido presa, um pouquinho de ciúme até é bom mas aquilo não era amor, era loucura*” diz Maria que já havia namorado outras meninas, mas esta havia sido a primeira experiência de viver junto em casal. Contou-me que não consegue conviver com gente ciumenta e que suas relações terminaram na maioria das vezes por ciúmes. “*Mulher quando dá pra ser ciumenta é pior que homem*” me diz rindo, e completa dizendo que, uma coisa que não suporta ver também é o ciúme de amigas lésbicas quando uma das meninas resolve namorar alguém de fora do grupo, ou mesmo, de meninas que são bissexuais e ao namorarem um rapaz sofrem grande preconceito das próprias amigas que a consideram traidora. “*Lutamos contra o preconceito e muitas vezes somos profundamente preconceituosas*” diz Maria.

Após a sua separação começa o flerte com Rafaela, segundo Maria, “*uma menina meiga, tímida e encantadora*”, “*queria me casar e me casei com ela*”, “*sabia que ali estava uma mulher que poderia me fazer feliz*”. Apesar de tímida, foi Rafaela que sinalizou possibilidades para Maria se aproximar. “*Não tive coragem de chegar junto mas dei o caminho para ela chegar*”

conta Rafaela rindo, com o rosto corado de vergonha e olhando ora para o chão ora para as pessoas. Rafaela é assim, conversa sempre desviando o olhar, e como já havia dito me passou, em todos os encontros, um “ar” melancólico, meio tristonho. Disse para mim se tratar de uma pessoa simples, começando pela forma de se vestir, está sempre usando jeans ou bermuda, camiseta de malha e tênis. Em seu *Facebook*<sup>40</sup> observei que esta é a roupa do casal em todos os eventos, sejam eles formais ou informais.

### **Sobre traição e o desejo de se tornar casal**

Rafaela me contou que até a pouco tempo atrás não havia se “*encontrado no mundo*”, não tinha idéia do que iria fazer para sobreviver. Foi depois de conhecer Maria que as possibilidades começaram a aparecer e hoje ela acredita que está no caminho certo. Disse que estar casada com Maria é uma das bênçãos que ocorreu em sua vida pois a parceira a incentiva, a patrocina, a acolhe e em momentos que não sabe bem o que pensar ou fazer tem a segurança de poder contar com a presença de Maria ao seu lado. “*É o amor da minha vida*” diz. Se considera um pouco ciumenta mas não o suficiente para irritar a parceira e reforça a fala da mesma dizendo: “*Maria realmente não tem ciúmes, e não é porque ela não gosta de mim, mas é porque ela prefere confiar*”. E ainda completa: “*somos um casal fiel, optamos por isto, o que não falta na cidade é menina te cantando o tempo todo e elas sabem que você é casada, mas não estão nem aí, mas nós estamos, somos casadas*”.

Ambas concordam que existem muitas mulheres querendo só “*dar uns amassos*” e que basta você estar numa festa que logo vem uma garota dar em cima. “*Se você não mostrar que está acompanhada rapidinho vai rolar uma cantada e mesmo se mostrar ainda assim é provável que uma garota fique te comendo com os olhos*” diz Maria. Rafaela relata que sempre gostou da idéia de ter uma família e que nunca foi uma mulher de ficar com uma pessoa num dia e no outro já ter mudado de parceira. Gosta da idéia de fidelidade e disse que já combinou com a parceira que se algum dia alguém aparecer na vida de uma delas que serão honestas e terminarão o casamento sem traição. Maria concorda com a fala da parceira e diz que assistiu a muitos casais de amigas se separarem e virarem grandes inimigas devido a traições. Segundo Maria, os homens é que são conhecidos como “*galinhas*” na nossa sociedade mas no meio lésbico o que mais se encontra é “*traição e trairagem*”, segundo ela, a traição é humana e não um atributo masculino.

---

<sup>40</sup> Rede social virtual, que utiliza a Internet como forma de estabelecer comunicação entre seus associados.

*“Muita menina que era hetero começa uma relação lésbica porque se traumatizou com o namorado, vai logo se dar mal com a nova companheira”* diz Maria. Segundo Maria e Rafaela, mesmo havendo uma grande demanda de mulheres solteiras *“prontas para o ataque”* o fato é que muitas pessoas ainda preferem formar casais fiéis para viver. Segundo Rafaela, *“não é porque alguém se assume lésbica que este fato tenha alguma coisa a ver com atitudes de promiscuidade ou de infidelidade, porém o preconceito de muitas pessoas acaba associando a sexualidade de alguém com seu caráter”*.

Rafaela cita que o desejo de ser casal, família e fiel não foi fácil. Relatou-me que nos primeiros meses tudo parecia maravilhoso mas que a rotina, as responsabilidades, o mesmo rosto todos os dias ao seu lado, depois de algum tempo, fazia sentir saudades da *“liberdade”* que se tinha antes do casamento. Ai viria uma crise, outra crise, uma vontade de terminar tudo, uma mistura de amor e raiva aleatórios, a TPM para piorar tudo, *“a grande ex amiga te dizendo que a fulana disse que te pegava fácil”*, o sentimento de estar feia, engordando e acomodada e o pior: *“a maldita idéia de querer saber se você ainda é capaz de conquistar alguém”*. Porém o fato de pensar em trair e se arrepender, ou de ser descoberta e colocar tudo a perder, fez com que as crises, segundo Rafaela, dessem lugar a um sentimento de família, que geraria outro sentimento de segurança e também traria novas pessoas como os familiares, os amigos do parceiro, o natal, os aniversários, as noites protegidas debaixo do edredom e talvez o mais importante para ela: *“não ter que em sentir só”*.

Maria complementa a fala da parceira dizendo que ambas sonham em crescer juntas em suas profissões e que sonham e montar uma casa bem do jeito delas no futuro. Gostam muito de viajar pois estando longe da cidade se sentem mais livres para serem um casal e assim poderem ter mais intimidades na frente das pessoas e em lugares públicos. Segundo o casal, aceitação das relações lésbicas e gays na sociedade está acontecendo cada vez mais seja pela educação se já pela força da lei. Ainda assim o preconceito é visível em qualquer lugar. *“Muitas mulheres se tornam casais mas se revelam para as pessoas ou familiares como amigas”*, cita Rafaela. Maria revela que não omite para ninguém o fato de ser lésbica e de namorar Rafaela aonde quer que vá, porém, prefere não se expor de maneira íntima em espaços públicos, familiares e até mesmo nos ambientes lésbicos aonde frequenta preferindo deixar para dentro de seu apartamento as trocas de afetos, carícias e beijos.

Bem no meio desta conversa algumas gotas começam a cair e uma das amigas do casal sugere que “*a festa acabou*”. Nos despedimos e saímos correndo da praça aonde em questão de minutos a chuva começou a cair forte. Este encontro se revelou mais íntimo, o casal já estava conseguindo falar com menos encabulamento. Neste encontro apareceram algumas revelações do que é ser família para ambas, assim como, o que compreendem e pretendem no campo da conjugalidade e da monogamia. Numa observação de gênero e geração, pareceu-me um casal que vem amadurecendo suas questões conjugais e que, aos poucos, vão abandonando a juventude e as vivências adolescentes para entrarem no universo das mulheres e dos casais adultos.

### **Encontros e desencontros**

Entre marcações e desmarcações de encontros tive uma certa dificuldade em agendar uma entrevista final com este casal. Rafaela havia sido a pessoa que estava negociando comigo esse último encontro. Não estava dando muito certo. Foi então que Maria tomou a frente das “negociações” pela primeira vez e disse que poderíamos marcar na “*próxima segunda*” desde que fosse próximo ao almoço delas. “*Fechado*” eu disse, “*escolha a hora*” continuei. Marcamos para segunda às 13 horas da tarde.

O detalhe é que não iríamos mais na casa delas pois estavam no centro. Sugeri uma lanchonete. Não gostaram. Sugeri o Planet Music<sup>41</sup>. Também não. Sugeri minha casa. Negativo. Talvez o meu consultório? Sim!

Segunda, 13 horas e 27 minutos contados ansiosamente no relógio. Lá estava o meu último casal entrevistado, bem do outro lado da porta de chegada de meu consultório, visto através do “olho mágico”. Convidei-as para entrar e demos início ao encontro<sup>42</sup>.

Estavam falantes e brincalhonas. Maria pediu desculpas pelos transtornos das negociações de horários dizendo-me que andam trabalhando muito e que “*qualquer tempinho*” que tem à toa, fogem para casa para descansar. Uma outra coisa que estava acontecendo também com frequência eram os diversos convites para festas que aconteciam quase todos os finais de semana.

Pedi para que falassem um pouco mais do casal que eram e de como era a experiência de viver com a parceira. Maria disse que este é, na verdade, seu primeiro casamento pois segundo

<sup>41</sup> Um tradicional café, livraria, loja de venda de CD/DVD e videolocadora de Juiz de Fora.

<sup>42</sup> Optei neste momento da entrevista em não descrever minha sala, pois, afinal não era o espaço de convivência de Maria e Rafaela.

ela nos “*outros não tinha seriedade*”. Com Rafaela, a companheira sentiu pela primeira vez o desejo de “*ser uma família*” e faz planos de uma casa maior no futuro e de terem um filho ou dois. “*Talvez eu possa engravidar de um e ela de outro*” diz Rafaela que apesar de tocar no assunto, afirma que são planos futuros e que não passam os dias planejando uma maternidade. “*Até porque temos que acertar bem algumas coisas em relação ao funcionamento da nossa casa né Rafaela?*”, diz Maria em tom irônico.

Neste instante, Rafaela fica tímida, não comenta nada, ainda assim Maria se justifica da fala dizendo que Rafaela não colabora muito com a arrumação da casa atualmente e que já passa de um mês a última vez que deram uma “*faxinada*” no local. Cita que antes não era assim mas que Rafaela tem uma “*tendência pra se acomodar*” e cita como exemplo o caso do lanhe da noite do casal no sentido de que, se por acaso ela, Maria, não comprar uma “*comida pronta*” no final do dia, eles não terão nada para se alimentar visto que a parceira, apesar de chegar mais cedo em casa, não se movimenta no para comprar algo que esteja faltando, ou mesmo, para preparar um jantar. Relata ainda que Rafaela anda preguiçosa até mesmo para ir trabalhar e está com dificuldades para acordar. Maria acredita que esta “*paradeira*” toda da companheira tem a ver com o fato de, no início da relação, Rafaela já ter encontrado uma casa toda montada e funcionando, aonde a limpeza, a comida e as contas já eram custeadas por ela e apesar de Rafaela ter falado em “*dividir as coisas*” isto de fato nunca aconteceu. “*O dinheiro da Rafaela sempre ficou para ela própria*” comenta Maria. “*Tenho condições de bancar nós duas*” porém isto, diz, está deixando a parceira muito sem compromisso com nada. Percebo, neste ponto, o estabelecimento de uma hierarquia financeira que acabaria por gerar algumas regras criadas por Maria, para uma “*boa convivência doméstica*”.

Rafaela ouve a tudo sem emitir nenhuma palavra, reparo que nem se movimenta durante o assunto. Está estática e com o olhar desviando de mim e da esposa. Alguns segundos de silêncio acompanham um momento de tensão. Maria ao perceber a imobilidade da parceira, abraça-a e diz: “*é minha preguiçosinha do coração*”. Rafaela se acolhe nos braços de Maria e diz que quer ajudar mais em casa pagando as coisas. Maria a interrompe e diz: “*sei que você vai ajudar em breve, precisa de arrumar um emprego melhor ou fazer algum curso, sei lá*”. Percebo claramente que Maria “*passa a mão na cabeça*” da parceira, ajudando-a a reforçar sua inércia perante as coisas.

Aconchegadas uma à outra Maria diz que a presença da parceira fez da vida dela algo muito melhor. Cita que, até aquele momento, só havia namorado “*encrencas*”. Disse que seu primeiro namoro foi com um garoto, pois tinha dificuldade de se reconhecer lésbica, apesar de sempre ter se apaixonado por mulheres. Porém, em meio a sua tentativa frustrada tentativa de “*se tornar hetero*”, acabou um dia ficando com uma garota e teve “*certeza absoluta*” do que queria para sua vida. Terminou o namoro com o rapaz e nunca mais quis saber de homens.

Rafaela diz que “*nem tentou ser hetero*”, os homens a assustam, teve uma criação em que a relação com eles foi de grosseria, maus tratos, medo e que é nos braços de uma mulher que “*se sente protegida*” e cria coragem para “*enfrentar o mundo*”. Neste instante, o casal encontra-se bem abraçado e Maria faz carinho no cabelo da parceira. Fico em silêncio. Maria diz: “*antes, eu era namoradeira, traía, ia pra gandaia, aprontava todas, hoje eu não troco esta cena por nada*”. Confessa que já “*aprontou*” muito nos anos anteriores à Rafaela. Hoje está “*casada*”, quer compromisso, ter filhos, “*subir paredes*” (referindo-se a construir uma casa), não aceita trair e nem ser traída, “*quero ter uma mulher só pra mim*” diz. Rafaela concorda com as palavras da companheira e diz que adora quando Maria a chama de esposa ou quando diz na frente de outras pessoas, apesar da timidez, que é casada com ela. Estar casada, revelam para ambas, que posições devem ser tomadas. Abrirem mão das “*gandaias*” do passado e serem fiéis são duas delas.

Procurei retomar o assunto que havia se perdido neste nosso encontro, lembrando a Rafaela que Maria tinha colocado algumas posições a respeito da sua maneira mais “*parada*” e “*preguiçosa*” de ser. Rafaela então me disse que Maria não sossega, que se tivesse um pouco mais de paciência ela faria as coisas sim e exemplificou que a parceira pede algo, e se em alguns minutos não está feito ela pega e faz e depois “*joga na cara*” diz.

Maria balança a cabeça dizendo que não. Tomou a fala a disse que haviam combinado e dividido tarefas para o bom funcionamento da casa. A faxina pesada seria quinzenal, mas no dia, segundo Maria, Rafaela sempre está com preguiça ou arruma um compromisso com as amigas. Então ela acaba fazendo sozinha. Quanto à compra de comida ficou combinado entre o casal que o supermercado da semana seria por conta de Maria, tanto na questão financeira, quanto na obrigação de fazê-lo e que a compra de pão, leite ou uma carne, quando necessário, deveria ser feita por Rafaela. Isto quase nunca aconteceu e hoje não acontece mais. Rafaela tenta se defender dizendo que não gosta de fazer comprar sozinhas mas é interrompida pela esposa que continua a

traçar o quadro familiar atual (lembrando aqui que a pergunta havia sido feita inicialmente para Rafaela). A arrumação diária da cama, uma pequena ajeitada na bagunça, o lavar as roupas do casal e o lavar as louças do jantar seria da competência de Maria. Já o levar o lixo para fora, estender e passar a roupa e fazer o jantar seria da competência de Rafaela. Copos usados seriam de responsabilidade de cada uma e no dia que recebessem pessoas, ambas ajudariam a fazer as compras, cozinhar e arrumar a bagunça do encontro se possível logo após os convidados saírem ou em último caso, na manhã seguinte. *“Nada disso aconteceu ou aconteceu uma ou duas vezes”* diz Maria. Pergunto como foi feito este combinado para Rafaela, porém Maria toma a frente novamente e diz que tudo foi discutido e acordado entre elas. Pergunto para Rafaela se ela concorda com a fala da parceira, ela balança a cabeça num sinal de positivo e se silencia mais uma vez.

Maria e Rafaela, como inicialmente havia relatado, conversam com tranquilidade, respeitam a “hora de falar” de cada uma, tem pensamentos que se alinham na maioria das vezes e mesmo quando discutem, não levantam o tom da voz. Fica claro porém, que Maria diz não gostar de certas posturas “preguiçosas” de Rafaela perante a vida, porém, ela mesma alimenta explicitamente tais posturas. Além disso, quando há uma discussão, como aquela que acabara de acontecer, Maria se torna um tanto menos democrática tirando quase que o tempo inteiro, a “vez de falar” de Rafaela e impondo seu ponto de vista, que é prontamente acatado, através de um balançar de cabeça da esposa.

Pergunto para as duas: *como é ser um casal lésbico na nossa sociedade?* Rafaela diz que o difícil é quando tem que manter escondido da família. Depois que a sua mãe ficou sabendo sentiu um grande alívio apesar das críticas e da desaprovação inicial. *“Depois que a minha mãe compreendeu que não mudaria minha posição ela me acolheu e me senti protegida”*. Diz que, no início da adolescência, quando se *“descobriu”* lésbica, parou de sentir um membro da família e se afastou de todos emocionalmente pois já tinha consciência que acabaria por ser *“banida”* a qualquer momento daquele lar. Isto nunca aconteceu e hoje acha engraçado o que uma adolescente, homossexual e com medo é capaz de fantasiar sobre sua vida futura e em cima dessas fantasias tomar atitudes, como a sua, de se excluir antes mesmo de saber se será excluída.

Pensa muito no futuro em que as jovens não precisarão sofrer anos com o dia em que terão que *“revelar”* para as pessoas *“o que são”*. *“Ninguém precisa se preparar para chegar pra*

*mãe ou pro pai e dizer: gente eu sou hetero ta bom? Vocês me aceitam mesmo sabendo disso?”*. Rafaela diz que, agora mais velha, se protege no seu casamento mas ainda se incomoda em determinados lugares chamar a esposa de amiga para não ficar constrangida. Maria complementa que percebe uma geração de “*meninas bem novinhas*” que lidam melhor com a homossexualidade do que a sua geração de vinte poucos anos. “*Elas tem muito menos medo de se expor do que a gente. Enfrentam seus pais e também as pessoas nas ruas. Se beijam em público, trocam carinho e chamam de namorada. Sinto inveja disso!*”.

Nosso tempo havia se esgotado, agradei a presença do casal e me desculpei por ter insistido tanto para que aquele último encontro acontecesse, confessei também a elas que me passou pela cabeça que talvez elas não quisesse mais estar disponível para aquilo. Rafaela disse que não tinha nada a ver e que na verdade os desencontros aconteceram por pura preguiça delas. Maria ainda ironicamente diz: “*delas não! Da Rafaela, pois de dependesse dela nem hoje a gente vinha*”. Nos despedimos e elas partiram.

Deste casal, ficou em mim a idéia de que estão em plena negociação para a construção daquilo que desejam ser. Se gostam muito e são ligadas por uma série de pontos em comum que criam seu padrão conjugal. Entre momentos de encontros e desencontros transitam entre aspectos de um casal igualitário e de um casal aonde existe um papel de comando em Maria através de seu poder financeiro, sendo ela que determina regras e tece críticas sobre a fragilidade da parceira Rafaela e assumir compromissos e posturas.

#### **2.2.4. Risos, alegria, “alto astral” gay e a sociedade do preconceito: o casal Eliéu e Orlando**

##### **Um salão visto como tribo**

Era uma sexta feira quando fui ao salão de Eliéu para encontrá-lo. Já havia estado com ele em outras ocasiões porém, esta foi a primeira vez que paramos para conversar. Bem, na realidade, somente eu estava parado pois ele não sossegou nenhum minuto sequer. Eliéu é um homem com mais de 50 anos porém apresenta-se com um físico e rosto de um jovem com seus vinte e poucos anos. Magro, moreno, alto, uma farta cabeleira e com uma grande disposição, não sossega nunca. Anda, fala e atende em seqüência as mulheres e homens que chegam ao salão. Não para um segundo sequer de contar casos, rir, debochar, fofocar, falar bem, falar mal de tudo e de todos.

Trata-se de um sujeito que, como primeira impressão, passou-me uma sensação de que a vida é bela e que para tudo se dá um jeito.

Até aquele instante, seu companheiro não havia chegado e portanto mais observei do que falei. Diferente do início meio tímido que tive com o casal Maria e Rafaela, Eliéu faz com que você se sinta dentro do contexto, todos participam, trata-se de um grande articulador. Contou-me que cortar cabelos não é o que mais o satisfaz e é na fotografia que ele se realiza. Conheci então, através de fotos, seu trabalho como maquiador e fotógrafo de diversos modelos da cidade no qual se orgulha de ter preparado lindos penteados e maquiagens em sua vida.

Enquanto aguardava a chegada de Orlando, fiquei a observar os assuntos e os movimentos daquele salão<sup>43</sup>. Eliéu faz um tipo “conselheiro psicológico” sem compromisso, escuta as pessoas, dá conselhos, acolhe, xinga e elas se sentem bem ao ouvir o que ele tem para dizer. Percebo que apesar de toda a alegria do salão, nem sempre as pessoas chegam lá felizes, algumas apareceram durante minha estadia neste universo, para “dar um trato no visual” porque não estavam se sentindo bem naquele momento. Eliéu é habilidoso e sabe quando debochar de alguém e quando tratar alguém com respeito. Uma cliente que acabara de se separar do marido foi acolhida num primeiro instante com a frase *“sei como você deve estar se sentindo”* que é uma fala típica na psicologia para acolher as pessoas. Logo depois porém escutei a “pérola”, *“minha filha, a verdade é que homem é que nem biscoito, vai um vem dezoito”*.

Durante algum tempo acolhi e me deixei levar pelo movimento daquele espaço de bem estar. Vi mulheres se deliciando com o prazer de estarem cuidando de sua aparência, outras perceptivelmente vão neste local para fazerem “terapia de grupo”, umas retornam toda semana, outras de mês em mês, umas entram, lançam uma fofoca e vão embora, e assim o dia no salão vai caminhando. *“As pessoas estão carentes de contato, de carinho, de serem escutadas”*, comenta Eliéu. E assim a rotina do salão vai acontecendo durante o dia.

---

<sup>43</sup> O salão, que oferece diversos serviços de beleza, fica num sobrado no centro da cidade, Eliéu trabalha com outros profissionais. Descrever um salão de beleza é uma situação nova para mim, não sabia ali, dar nomes às coisas que via em cada espaço, parede ou ligado a alguma tomada. Acredito que se estivesse numa tribo necessitaria descobrir os nomes dos artefatos que não fossem do meu conhecimento. Aqui porém, por se tratar de uma etnografia urbana e com o intuito de observar pares, não me preendi a esses detalhes. Portanto o que posso relatar é que se trata de um lugar cheio de cores, repleto de espelhos por todos os lados, cheiros bons e às vezes ruins, cremes, xampus, tesouras, acessórios, aparelhos e gente por toda a parte que fazem daquele espaço um momento único, agitado, engraçado, como se todos estivessem numa grande festa. Acho que é isto, me senti numa grande festa.

Orlando chegou um tempo depois que estávamos lá. Quando se viram, trocaram um carinhoso beijo no rosto. Trata-se de um jovem rapaz de 25 anos, negro, bonito, alto e com “*pinta de modelo*” segundo Eliéu. Pouco conversamos neste momento, voltei àquela sensação que senti da primeira vez que estive no “Bar do Léo” com as meninas, quando o encontrei. Num primeiro instante, nem com as investidas de Eliéu, o assunto fluiu. Optei por respeitar e observar o casal com um certo silêncio. Até Eliéu parou um pouco as brincadeiras com Orlando para não constrangê-lo.

O que percebi deste casal é que são afetuosos, delicados um com outro e parecem preocupados com o bem estar de cada um. Ouvei frases trocadas de “*como foi o seu dia?*” e a pergunta inversa “*e o seu como está?*”.

No pouco tempo que tivemos capturei algumas informações como o fato dos dois terem saído de relacionamentos mais duradouros, sendo que o último namoro de Eliéu tinha sido, na realidade, era um casamento de 15 anos que chegara ao fim. Já Orlando tinha acabado de terminar um namoro de três anos quando conheceu o futuro marido. Além disso, são discretos, não são adeptos de carinhos públicos e Eliéu diz não ser muito romântico.

Eliéu me informou, neste primeiro encontro, que, devido à correria do trabalho, os outros deveriam ser feitos ali mesmo naquele local.

Deste primeiro momento, ficou em mim uma sensação de parceria e afinidade do casal, a discrição de Orlando e os desvarios de Eliéu se fundem num casal que se relaciona com leveza. Fica claro como Eliéu “segura um pouco as pontas” das brincadeiras e do seu jeito “*gay extrovertido*” para dar lugar a uma pessoa mais discreta, quando na presença de Orlando, assim como este, vai aos poucos se “soltando” e se tornando um pouco mais sociável assim que passa alguns minutos perto de Eliéu. E assim, formam estruturas que criam através das suas diferenças e similaridades, a sua identidade conjugal.

### **Um segundo olhar etnográfico**

Marquei este segundo encontro com Eliéu através do Facebook. Era um final de tarde e eu estava novamente no salão sendo que desta vez, meu olhar visualizou algumas diferenças que surgiram naquele momento. Por se tratar de uma terça feira já no final do expediente as pessoas estavam mais sossegadas, tocava MPB num volume baixo que se confundia também com o baixo volume das vozes das clientes mulheres que, naquele instante, eram a unanimidade no salão. Ao

entrar, fui recebido por uma das donas do local que tratou de me avisar que Eliéu já estaria chegando e que eu podia ficar à vontade. Assentei-me numa cadeira na sala de espera e comecei a observar o espaço e as pessoas.

O *jeans* é a calça que veste todos os funcionários incluindo os donos; os cabelos, ora bem penteados, ora cheio de pontas e “jogados” para todos os lados, me passaram uma impressão estética de cuidado e bom gosto. Neste momento estava de frente para um enorme espelho no qual, num primeiro instante, tentei desviar o olhar sobre minha própria imagem: impossível! Aquele ambiente te revela de todos os ângulos possíveis. Depois da terceira vez que cruzei comigo mesmo parei de tentar resistir à tentação narcísica que o espelho tem sobre as pessoas.

Trata-se portanto de um antiga casa no centro da cidade, o piso era dividido em dois tons esverdeados, paredes brancas, muitos quadros com fotos de rostos bonitos espalhados por todos os lados, depois percebi que sempre na parte inferior dos quadros havia uma marca de cosmético, xampu ou de algum produto de beleza que deixava ali a sua propaganda. Muitas plantas ornamentavam o lugar que também se embelezava com algumas peças decorativas nas paredes ou sobre as bancadas de trabalho. Levantei-me e fui andar pelo espaço para fazer um reconhecimento da tribo. Após a entrada, esta se subdividia em dois corredores, um levava para o banheiro e para uma sala com uma mesa e um computador que se trataria de uma gerência. Já o outro corredor levaria a três novos espaços. O primeiro era um salão bem grande dividido em dois ambientes sendo um deles, aonde havia as cadeiras dos cabeleireiros e o outro aonde se lavava os cabelos dos clientes. Seguindo adiante no corredor passa-se por uma sala de massagens e outros procedimentos que exijam a presença de uma maca e de outros “apetrechos” usados para se relaxar. Mais à frente encontra-se a última sala, um espaço reservado para cuidar das mãos e dos pés. Foi neste último espaço que ocorreu a nossa entrevista.

Eliéu chegou com uns 10 minutos de atraso e logo se desculpou. Conversou um pouco com uma colega de trabalho enquanto esperava por Orlando que apareceu em seguida. Assim que se viram, Orlando deu um beijo na bochecha de Eliéu e me cumprimentou com um aperto de mão enquanto caminhávamos para a sala da entrevista. Este ambiente possuía três cadeiras sendo duas delas, uma de frente para outra, com uma mesa separando e a outra cadeira ficava um pouco mais afastada e era virada para as duas primeiras. Sentei-me nesta terceira cadeira pois me ofereceria a melhor visão da sala e do casal. Trata-se de uma sala bastante colorida com um arsenal de

acessórios de trabalho. Chamou-me a atenção naquele espaço o colorido vindo de uma quase centena de esmaltes de todas as cores que se possa imaginar.

Eliéu vira-se para o companheiro, pega um esmalte e diz em tom irônico: “*você vai querer fazer uma francesinha ou algum outro tipo de unha?*”. Orlando responde, também em tom irônico: “*vou querer uma espanhola*”. Nós três rimos disso. O riso foi algo presente em todos os nossos encontros e desta vez, apareceu também nas gracinhas e histórias de Orlando. Percebo até aqui, que o casal se constrói em cima de afinidades como o bom humor, as brincadeiras e a preocupação com o dia a dia um do outro.

Começamos a conversar um pouco sobre o universo *gay* e Eliéu diz que as coisas mudaram muito pois agora não basta apenas falar que alguém é *gay* pois existem várias maneiras de sê-lo. “*Hoje em dia tem gay A, gay B, gay C, gay D e aí por diante*” cita, referindo-se às diversas formas como um *gay* na atualidade expressa sua sexualidade como, por exemplo, os Gays que “*querem ser mocinhas*”, ou aqueles do tipo másculo ou ainda aqueles que querem se travestir e aí, segundo Eliéu, aumenta ainda mais a nomenclatura até a pouco conhecida como GLS e que expande para GLBT e “*daqui a pouco vai ser GLBT R, S, T, U, V, X, Z*” comenta.

Como já havia dito no encontro anterior, Eliéu tem a profissão de cabeleireiro como a principal fonte de renda da sua vida mas também, juntamente com Orlando, investe na profissão de fotógrafo e em edição de vídeos e administração de *Blogs* na cidade. Orlando trabalha numa empreiteira como carpinteiro e disse que esta profissão ainda é resquício da vida dura e pobre de infância e da adolescência. Cita que apesar de estar prestes a abandonar o emprego o manteve até hoje pois o universo da fotografia e da Internet ainda não garantem seu sustento. Eliéu interrompe sua fala dizendo que apesar das suas mãos calejadas de trabalho do companheiro, ele é muito sensível sabendo como arrumar muito bem os cabelos das modelos que fotografam e ainda, que tem uma grande paciência para fazer lacinhos, enfeites e arranjos nos cabelos das pessoas. Complementa ainda que o parceiro além desses “*dons*” sabe manejar muito bem uma máquina de fotografia. Orlando me diz que estar nos últimos três anos cada vez mais envolvido com o mundo da moda, dos cabelos dos salões é um sonho realizado até porque os seu emprego não mais condiz com a sua realidade e que o universo de uma empreiteira é um espaço machista que discrimina o homossexual, o humilha, o maltrata e o exclui.

Aqui o casal demonstra que sua construção conjugal se dá muito em cima dos projetos de trabalho que possuem em conjunto e mesmo que estes não sejam ainda sua maior fonte de renda,

deixam bem claro que almejam, com o passar do tempo, irem abandonando suas profissões atuais para construírem algo em conjunto.

Perguntei para o casal como foi que eles se conheceram e Eliéu, tomou a frente dizendo que um dia encontrou com um conhecido que estava vagando o local aonde morava e soube que Eliéu estaria à procura de um lugar para morar. Eliéu já havia conseguido se mudar mas, ainda assim, foi até lá pois pensou poder se tratar de um espaço aonde poderia montar um salão para ele. Ao chegar soube do conhecido que este morava com mais um colega: Orlando. Eliéu ao vê-lo pensou: *“eu acho que ele tá no meu MSN”*. Deste encontro, porém, nada aconteceu. Passaram então a se comunicar pela Internet. Numa das primeiras conversas Orlando disse a Eliéu: *“e aí, rola?”*. Recebeu, no entanto a seguinte resposta: *“rola sua avó”* (Risos).

Neste momento de sua vida Eliéu encontrava-se deprimido, pois antes, havia morado numa grande casa no centro da cidade durante a maior parte da sua vida. Deste local mudou-se para um pequeno apartamento aonde abriu mão de muitas das suas coisas materiais e de sua história. Neste novo ambiente, a vida não estava fazendo sentido, estava descuidado com o novo lar, sem vontade de retornar para casa, dormia freqüentemente na casa de amigos, e *“estava inventado desculpas para não ir para casa”*. Um dia, acordou e pensou que desta forma não daria para continuar e disse que teria que *“arrumar o jardim (referência à sua casa) para as borboletas poderem vir”*. Chamou um amigo para ajudar na decoração, trocou os móveis de lugar, arrumou a casa toda, abriu caixas que estavam fechadas de desde a época de sua mudança, passou a usar o segundo quarto do apartamento ao qual nem freqüentava e ao acabar de arrumá-lo percebeu que ali havia a partir daquele momento uma casa. Disse então para si mesmo: *“agora sim, meu jardim já está arrumado! Que venham as borboletas!”* (Risos).

Narrou que um dia após as suas palavras *“mágicas”*, Orlando ligou para ele pedindo para ir até sua casa, aonde dormiu e nunca mais foi embora, num *“casamento que está durando mais de três anos”*. *“A nossa história é um conto de fadas, nos amamos, nos respeitamos e somos felizes”* diz Eliéu.

Quanto ao estilo de ser de cada um, percebo que Eliéu é bastante simples, ao menos na maneira de se vestir: *jeans*, tênis e camiseta. Pergunto a ele sobre esta questão e ele confirma não ser uma pessoa vaidosa pois sempre acorda, coloca uma roupa simples, passa a mão no cabelo e pronto. Além disso, cita que prefere ficar em casa e que, quando sai, gosta de ir num restaurante ou numa pizzaria para comer. Prefere de receber e ir para casa de *“amigos seletos”* e às vezes ir a

um evento de um teatro ou de dança. Quanto às questões de romance ele diz: “*não gosto de pegar e de levar pra casa não, eu gosto da coisa do namoro, da conquista*”, para Eliéu, que se intitula “*uma pessoa tradicional*”, tem que haver um namoro, sair primeiro para um encontro numa sorveteria ou pizzaria, e aí ele observa como a pessoa “*pega no garfo*”, se ela é gentil, só depois de algum tempo entra no carro do parceiro e assim por diante. “*Só pego na mão no terceiro dia de namoro*” afirma Eliéu.

Ele reconhece que um monte amigos ficam numa “*pegação*” constante mas isto não faz parte da sua realidade que é bem mais pacata e caseira. Se por acaso vai numa boate e alguém lhe interessa, flerta discretamente durante um bom tempo e se por acaso não “*rolar nada*”, ele não sai à procura de outras pessoas ficando a paquera para uma próxima vez. Outro exemplo que deu é que se irrita quando sai com amigos na rua e um deles fica apontando homens bonitos ou mesmo mexendo com alguém. “*Na na na na não! Não senhor! Eu sou um homem casado, eu jamais faria isto!*” diz Eliéu.

Comentei neste instante que Eliéu estava se contradizendo sobre ser lento no processo de conquista e de “*ficação*” pois logo no primeiro dia que o parceiro foi até sua casa, já dormiu e nunca mais foi embora. Orlando toma a frente, confirma as palavras do parceiro e me conta que do dia que entrou na casa de Eliéu, até momento que começaram a ficar, se passaram vários dias. Eliéu cita então: “*pergunta a ele se foi fácil?*”.

Orlando contou-me que também não gosta de ficar também na “*pegação*”, trata-se de uma pessoa mais reservada quanto às questões de namoro. Antes de conhecer Eliéu era um pouco diferente ao marido em relação aos lugares que freqüentava pois curti ir sempre à boates gays. “*Eu sempre curti o meu corpo e ia pra boate mas não ficava com ninguém, passava a noite na frente do espelho*” confessa. Além disso, ficava procurando por pessoas de colunas sociais que vão a esses locais fotografarem as pessoas para colocarem na Internet. Eliéu diz que esta história é verdadeira pois tratou de verificá-la com amigos em comum que confirmaram a mesma. É portanto um vaidoso confesso, para sair, passa horas se arrumando, se embelezando, cuidando do cabelo. Eliéu diz que acha isto legal e que não tem pretensões de podar o parceiro. “*Acho que tem a ver com a idade dele*”, diz, e complementa falando que: “*quer ir dançar vai! Mas fica de frente pro espelho*” (Risos). Atualmente porém, após o casamento, Orlando também se tornou mais caseiro e nos fins de semana gosta de ir visitar a família. “*Estar casado me faz querer ficar mais tempo em casa*” diz Orlando.

Existe no casal, uma busca pelo sentido de família, aonde constroem tal sentido procurando, segundo seus relatos, respeitarem o espaço um do outro, primando por fidelidade, seguindo uma seqüência “tradicional” de conquista (flerte, conversas, pegar na mão, jantar no restaurante, namorar, beijar, dormir junto) até chegarem ao casamento. Para Eliéu, “*enquanto existir respeito e amor vale a pena estar junto*”, Orlando brinca dizendo que “*respeito, amor e sexo também*” (Risos).

Eliéu contou-me que volta e meia se pega “*dando uma de pai e de mãe*” do parceiro. Segundo ele, Orlando, que é um “*taurino*”<sup>44</sup> e por conta disso “*lento do raciocínio*”, é “*muito avoado nas questões do dia a dia*” se esquecendo de tampar o pote de biscoito, deixando o açúcar destampado, não “*jogando uma aguinha*” no prato e nos talheres após acabar de comer ou mesmo largando as roupas jogadas de qualquer maneira em cima da cama. Uma outra coisa que Eliéu confessou é que se irrita com o fato do companheiro deixar a porta do banheiro aberta pois, segundo ele, o som de toda a casa se amplifica e vasa para os outros apartamentos através deste banheiro. “*Tem hora que eu não falo mais, vou lá e fecho*” diz Eliéu alterando a voz. Orlando se defende dizendo que “*é tanta coisinha que eu não estou a costumado com isto*”, diz que sempre morou com uma família grande e nunca foi ensinado a fazer essas coisas. Eliéu disse também que fica tomando conta das horas que o parceiro passa na Internet pois o mesmo, está “*viciado*” no mundo virtual e que se depender de Orlando, este passa todas a horas que não está no trabalho, na frente de um computador. “*Ele é daqueles que fica na Internet e não fala e não interage com ninguém em volta*” diz o parceiro. Orlando concorda com a afirmativa do marido mas diz que às vezes ele é “*chato demais*” com a cobranças do tipo: “*vai escovar os dentes! vai lavar as mãos!*”. Se irrita quando, por exemplo é chamado a atenção em público e conta que para não haver maiores atritos ficou combinado que Eliéu não faria isto mais.

Eliéu relatou que o casamento fez com que eles melhorassem a qualidade da alimentação pois passou a cozinhar todos os dias. Cita que o parceiro “*ainda dá umas bobeyras*” como, por exemplo, comer a pele do frango ao invés de retirá-la. No dia a dia, prepara alimentos como arroz feijão, uma “*carninha de panela*” e acabou por se tornar o cozinheiro da casa pois possui mais tempo que o parceiro que trabalha com horário fixo. Percebo o orgulho com que fala do cheiro de alho e do barulho da comida sendo refogada na panela, fica claro para mim que este momento,

---

<sup>44</sup> Referente ao signo de Touro.

que estas cenas, fazem com que as lembranças da antiga casa onde morou quase toda uma vida, renasçam e reapareçam renovadas no cotidiano e nas coisas simples do lar desta nova família.

O casamento para este casal gera um sentido de qualidade de vida refletida na melhoria da alimentação, das horas de sono, do cuidado para se controlarem em seus vícios (como por exemplo, o exagero de Orlando na Internet) e por criar um desejo de crescimento e melhoria de qualidade de vida, além de, ao menos para Eliéu, dar continuidade ao sentido de família através do ato de cozinhar, cuidar do parceiro e cuidar da casa.

### **Sobre trabalho e parceria**

Nosso último encontro ocorreu algumas semanas após o último sendo realizado novamente no salão, repetiu-se também o dia, terça feira e o horário. Quando cheguei, fui encaminhado pela mesma mulher que havia me recebido da outra vez. Ela me avisou que o casal já estaria me esperando a “sala dos esmaltes”. Ao me verem os dois levantaram e vieram ao meu encontro para os cumprimentos, apertamos as mãos e entramos para a sala aonde mantivemos a formação das cadeiras como da vez passada.

Orlando estava com a fisionomia cansada e disse que seu trabalho está duro não só pelas obrigações que o mesmo o impõe mas também porque não está suportando mais ser hostilizado pelos companheiros e pelo descaso dos patrões em tomar providências sobre os ataques de homofobia<sup>45</sup> que vem sofrendo. Eliéu interrompe neste instante o companheiro e diz “*larga deste emprego, isto já não é mais para você*”. Mas logo depois desta fala, reconhece que as coisas não são bem assim. Na época que foram morar juntos, Orlando estava desempregado vivendo do seguro desemprego que em breve acabaria. Eliéu, por sua vez, estava prestes a sair do seu apartamento pois não estava dando conta de custeá-lo sozinho. Portanto, não haveria possibilidade de dividirem uma casa, comida e outras despesas caso Orlando não passasse a ter outra fonte de renda. Segundo Eliéu, apesar de Orlando estar fazendo uma passagem naquele instante do rapaz pobre, com pouca educação e ainda um “*peão de obra*” para um momento aonde aprendeu a absorver cultura, novos valores, profissões menos braçais e mais artísticas e intelectuais através do convívio com o novo companheiro e com as pessoas que passaram a cercar

---

<sup>45</sup> Neste exato momento, em que digito este título no *Microsoft Word*, o programa me sugere que a palavra homofobia está escrita de forma errada. Clico então com o botão direito do mouse sobre a mesma e o programa me sugere que troque a palavra digitada por homofonia, que se trata de uma maneira compor uma seqüência musical específica. O Word, não considera a existência desta palavra em seu vasto vocabulário.

sua vida, ele ainda precisaria pensar primeiro no dinheiro. Então, naquele instante, aparece uma oportunidade de trabalhar em mais uma obra e Orlando pergunta o que Eliéu acha de voltar à construção civil. “*Se você dá conta é tão digno quanto ser diretor da Petrobrás*” diz Eliéu.

Orlando volta a trabalhar no canteiro de obras e a vida do casal se altera pois, se antes estavam juntos muitas horas por dia, agora o parceiro acordava às cinco e meia da manhã e só voltavam a se encontrar no final da tarde quando novamente se viam para botarem a conversa em dia, lancharem, namorarem e assistirem novela juntos. Segundo Eliéu antes da meia noite Orlando já está dormindo enquanto o mesmo ainda fica acordado até umas duas horas da manhã. Os dois trocam olhares afetuosos neste instante e se dão as mãos. Eliéu diz: “*então a gente tem dessa coisa, um cuida do outro, um ajuda o outro*”. Orlando complementa: “*eu quero cuidar de você e superar (em tempo de relacionamento) os 15 anos que você conviveu com o Marquinho (o ex marido de Eliéu)*”.

A divisão do dinheiro do casal se dá da seguinte maneira: o pagamento de Orlando que é recebido mensalmente com dia certo é utilizado para quitar as despesas fixas da casa e o dinheiro de Eliéu, que vai sendo ganho diariamente, paga o supermercado, as saídas. Eliéu brinca: “*tem dia que eu chego e casa e falo que só vai ter pão com margarina*” (risos).

Para Eliéu, vida em casal tem a ver com parceria e respeito. “*Gosto demais dele e respeito ele muito*” diz. O carinho e o cuidar são coisas que ele procura desempenhar com devoção.

Durante nossas entrevistas fica fácil verificar essas afirmativas, pois o tempo todo Eliéu, pega nas mãos do parceiro, ajeita sua blusa, troca um carinho, corrige uma contradição, explica uma palavra sendo, na maioria das vezes, doce e respeitoso com o marido. “*Nos propusemos a ser uma família*” diz.

Ambos confirmam o fato de aprenderem muito um com o outro. Eliéu, ensinando as “*boas maneiras*” de ser das camadas médias para um “*emergente*” de uma classe baixa. Orlando ensinando Eliéu a “*perder um pouco das suas manias e ficar mais relaxado*”. Ambos aprendendo a dividir e administrar as questões financeiras, além de dividir as tarefas de uma vida a dois. E assim, de aprendizado em aprendizado vão construindo os elementos que geram a identidade deste casal.

### **Uma família exemplar**

Conversando sobre família, Eliéu conta que a sua de origem é *hors concours* em relação às outras. Dos cinco irmãos, quatro são homossexuais, ele e mais três irmãs, além disso, tem vários primos e tios que também são. Diz que desde pequeno escuta de forma natural conversas do tipo: “-*Você não vai no casamento da Lúcia não? -Ué eu não sabia que a Lúcia vai casar não! Vai casar com quem? -Com a Candinha! Vai ter uma festa maravilhosa, você não vem não boba?*”. E foi neste clima que ele se criou e foi aceito sem conhecer os problemas, num primeiro momento de sua vida, sobre o que era ser um homossexual há 40 anos atrás perante a sociedade. Cita que, por exemplo, quando vai dormir na casa boa parte das pessoas de sua família que tem afinidade, geralmente é recebido com um quarto e uma cama de casal, simbolizando, para ele, a aceitação da sua relação com o marido.

De repente Orlando vira para Eliéu e diz: “*agora posso falar?*”, e ambos dão uma pequena discutida aonde Eliéu, passa um tempo sem se manifestar. É perceptível que Eliéu comanda as conversas, não interpretei este fato como algo que se refere a algum tipo de dominação mas sim, ao fato de Eliéu ter um poder de comunicação muito desenvolvido em contraponto a um jovem tímido que está começando a viver numa cultura diferente à sua origem. Eliéu é o tempo todo um tipo “professor” de Orlando mas, se calou de maneira respeitosa após esta solicitação do companheiro.

Orlando portanto toma a fala e conta que certo dia aos 17 anos de idade, almoçando numa festa com a família, conhecidos e amigos, seu irmão, já um tanto alterado pelo álcool, disse em voz alta que tinha o visto beijando na boca de um cara. Neste instante o pai levanta-se da mesa e sai de casa, em seguida, Orlando dá um tapa na mesa e fala em alto e bom som para todos os que permaneceram: “*sou gay sim e vocês querendo ou não vão ter que aceitar*”. Segundo ele, aquele foi o pior dia da sua vida. Depois deste episódio, sua família não tocou mais no assunto e seu pai “*finge até hoje que não sabe de nada*” revela. Ninguém aceita o fato dele ser gay, dos 4 irmãos que possui, a exceção foi a irmã mais velha que, passado alguns dias do episódio, chegou até ele dizendo: “*nós gostaríamos aqui em casa que você gostasse de mulher, mas ainda assim se ninguém no mundo não te aceitar, eu te aceito*” e então o abraçou e o confortou.

Com a revelação da sua sexualidade, muitos de seus amigos de infância o abandonaram, sentiu-se isolado e infeliz. Hoje, conta que a família continua não tocando no assunto mas que recebem com educação o parceiro em sua casa e diz que sua mãe “*ama*” o companheiro. Observando Orlando, percebi que naquele instante o seu semblante que já era de uma pessoa que

estava cansada, passou para um olhar triste, ele disfarçou algumas lágrimas que começaram a brotar e continuou dizendo que sempre sofreu com ataques, gozações e exclusão.

No exército, os colegas e os superiores, inclusive o sargento falavam coisas com ele do tipo: “*vamos bichinha! ou olha! hoje é a bichinha que tá de trabalho!*”. Principalmente em seu trabalho atual, dentro de um canteiro de obras, Orlando revela que a situação se agrava ainda mais. Convive basicamente com homens, desde os serventes de pedreiro até os engenheiro e chefes. “*Eu sou um homem. Gente! O que é que tem a ver eu gostar de uma pessoa do mesmo sexo?*”, disse Orlando citando que já tentou algumas vezes utilizar este argumento em vão para dialogar com seus colegas de serviço.

Neste momento a voz de Orlando emudece e as lágrimas novamente brotam e tentam ser contidas. Retoma em seguida a fala dizendo que é muito difícil todos os dias escutar chacotas das pessoas que tentam te “*colocar lá em baixo*”, ou ainda, ao passar por colegas escutá-los “*focando*” sobre sua sexualidade. Contou que, poucos dias antes desta entrevista, ouviu de um rapaz da obra que está trabalhando atualmente na Universidade Federal de Juiz de Fora, dizer em voz alta para todos: “*sabia que o Orlando é viado, gosta de homem, gosta de dar a bunda?*”, queixou-se com o encarregado e dias depois além de nada ter sido feito o mesmo empregado voltou a atormentar Orlando com ataques homofóbicos.

É constante em seu trabalho receber apelidos como Mocinha, Barbie, “Vera Verão”. Neste instante, Eliéu, após ter respeitado por um bom tempo a fala de seu parceiro entra de novo na conversa dizendo que ficava triste pelo mesmo sofrer desta forma e que se fosse com ele, teria argumento e não se machucaria tanto. “*Quando falavam comigo: -ai bicha! Eu falava: -ai macho!*”. Certa vez após se desentender com uma mulher numa fila, esta comentou na sua frente: “*-só podia ser bicha!*” E ele respondeu em voz alta: “*bicha não! Dona bicha!*” ou ainda, um rapaz que virou para Eliéu dizendo: “*eu faço Jiu Jitsu!*”. E ele responde: “*e eu faço ballet, vamos ver que levanta a perna mais alto?*”. Homossexual, estudando no Colégio dos jesuítas em Juiz de Fora, num momento aonde esta instituição só permitia a entrada de homens, Eliéu sobreviveu aos ataques homofóbicos utilizando-se do bom humor, às vezes da apanhando, mas também batendo e tendo como base de suporte: a família. “*Eu encarava as pessoas*” diz. Reconhece porém que num canteiro de obras cercado por ferramentas e por homens com a “*mentalidade pequena*” arrumar uma briga pode não ser a melhor opção para o companheiro.

Orlando disse que quando em uma obra, as coisas começam a ficar insuportáveis, o que se costuma fazer é a troca para outra obra. Recebeu o conselho de um engenheiro que, “tentando ajudar” disse-lhe para que não falasse sobre sua sexualidade e mantivesse uma postura para que as pessoas não percebessem que ele era gay, pois isto, seria melhor para ele dentro do serviço.

Eliéu acha que o grande negócio que Orlando pode fazer é investir “*pesado*” na carreira de fotografia, administração de *sites* e *blogs* e na produção dos cabelos que faz muito bem. Esta mudança, também seria também o início da realização dos seus sonhos de crescerem juntos para construir sua casa e seu estúdio de trabalho.

Percebe-se um empenho de Eliéu para mostrar a Orlando que suas dificuldades em relação ao preconceito podem ser superadas assim com ele (Eliéu), as superou.

Continuando nossa conversa ambos se intitulam um casal “tradicional”, com sonhos de se estabelecerem financeiramente, de envelhecerem juntos, no acordo que fizeram para morarem juntos, nada de relacionamento aberto, como acontece com muitos de seus amigos. Outro dia, conta Eliéu, um amigo o convidou para ir a um evento e ele se recusou afirmando que convites sociais tem que ser feitos ao casal pois ele é “*compromissado*”. Se por acaso fosse uma reunião de trabalho tudo bem mas se tratando de festa não aceitaria em hipótese alguma ir sozinho. “*Eu cobro principalmente fidelidade na nossa relação*” cita, para ele ambos escolheram estar juntos por vontade própria e não é pelo fato de que hoje o orçamento de um completar o do outro que eles não sobreviveriam se separassem.

Quanto às mudanças das leis que estão acontecendo a cada instante no Brasil e que beneficiam as uniões de casais do mesmo sexo, Orlando se diz com vontade de casar e fica tentando convencer Eliéu. Este, já um pouco avesso à palavra casamento, diz não pensar em fazer festas para a família e para os amigos, não pensa em união religiosa, não quer em adotar uma criança como muitos casais de amigos estão desejando (Orlando concorda com Eliéu), mas acredita ser importante, um documento que comprove sua união para fins legais, para caso um dia, alguém venha a “*faltar*”. Confessa que se por acaso Orlando quiser essa “*confusão toda*” de festa, casamento ou qualquer outra coisa, ele que tente convencer o parceiro.

Nosso encontro chegou a o fim, despedi-me dos dois, agradei a disposição do casal em me atender e me retirei. Tinham sido encontros aonde a ironia gay de Eliéu amenizava as cenas

densas da relação de Orlando com uma sociedade que insistia em olhar os homossexuais como seres à margem.

### **2.3. Algumas considerações sobre a etnografia**

A etnografia descrita acima apresentou um vasto material sobre casais na busca da formação de laços de sociabilidade que podem ser reconhecidos como laços de conjugalidade, sendo capaz de contribuir significativamente para a discussão do capítulo anterior. Verifica-se que, durante os encontros, temáticas como o casamento, a fidelidade, a monogamia, a divisão de tarefas de casa, de despesas, o respeito, as interseções, o afeto, a questão dos filhos (sucessão) são, entre outros, elementos constitutivos da conjugalidade contemporânea.

Um fato que ficou explícito no contato com meus informantes é o de que buscam, na formação do casal, um empenho em construir um espaço comum, porém, sem abrir mão de suas individualidades. Para Heilborn (2004), construir uma relação com “equilíbrio entre a unidade, que encapsula os sujeitos, e a preservação do senso de individualidade” seria o desafio maior deste casal em busca da sua construção igualitária.

Outro dado a ser considerado é o fato de que na construção dos papéis sociais de cada entrevistado, as relações de comando, submissão, passividade, hierarquização, não estão relacionadas como fato de serem homens e mulheres e se desassocia dos papéis tradicionais até a pouco reconhecido como pertencente a um gênero ou outro.

### CAPÍTULO III

## CONJUGALIDADE E MONOGAMIA: A ÓTICA DOS PESQUISADOS

Neste capítulo, busco descrever e interpretar os significados na atualidade das relações conjugais entre pares. Utilizando-me da etnografia realizada e das teorias pertinentes ao assunto, estudo aqui os eixos fundamentais que embasam esta construção de conjugalidade. Sem perder o foco central da pesquisa, que é perceber como ocorre a construção dos laços de sociabilidade da conjugalidade e conduzido pelas temáticas apresentadas pelos meus informantes, verso abaixo sobre uma série de tópicos, que auxiliarão na compreensão dos significados dos papéis que constituem o casal conjugal<sup>46</sup>.

Dos quatro lares dos casais que abarqueei nesta etnografia, tive a oportunidade de estar presente em dois deles. Num primeiro instante, senti que as etnografias realizadas entre os pares, aonde não tive a oportunidade de frequentar as casas, poderiam sair prejudicadas. O tempo, porém, é um poderoso aliado da experiência, que se constrói com estudo, dedicação, sensibilidade e claro: tempo. Hoje compreendo que as construções dos lares, que estive presente ou não, se fez rica, não pelo meu olhar direto, batido como uma foto que pode destoar do contexto e gerar informações contraditórias, mas sim, da perspectiva do meu “nativo”, que sobre este espaço denominado lar, constrói suas próprias paredes (e muitas vezes nem a vemos), as pinta da cor que seus sentimentos decidem, transformam blusas em saudades, fotos em ausências e simbolicamente vão redesenhando de maneira complexa aquilo que num primeiro instante era só uma casa para mim.

Lembrei-me do dia que ao visitar uma amiga, esta, possuía em seu guarda roupa uma blusa suja, cheia de pêlos de um homem, e que para mim ou para uma faxineira, seria uma boa peça para ir “direto pra máquina de lavar”. “*Coisa nojenta, cheia de pêlo*”, pensei. Tratava-se,

---

<sup>46</sup> Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), “*para dar conta dos novos arranjos familiares existentes na sociedade atual, entre 2000 e 2010, a pergunta que investiga as relações familiares ganhou mais nove categorias diferentes para definir o tipo de relação de parentesco ou convivência do informante e das outras pessoas com o responsável pelo domicílio, passando de dez tipos de relação para 19. A lista inclui, por exemplo, as categorias “Cônjuge do mesmo sexo”, “Filho somente do responsável”, “Enteado, Convivente”, “Pensionista”, “Agregado”, “Parente de empregado doméstico”, entre outras. Para conhecer as relações de maternidade, e investigar famílias que moram no mesmo domicílio, será perguntado para todos os moradores se têm mãe viva e quem é esta pessoa, bem como todas as relações entre cônjuges no domicílio*”. (FONTE: [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=1602&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1602&id_pagina=1))

porém da blusa da última noite em que dormiu com seu amado que, por ser casado, havia partido para não mais voltar. Além da blusa, mostrou-me uma pequena caixinha, aonde recolheu cuidadosamente cada um dos pêlos e fios de cabelo que conseguiu juntar daquele momento, que para ela havia sido inesquecível e também um dos momentos mais tristes de sua vida.

As configurações descritas neste trabalho sobre os casais, o casamentos, os tratos e as possibilidades de configurações conjugais, ainda se revelam como o início de um processo que trará muitas outras configurações. Do início do movimento feminista às conquistas atuais dos ativistas LGBTs muitas foram as lutas e discussões por justiça e igualdade. Percebe-se que a desigualdade ainda é o que prevalece em nossa sociedade, mas muita coisa já se conquistou e muitas outras estão próximas de serem equiparadas pela força da luta, ou pela força da lei. Procuo abaixo contribuir com um melhor entendimento de uma fração desta sociedade, que convive com seus pares “héteros” ou “homos” e que podem trazer, através de seus relatos, novas maneiras de se configurar relações.

### **3.1. Já não se fazem casamentos como os de antigamente!**

“Mas a beleza que se quer da mulher, dentro do sistema patriarcal, é uma beleza meio mórbida. A menina de tipo franzino, quase doente. Ou então a senhora gorda, mole, caseira, maternal, coxas e nádegas largas. Nada do tipo vigoroso e ágil de moça, aproximando-se da figura de rapaz. O máximo de diferenciação de tipo e de traje entre os dois sexos.” (FREYRE, 1990, P. 93)

Do sistema patriarcal estudado por Freyre, passando pelas transformações da sociedade moderna, chegamos ao mundo contemporâneo: os homens e principalmente as mulheres, mudaram.

Revisitando os velhos modelos de namoro e casamento, Azevedo (1986) nos lembra, que na época do Brasil Colônia, a escolha de cônjuges para filhas e até para filhos era feita sob o regime patriarcal, o casamento era “arranjado”, pois interessava à solidariedade e à integridade dos grandes grupos em que se apoiavam as ordens sociais, a economia, a política e a própria realização pessoal.

... ainda há cem anos ou algo menos, geralmente o casamento no Brasil não resultava de galanteios românticos. Resultava de mecanismo menos lírico do sistema patriarcal. O homem com quem a moça, de pouco mais de treze anos, se casava, raramente era de sua própria escolha. A escolha era simplesmente de seus pais ou simplesmente de seu pai. (FREYRE *apud* AZEVEDO, 1986, p. 7)

Esse modelo, denominado “tradicional” (chamado, neste caso, por diferir de modalidades mais recentes), deriva da revolução sexual que ocorreu na Europa no fim do século XVIII. Giddens (1993) cita que na Europa pré-moderna, os casamentos se davam por questões de ordem financeira, e “era improvável que uma vida caracterizada pelo trabalho árduo e contínuo conduzisse à paixão sexual” beijos e atos de carícias eram quase inexistentes entre casados. (p. 49).

Azevedo (1986) comenta que no Brasil essa mudança aconteceu quase ao mesmo tempo e se firmou, em parte devido à vinda da corte portuguesa e da comunicação com o exterior depois da abertura dos portos e, também, à ida dos filhos dos senhores de engenho, fazendeiros e profissionais liberais que foram estudar nas universidades européias.

Firma-se, então, a norma do consentimento individual condicionado, elegendo-se os candidatos de modo imediato pela simpatia, pela atração física, pela correspondência afetiva, tudo subordinado a critérios de classes sociais. E, segundo Azevedo (1986), o sexo e o casamento que tinham um objetivo mais social passam, por força do individualismo, a ter um sentido mais afetivo e estabelecer, em definitivo, o namoro romântico e o casamento por amor. “Os jovens atribuem maior atenção às suas inclinações interiores e cada vez menos a considerações estranhas aos mesmos, como a propriedade, a estabilidade das instituições, os desejos dos pais” (p. 8).

Ainda segundo o autor, sabemos que “é a lei do costume que molda os comportamentos do par de namorados e o dinamismo de suas relações” (p. 13). Neste modelo tradicional, que de certo ponto de vista se diz antiquado, o namoro passava (passa!?) por duas ou três fases que precediam o noivado ou casamento: o momento da demonstração de interesse de ambos através de sinalizações recíprocas (flerte); o namoro propriamente dito; e, a última que é o compromisso que antecede ao compromisso formal.

Um encontro é a primeira oportunidade para troca de olhares ou de gestos faciais expressivos, emitidos com propósito exploratório... os homens com flores à lapela, movimentos com a bengala, as mulheres com determinados modos de

exibir o leque e o lenço. Modos diversos de tossir, fungar eram maneiras de comunicação e aproximação. Cartas e/ou bilhetes, mensagens breves e longas conversas à distância, de janela para janela. Passeio das moças diante dos rapazes e passeio dos rapazes debaixo das janelas ou pela rua das residências das moças. Tudo de acordo com um código que os manuais de etiqueta divulgavam na época. A partir daí, estabelecia-se o namoro à distância ainda sem o contato físico. São o “namoro” onde a moça fica dentro de casa e o rapaz fora, ou quando o rapaz segue a moça e pára onde ela entra e espera ou quando o namorado acompanhava a namorada, à distância, pelas ruas. Depois de um tempo acontecia o namoro propriamente dito: o rapaz poderia frequentar a casa da moça e as trocas de olhares, os sorrisos, as declarações e confidências dão lugar às mãos dadas, beijos roubados, aconchegos na hora da dança, abraços de despedida, encontros furtivos. (AZEVEDO, 1986, p. 18-22)

O namoro “tradicional” ou “à antiga” é, conforme Azevedo (1986), um modelo que se apresenta com certa uniformidade e rigidez, com o propósito de um projeto de família isogâmica e que acontece em fases bem determinadas e de interrelacionamento dos interessados no casamento. Nesse esquema o namoro, do ponto de vista moral, é essencialmente um meio, embora com funções próprias quando configura e antecipa a futura vida conjugal. Os critérios que lhe servem de norma pretendem o máximo de integração dos parceiros ou cônjuges e de estabilidade da relação.

Para Azevedo, em todos os grupos sociais, tribais, rurais, tradicionais, civilizados e modernos, o que forma as relações é mediada por certas regras ritualizadas conforme determinados padrões válidos em cada cultura. Relacionar-se passa por processos precedidos de “ajustes e entendimentos” entre os parceiros futuros casais. Não há casamento sem a fase do namoro – uma fase de maior ou menor extensão e complexidade e de variável obrigatoriedade em suas etapas. “A escolha de cônjuges processa-se pelo menos em duas etapas, uma que é verbalizada como namoro e outra que constitui o noivado propriamente dito” (p. 5).

Nossos casais etnografados, definitivamente não se parecem com os casais do relato de Azevedo. Excluindo Manoel e Manoela que possuem um contrato de união estável, nenhum outro possui um casamento civil ou mesmo religioso. Só Eliéu e Orlando mostraram algum interesse, no futuro, de fazer um contrato de união estável para garantir-lhes segurança. O fato é que dos oito informantes, apenas Orlando se mostra interessado em fazer uma cerimônia festiva que apresente para a sociedade sua união.

[...] Orlando se diz com vontade de casar e fica tentando convencer Eliéu. Este, já um pouco avesso à palavra casamento, diz não pensar em fazer festas para a

família e para os amigos, não pensa em união religiosa, não quer em adotar uma criança como muitos casais de amigos estão desejando, mas acredita ser importante, um documento que comprove sua união para fins legais, para caso um dia, alguém venha a “faltar”. Confessa que se por acaso Orlando quiser essa “*confusão toda*” de festa, casamento ou qualquer outra coisa, ele que tente convencer o parceiro.

*“Passamos muitos anos vivendo juntos e foi só a um ano atrás que casamos no cartório. O que faz da gente uma família e o que nos faz ser casal tem a ver com amor, afinidade, fidelidade, amizade compreende?”* (Manoel)

Apesar de não terem se casado das maneiras “tradicionalistas” (casamento civil e religioso), sem exceção, tratam suas relações pelo nome de “casamento”:

Fernando optou claramente pelo fato de “*pagar o preço necessário para não perder meu casamento*” comenta.

[...]“*abusa à vezes da boa vontade do marido*”. (Xênia)

“*Fiz um excelente segundo casamento*”, completa Manoel em seguida. Percebo que se tocam bastante, são carinhosos e se beijam várias vezes por dia.

“*Nosso casamento ficou mais perturbado com o nascimento de Visconde, porém deixar de ser mãe era algo que me não me passava pela cabeça*”. (Manoela)

[...]“*queria me casar e me casei com ela*”. (Maria)

[...]“*somos um casal fiel, optamos por isto, o que não falta na cidade é menina te cantando o tempo todo e elas sabem que você é casada, mas não estão nem ai, mas nós estamos, somos casadas*”. (Rafaela)

“*Na na na na não! Não senhor! Eu sou um homem casado, eu jamais faria isto!*” diz Eliéu.

“*Estar casado me faz querer ficar mais tempo em casa*”. (Orlando)

Um ponto que me chamou a atenção é o fato de Eliéu e Orlando denominarem-se tradicionalistas, inclusive quanto ao casamento. Justificam tal afirmativa citando que o modo de serem, teria mais afinidade com um casamento à antiga, do que as novas formas de conjugalidade contemporânea que, para ambos, são modernas demais.

*“Não gosto de pegar e de levar pra casa não, eu gosto da coisa do namoro, da conquista”, para Eliéu, que se intitula “uma pessoa tradicional”, tem que haver um namoro, sair primeiro para um encontro numa sorveteria ou pizzaria, e aí ele observa como a pessoa “pega no garfo”, se ela é gentil, só depois de algum tempo entra no carro do parceiro e assim por diante. “Só pego na mão no terceiro dia de namoro” afirma Eliéu.*

Continuando nossa conversa ambos se intitulam um casal “tradicional”, com sonhos de se estabelecerem financeiramente, de envelhecerem juntos, no acordo que fizeram para morarem juntos, nada de relacionamento aberto, como acontece com muitos de seus amigos. Outro dia, conta Eliéu, um amigo o convidou para ir a um evento e ele se recusou afirmando que convites sociais tem que ser feitos ao casal, pois ele é *“compromissado”*.

Percebi neste casal, que apesar de denominarmos sua relação como contemporânea, tal denominação se dá direcionada ao âmbito acadêmico. Para mim, ficou claro que a questão da “tradição” aprendida dentro de suas famílias de origem, e que ainda são os valores “reais” a serem seguidos, não se misturam com o fato de serem gays, ou seja, não os remete, nem os fazem reconhecer uma “quebra” desta tradição”.

Portanto, como demonstram nossos informantes em suas etnografias, se algum dia o casamento teve seu significado marcado pelos contratos assinados nas cerimônias civis, ou abençoados por um chefe religioso em alguma cerimônia de fé, hoje vemos acontecê-lo, sem ignorar que o modelo tradicional possui ainda sua força de continuar a prevalecer, pela união de pessoas (heterossexuais, gays, lésbicas, travestis e transexuais) que desejam estar juntas. Julgar-se casado, independe de leis que aprovem ou desaprovem tais uniões, são atitudes pessoais. Porém cabe lembrar que a batalha política de grupos que lutam contra a homofobia é exatamente a que passa pelo aparato jurídico de reconhecimento dessa união. Essa legitimidade dada pelo status da lei parece ser bastante importante para muitos casais homossexuais. No Brasil, vivemos atualmente um momento de conquistas através das vias legais de uma série de direitos reivindicados há anos pelos homossexuais, como cito, por exemplo, no primeiro capítulo, a recente aprovação da lei - PLS 612/2011 que permite uma união estável de casais do mesmo sexo. (BRASIL, 2012)

Orlando ligou para ele pedindo para ir até sua casa, aonde dormiu e nunca mais foi embora, num *“casamento que está durando mais de três anos”*. *“A nossa história é um conto de fadas, nos amamos, nos respeitamos e somos felizes”* diz Eliéu.

*“Uma menina meiga, tímida e encantadora”, “queria me casar e me casei com ela”, “sabia que ali estava uma mulher que poderia me fazer feliz”. (Maria)*

Xênia comenta que o marido também tem uma relação complexa com a mãe, pois ele saiu de casa para morar com ela *“sem formalizar a saída”* perante mãe.

Porém o modelo da família monogâmica heterossexista insiste em diversos setores da sociedade, apoiados pelo Estado, em prevalecer conceitualmente como natural.

Sobre esta naturalidade Fonseca (1995b), cita que além da mulher, também a família esteve ligada à natureza por séculos dentro da visão das ciências humanas. A autora critica a ilusão de determinados autores em perceber que a família monogâmica representou a “evolução” de algo que era, a princípio, da ordem do primitivo e do promíscuo.

Penso aqui, baseado na fala de Fonseca, que se o que esta fora deste “campo de naturalidade” é da ordem do promíscuo, então seria óbvio acreditar que o casal, o casamento ou a família homossexual seriam desta mesma ordem. Rafaela ilustra esta colocação com a seguinte afirmativa:

*“Não é porque alguém se assume lésbica que este fato tenha alguma coisa a ver com atitudes de promiscuidade ou de infidelidade, porém o preconceito de muitas pessoas acaba associando a sexualidade de alguém com seu caráter”.*

Heilborn (2004) cita que Berger e Kellner avaliam este modelo como tendo em mãos os instrumentos geradores de normas que teriam a responsabilidade de sustentar o entendimento do real. Este passa a ser construído através de significados gerados pelas leituras em comum de ambos os cônjuges, de maneira congruente, no que diz respeito aos aspectos do interior do par e também das relações que são exteriores a eles.

Portanto, os arranjos revelados pelos próprios casais, nos permitem avaliar que se torna um equívoco continuar afirmando a prevalência da idéia da dominância de um modelo sessentista de “família conjugal”, como citado por Dutra (2007), aquela tida como natural e sagrada, tendo a prole como base e buscando passar a idéia de ser um modelo que sempre existiu (p. 122).

Butler (2003a), em seu trabalho intitulado “*O parentesco é sempre tido como heterossexual?*” discorre como ainda o preconceito social faz com que as famílias que não são heterossexuais sejam vistas como um perigo para a sociedade acabando com o naturalismo (heterossexual) que deveria ser predominante. Esta tradição “naturalista” e heterossexual é ferida quando do aparecimento do casamento *gay*. Este, contrário às políticas aceitas pelo Estado, é duramente restringido, pois não se encaixa nos padrões estabelecidos socialmente.

Butler critica, porém o reconhecimento do casamento como forma de assegurar direitos. Questiona o fato de que se o casamento *gay* é autorizado pelo Estado, continuam marginais aqueles casais que, por exemplo, não querem se casar independente de serem héteros ou homossexuais. Tais casais são privados de uma série de direitos que só com o casamento autorizado pelo Estado, poderão passar a usufruir. A autora acredita que deve haver uma forma política de discutir criticamente o assunto de maneira ampla, a fim de garantir que os cidadãos, casados, não casados, *gays*, heterossexuais ou qualquer configuração que possa haver, possam ser tratados de maneira igualitária tendo assegurado seus direitos.

### **3.2. O desejo de se tornar par e o surgimento da “nova família”**

“A família” não deixa de ser apreciada enquanto um valor de importância crucial para muitas pessoas. Porém, fica acordado que usar essa “categoria nativa” como termo analítico encerra um certo perigo. (FONSECA, 2007, P. 16)

Fonseca (2007) compreendendo a importância e a força que a instituição família ainda possui na atualidade sugere que os estudos referentes ao assunto se dêem de maneira criteriosa, através de uma avaliação política e científica, que não analise esta instituição como sendo da ordem do “natural, “célula básica” de qualquer sociedade” e assim, correndo-se o risco de ser estudada de maneira pouco técnica, pois estaria se embasando em formulações criadas à partir de raízes de um senso comum. (p.16)

Os casais deste estudo encontram-se em formação nas suas identidades como cônjuges. Dentre os elementos formadores de tal conjugalidade Giddens (1993), chama-nos a atenção para o termo “compromisso”, que seria um dos agentes possuidores da capacidade de minar as forças

dos relacionamentos. Porém acredita que, devido ao fato do desenvolvimento de uma maior intimidade entre o casal, tal intimidade, vista com excelentes olhos pelo autor, seria a possibilitadora de cada um dos membros demonstrar seus desejos, sentimentos, potencialidades e este, portanto seria um grande diferencial entre os relacionamentos tradicionais e os atuais.

Como enfatiza o autor, é exatamente essa possibilidade de comunicação democrática e de demonstração de sentimentos de um ao outro, que permitirá a continuação ou dissolução de um relacionamento. Tais relacionamentos mantêm um contrato móvel para o qual cada um dos membros do par pode recorrer, renegociar e manter uma discussão aberta e democrática.

Observando as afirmativas de Giddens, associa-a a percepção de que nossos casais são bastante “abertos” ao diálogo, avalio que através de uma “comunicação democrática”, eles revelam demonstrar em seu cotidiano, uma intimidade que permite trazer à tona os fatores negativos e positivos das suas relações, propiciando com isto uma melhor qualidade de contato e confirmando-os como parceiros. Cito abaixo, passagens desses casais, queixando-se, trocando elogios, ensinando lições, ou seja, comunicando-se, e com isso, possibilitando um crescimento da relação.

*“Para você ter uma idéia, ela se deita todas as noites e começa: - Fernando, pega água pra mim, aproveita e vê se as portas e as janelas estão trancadas”. E ainda, “pega uma meia pra mim”, “bota a meia no meu pé”, “atende o telefone” cita o rapaz em sua queixa.*

Xênia ouve as queixas do Marido enquanto come suas batatas com queijo, porém, logo após Fernando fazer a pergunta: “*não é assim Xênia?*”, ela desfaz o sorriso irônico e diz: “*Fernando não pega o telefone sequer para encomendar um sanduíche*”

*“Xênia é diferente” diz Fernando, “toma decisões em segundos e resolve problemas em minutos”. [...]“demoro dias para programar algumas coisas que, para ela, são decididas em segundos” cita Fernando.*

*“Agora ela me deixa sozinha e eu fico acordado até às duas da manhã”. Depois se queixou que no outro dia em compensação ela acorda às sete da manhã faz um barulho danando achando que “*todo mundo tem que acordar na hora que ela acorda*”. (Fernando a respeito de Xênia)*

*“Meu marido é um espetáculo”. (Xênia)*

*“Comprei este ai numa promoção”. (Manoela)*

*“Levantei todos os dados do Manoel, como os clubes que fazia parte, sindicatos, CPF e tudo mais que pude na época”.*

*“Não exigi formação acadêmica da Manoela, mas gosto de mulheres inteligentes”.*

[...] *“meu amor”, “amor da minha vida”, “eu te amo”, abrem sorrisos constantes e se beijam muito. São namoradores. (Manoela e Manoel)*

*“A baixinha aí é invocada”.* (Maria a respeito de Rafaela)

*“Até porque temos que acertar bem algumas coisas em relação ao funcionamento da nossa casa né Rafaela?”*, diz Maria em tom irônico.

Cita que antes não era assim mas que Rafaela tem uma *“tendência pra se acomodar”* [...] se por acaso ela, Maria, não comprar uma *“comida pronta”* no final do dia, eles não terão nada para se alimentar visto que a parceira, apesar de chegar mais cedo em casa, não se movimenta no para comprar algo que esteja faltando, ou mesmo, para preparar um jantar. Relata ainda que Rafaela anda preguiçosa até mesmo para ir trabalhar e está com dificuldades para acordar.

Maria ao perceber a imobilidade da parceira, abraça-a e diz: *“é minha preguiçosinha do coração”.*

*“Sei que você vai ajudar em breve, precisa de arrumar um emprego melhor ou fazer algum curso, sei lá”.* (Maria a respeito de Rafaela)

Rafaela então me disse que Maria não sossega, que se tivesse um pouco mais de paciência ela faria as coisas sim e exemplificou que a parceira pede algo, e se em alguns minutos não está feito ela pega e faz e depois *“joga na cara”* diz.

Ouvi frases trocadas de *“como foi o seu dia?”* e a pergunta inversa *“e o seu como está?”*. (Eliú e Orlando)

Numa das primeiras conversas Orlando disse a Eliú: *“e aí, rola?”*. Recebeu, no entanto a seguinte resposta: *“rola sua avó”* (Risos).

Segundo ele, Orlando, que é um *“taurino”* e por conta disso *“lento do raciocínio”*, é *“muito avoado nas questões do dia a dia”* se esquecendo de tampar o pote de biscoito, deixando o açúcar destampado, não *“jogando uma aguinha”* no prato e nos talheres após acabar de comer ou mesmo largando as roupas jogadas de qualquer maneira em cima da cama.

[...] Eliú disse também que fica tomando conta das horas que o parceiro passa na Internet pois o mesmo, está *“viciado”* no mundo virtual e que se depender de Orlando, este passa todas as horas que não está no trabalho, na frente de um computador. *“Ele é daqueles que fica na Internet e não fala e não interage com ninguém em volta”* diz o parceiro.

Orlando concorda com a afirmativa do marido mas diz que às vezes ele é *“chato demais”* com a cobranças do tipo: *“vai escovar os dentes! vai lavar as*

*mãos!*”. Se irrita quando, por exemplo é chamado a atenção em público e conta que para não haver maiores atritos ficou combinado que Eliéu não faria isto mais.

Eliéu interrompe neste instante o companheiro e diz *“larga deste emprego, isto já não é mais para você”*.

Então, naquele instante, aparece uma oportunidade de trabalhar em mais uma obra e Orlando pergunta o que Eliéu acha de voltar à construção civil. *“Se você dá conta é tão digno quanto ser diretor da Petrobrás”* diz Eliéu.

*“Eu quero cuidar de você e superar (em tempo de relacionamento) os 15 anos que você conviveu com o Marquinho (o ex marido de Eliéu)”*.

Para Eliéu, vida em casal tem a ver com parceria e respeito. *“Gosto demais dele e respeito ele muito”* diz.

Ambos confirmam o fato de aprenderem muito um com o outro. Eliéu, ensinando as *“boas maneiras”* de ser das camadas médias para um *“emergente”* de uma classe baixa. Orlando ensinando Eliéu a *“perder um pouco das suas manias e ficar mais relaxado”*. Ambos aprendendo a dividir e administrar as questões financeiras, além de dividir as tarefas de uma vida a dois.

De repente Orlando vira para Eliéu e diz: *“agora posso falar?”*.

Eliéu é o tempo todo um tipo “professor” de Orlando mas, se calou de maneira respeitosa após esta solicitação do companheiro.

Bauman (2004), numa visão mais caótica aos “novos modelos”, cita que este padrão contemporâneo de relações traz consigo dois atores envoltos numa trama aonde se encontram perdidos em seus sentimentos, pois não conseguem controlá-los. Sentem a necessidade de estarem juntos e anseiam por vínculos que lhes dêem uma segurança, porém, não arcam com a possibilidade da durabilidade de tais vínculos e por isso, não sabendo lidar com o fato de estarem conectados por uma possível eternidade, limitam-se em relações de superfície.

Em nosso mundo de furiosa “individualização”, os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, esses dois avatares coabitam – embora em diferentes níveis de consciência. No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos

da ambivalência. É por isso que se encontram tão firmemente no cerne das atenções dos modernos e líquidos indivíduos-por-decreto, e no topo de sua agenda existencial”. (BAUMAN, 2004, p. 8-9)

Bauman ainda tece uma crítica a alguns autores que se antecipam ao concluir que o homem moderno está totalmente aberto a amizades, laços, convívio, comunidade. Cita que o fato do homem estar voltado em pensamentos constantes para as questões relativas ao relacionar-se, justifica-se devido a estas relações nunca estarem sendo satisfatórias e, portanto, tornam-se foco de atenção deste sujeito. E assim, através da análise de suas experimentações e também das dos outros, tira suas conclusões e cria seus próprios "relacionamentos de bolso", utilizando-se deles quando melhor lhe provier. Acredita que relacionamentos tenham que ser bebidos em baixas doses, assim como se deve tomar uma vitamina C, para que não lhe faça mal.

Segundo o autor, estas relações superficiais e pouco duradouras são um sucesso na atualidade, pois são de pequena duração, não exigem esforços para mantê-las, bastando simplesmente, aproveitá-las. São de uma completa instantaneidade. Já as relações de grande duração são vistas como problemas a serem evitados.

Apesar do contraponto de Bauman às afirmativas de Giddens e a identificação que obtive entre meus “nativos” a tais afirmações, não percebi, ao menos nesses casais, fatores que sugerissem que eles busquem, por medo, uma superficialidade, nas relações. Ao contrário, percebo em suas palavras e ações, a idéia de aprofundamento, duração, amizade e construção.

[...] Xênia elogiou muito o marido e relatou a presença constante dele em todos os momentos. Mesmo não sabendo o que seria da sua vida nos próximos meses e anos, mesmo sem saber aonde chegaria a sua carreira profissional com os novos rumos, ainda assim, Fernando optou claramente pelo fato de “*pagar o preço necessário para não perder meu casamento*” comenta.

E assim foi, nada de brigas, elogios bem administrados e, na minha percepção, quase ensaiados, fizeram deste momento um instante aonde parecia estar se formando um “ninho” para a chegada de um novo morador. (Sobre Xênia e Fernando)

Prezam por pensarem de formas semelhantes, por terem um nível intelectual e financeiro parecido, por gostarem de assistir os mesmos programas de televisão, por se reconhecerem com o mesmo tipo de humor, em suma, prezam por uma unidade conjugal igualitária e duradoura. (Sobre Manoel e Manoela)

Rafaela me contou que até a pouco tempo atrás não havia se “*encontrado no mundo*”, não tinha idéia do que iria fazer para sobreviver. Foi depois de conhecer Maria que as possibilidades começaram a aparecer e hoje ela acredita que está no caminho certo.

Maria complementa a fala da parceira dizendo que ambas sonham em crescer juntas em suas profissões e que sonham e montar uma casa bem do jeito delas no futuro.

Os dois trocam olhares afetuosos neste instante e se dão as mãos. Eliéu diz: “*então a gente tem dessa coisa, um cuida do outro, um ajuda o outro*”. Orlando complementa: “*eu quero cuidar de você e superar (em tempo de relacionamento) os 15 anos que você conviveu com o Marquinho (o ex marido de Eliéu)*”.

Outra característica dos casais etnografados é que seus arranjos familiares são formados por pequenos núcleos que mantém certa distância do convívio diário com a família consanguínea (pais, avós tios e primos).

[...] Xênia me revela que não encontra sempre com a mãe e quando a vê, não tem paciência de passar mais que algumas poucas horas em sua presença.

Seu filho nunca dormiu, por exemplo, na casa de nenhum parente ou mesmo das avós. Nos fins de semana, procuram programas que envolvam amigos com modos de vida similares, ou então ficam mais sozinhos em casa. (Sobre Manoel e Manoela)

Suas relações acontecem com maior frequência no âmbito do trabalho e das escolhas de amizades baseadas em afinidades. Isto não significa que nunca estejam com suas famílias de origem, mas sim, que por opção, preferem, pelo que revelaram, por suas atitudes e a meu ver, se relacionar mais frequentemente e construir maiores vínculos afetivos com seus amigos, redesenhando, portanto o conceito de família. Philippe Áries (1981) descreve este padrão citado acima relatando que se no passado a consangüinidade delimitava as raízes da família moderna, hoje tais conceitos são reescritos baseados em outros valores.

Manoel cita que família para ele são todas as pessoas que vivem em sua vida afetando-o positivamente. [...] “*não tenho o mesmo sangue que Manoela e somos família, Tomás não tem o mesmo sangue de Manoela e também é da família*”.

Consideram-se uma família por estarem juntos, vivendo voluntariamente por laços de afeto. (Manoel)

*“Não há como se dar bem com todo mundo da família, então não procuro certas pessoas”* diz Manoela.

Discorre que *“lá em casa tudo é sempre muito difícil”*. Segundo Fernando, todos são muito complicados em sua casa de origem [...].

Analisando os aspectos deste afastamento “estratégico” das famílias de origem, como afirmei, os casais entrevistados não são brigados com as mesmas, porém evitam uma convivência cotidiana assim como fazem com determinados amigos. No caso da família de Fernando, há uma não aceitação do casamento dos dois, principalmente pela sogra de Xênia. Com Manoela e Manoel houve também uma não aceitação do processo de namoro e casamento visto que, alguns membros mais próximos da família de Manoela (sem generalizações), condenaram-na a princípio pela “loucura” de arrumar um namorado pela *Internet*. Já as famílias de Orlando, Maria e Rafaela “aceitam na marra” a questão da sexualidade dos filhos e “recebem” por respeito, mas não por gosto, os parceiros dos filhos. Percebo que este aglomerado de “não aceitações”, pode nos auxiliar a compreender os motivos pelos quais os casais saem à procura de novas configurações familiares, baseadas em aceitação social para conviverem.

### 3.3. Sobre fidelidade

*“Relatou-me que nos primeiros meses tudo parecia maravilhoso, mas que a rotina, as responsabilidades, o mesmo rosto todos os dias ao seu lado, depois de algum tempo, fazia sentir saudades da “liberdade” que se tinha antes do casamento. Ai viria uma crise, outra crise, uma vontade de terminar tudo, uma mistura de amor e raiva aleatórios, a TPM para piorar tudo, “a grande ex-amiga te dizendo que a fulana disse que te pegava fácil”, o sentimento de estar feia, engordando e acomodada e o pior: “a maldita idéia de querer saber se você ainda é capaz de conquistar alguém”*. Porém o fato de pensar em trair e se arrepender, ou de ser descoberta e colocar tudo a perder, fez com que as crises dessem lugar a um sentimento de família, que geraria outro sentimento de segurança e também traria novas pessoas como os familiares, os amigos do parceiro, o natal, os aniversários, as noites protegidas debaixo do edredom e talvez o mais importante para ela: *“não ter que em sentir só”*. (Diário de campo – depoimento de Rafaela)

É unânime, entre os entrevistados, a afirmativa de que a fidelidade<sup>47</sup> é algo crucial para o “sucesso” dos casamentos entre eles. Não estão atrás de aventuras ou de amores fluidos, ao contrário, querem se comprometer dentro daquilo que são capazes, individualmente. Em alguns momentos da convivência com essas pessoas, ficou perceptível que, quando me passavam suas opiniões sobre o assunto, reforçavam-na para o parceiro de maneira subjetiva. É como se estivessem falando para mim, olhando para mim, mas suas “intenções” e o direcionamento daquelas palavras tivessem um endereço diferente: o do parceiro.

O casal Xênia e Fernando discorrem sobre a questão da fidelidade com as seguintes afirmativas:

*“tenho um cara legal do meu lado, acho que não me trai (risos), reclama, mas acaba fazendo as coisas e é divertido [...]”.* (Xênia)

Frustrado de alguns relacionamentos anteriores encontrou na esposa requisitos como *“fidelidade, parceria e amizade”* cita. (Fernando)

Manoel relata como se deu seu enlace com a parceira tendo recebido em cada palavra proferida, o aval do olhar ou um balançar de rosto de Manoela:

*“passamos muitos anos vivendo juntos e foi só há um ano atrás que casamos no cartório. O que faz da gente uma família e o que nos faz ser casal tem a ver com amor, afinidade, fidelidade, amizade. Compreende?”.*

Rafaela e Maria relatam sobre seu trato de fidelidade:

*“Somos um casal fiel, optamos por isto, o que não falta na cidade é menina te cantando o tempo todo e elas sabem que você é casada, mas não estão nem ai, mas nós estamos, somos casadas”.* (Rafaela)

“Rafaela relata que sempre gostou da idéia de ter uma família e que nunca foi uma mulher de ficar com uma pessoa num dia e no outro já ter mudado de

---

<sup>47</sup> Observando um grupo de pacientes em meu consultório, busquei associar os seus casamentos dentro de contextos mais igualitários de relação ou modelos mais tradicionais. Os casais aonde ambos trabalham, dividem as contas e as tarefas da casa e que não desenvolveram uma hierarquia de poder, são numericamente mais fiéis do que os casais aonde predominam um “chefe de família”, este, um gestor financeiro e possuidor de uma hierarquia de comando sobre o cônjuge, independente de ser um casal hetero, gay ou lésbico.

parceira. Gosta da idéia de fidelidade e disse que já combinou com a parceira que se algum dia alguém aparecer na vida de uma delas que serão honestas e terminarão o casamento sem traição”.

“Maria concorda com a fala da parceira e diz que assistiu a muitos casais de amigas se separarem e virarem grandes inimigas devido a traições”.

#### Sobre a fidelidade em Eliéu e Orlando:

Existe no casal, uma busca pelo sentido de família, aonde constroem tal sentido procurando, segundo seus relatos, respeitarem o espaço um do outro, primando por fidelidade, seguindo uma seqüência “tradicional” de conquista (flerte, conversas, pegar na mão, jantar no restaurante, namorar, beijar, dormir juntos) até chegarem ao casamento. ()

[...] ambos se intitulam um casal “tradicional”, com sonhos de se estabelecerem financeiramente, de envelhecerem juntos, no acordo que fizeram para morarem juntos, nada de relacionamento aberto [...].

Segundo Maria e Rafaela, mesmo havendo uma grande demanda de mulheres solteiras “*prontas para o ataque*” o fato é que muitas pessoas ainda preferem formar casais fiéis para viver.

“Ambas concordam que existem muitas mulheres querendo só “*dar uns amassos*” e que basta você estar numa festa que logo vem uma garota dar em cima. “*Se você não mostrar que está acompanhada, rapidinho vai rolar uma cantada e mesmo se mostrar ainda assim é provável que uma garota fique te comendo com os olhos*” diz Maria”.

Portanto, se Engels (1995) afirmou que a monogamia apareceu historicamente associada ao fenômeno da escravização do sexo masculino sobre o feminino, nos casais pesquisados, podemos verificar que esta opção se constrói socialmente pelo desejo de ambas as partes pela construção de uma vida a dois.

O fato é que se tais pares estáveis se dão por afinidade, por interesses econômicos, estéticos, ou ainda conforme citou Grossi (2003), em relação à conjugalidade homoafetiva, por medo da propagação da AIDS ou pela formação dos casais “DIWC” (duplo salário sem filhos), uma temática “teima” em aparecer entre os casais desta etnografia. Trata-se daquela que se refere ao amor.

### 3.4. E aonde entra o amor?

*“O que faz da gente uma família e o que nos faz ser casal tem a ver com amor, afinidade, fidelidade, amizade. Compreende?”* (Manoel)

*“É o amor que nos une, temos muitas coisas em comum e muitas diferenças, em outros namoros isto também aconteceu, mas em nenhum amei tanto alguém como amo a Rafaela”.*

Para Eliéu, *“enquanto existir respeito e amor vale à pena estar junto”*, Orlando brinca dizendo que *“respeito, amor e sexo também”* (Risos).

*“É o amor da minha vida”* (Rafaela)

Quando os conheci haviam me falado sobre estarem juntos por amor, mas hoje compreendo que existem diversos outros pontos que os unem. O amor seria, um, entre os outros. (Diário de Campo – sobre Xênia e Fernando)

Presença constante nos relatos de nossos pesquisados, discuto abaixo algumas questões pertinentes à temática do amor<sup>48</sup>.

Velho (2006) que diz que “o casamento, pelo menos pelos setores mais modernos da sociedade contemporânea, é caracterizado como sendo uma escolha recíproca, baseada em critérios afetivos, sexuais e na noção de amor<sup>49</sup>” (p. 26).

Segundo Azevedo (1986), as uniões no passado eram feitas por interesses dos pais (mais especificamente do pai) dos futuros cônjuges. Entretanto, no século XIX este antigo padrão passa a ser trocado pelas exigências do amor romântico, mesmo que este também precisasse depender das regras morais e até jurídicas das tradições patriarcais.

O amor romântico emplacou uma trajetória durante os séculos que não mais pôs fim à sua existência. Heilborn o designa o amor como “configurador da afeição e tido como o motivador do

---

<sup>48</sup> Verificando a ficha dos meus últimos 100 pacientes casados (no civil, religioso ou que moravam juntos) e ao puxar as histórias de cada um deles encontrei três casos em que o paciente se casou relatando não amar o parceiro. Num deles a jovem estava grávida e, portanto, se casou por imposição dos pais e nos outros dois, pesaram o interesse financeiro. Não houve mais nenhum só caso de casamento em que o amor não tivesse sido um dos motivos para se estar casado.

<sup>49</sup> Voltando no tempo para compreender um pouco da trajetória deste amor, Rougemont nos conta que o mito do amor no ocidente surge no século XII através de ascetas que criaram uma “Igreja do Amor”. Tal igreja era contrária aos fundamentos da igreja romana e rapidamente se expandiu pela Europa adquirindo muitos adeptos (HEILBORN, 2004).

casamento contemporâneo, constitui-se num modo peculiar de expressão dos sentimentos da pessoa moderna” (2004, p. 64).

Giddens (1993), também discorre sobre o amor romântico e o cita como descendente do “amor paixão”<sup>50</sup>, este, cunhado devido a uma conexão entre o amor e o sexo através de suas compulsões sexuais/eróticas, traduz-se de certa forma, em um risco para a organização social, já que trata-se de um perturbador do ser humano. Porém, o amor romântico, em suas questões de ordem sexual persegue um caminho que o conduz a um cunho de “sublime”, suplantando as tendências do ardor sexual e se desassociando dos elementos característicos encontradas no amor paixão (p. 51).

Quanto às relações contemporâneas sobre amor, o autor possui um enfoque positivo no que diz respeito a elas. Acredita no amor romântico como forma de estabelecer laços emocionais de longa duração. Fala sobre o “relacionamento puro”, “um relacionamento de igualdade sexual e emocional, explosivo em suas conotações em relação às formas preexistentes do poder do sexo” (p. 10). É necessário, porém, segundo o autor, que haja autonomia e liberdade por parte de cada membro do casal, pois tais passos caminhariam para uma construção de intimidade e, portanto para um processo de relacionar-se mais democrático.

Bem similar aos conceitos que acabamos de citar tendo como último referencial Anthony Giddens, Myriam Barros (2009), em “*Três gerações femininas em famílias de camadas médias*”, observa a trajetória de vida de algumas mulheres de camadas médias no Rio de Janeiro, em suas pesquisas, e se pronuncia sobre uma das variáveis do amor denominado “amor construção”, sendo este, derivado da frustração dessas mulheres com as expectativas geradas pelo amor romântico, criam um modelo onde prevalecem as atitudes conjuntas do casal e as individualidades são respeitadas.

Zygmunt Bauman (2004), numa outra visão sobre o amor e os laços provenientes do mesmo, como é o caso do casamento, enfatiza que os relacionamentos que vêm se desenvolvendo nos dias atuais são engodos. Enfoca ainda em seu livro “*Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*”, que aquilo que caracteriza a modernidade é a “misteriosa fragilidade dos

---

<sup>50</sup> O amor paixão (*amour passion*) teria, segundo Giddens (1993), algumas características que se diferem do amor romântico, este sim, herdeiro dos elementos do primeiro. Citarei algumas dessas características inevitáveis pra mostrar o diferencial de um para o outro, porém, não entrarei em maiores detalhes sobre esta discussão pois não é o objeto principal de estudo deste trabalho.

vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes (estimulados por tal sentimento) de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos” (p. 8).

O autor explica que o homem sem ligações indissolúveis e definitivas, ou seja, o cidadão da nossa atualidade e seus descendentes, a se conectarem uns aos outros por argumentos frágeis e superficiais que possuam suas amarras bem simples de serem desatadas, quando for conveniente. Suas relações não se caracterizam por profundidade nem continuidade, não há qualquer garantia de durabilidade, conecta-se e desconecta-se de forma frágil sempre que novas situações aparecerem, ou qualquer tipo de desconforto o atormentar.

No artigo intitulado *Romeu e Julieta e a Origem do Estado*, Viveiros de Castro e Araújo (1977) trazem como tema de estudo a obra *Romeu e Julieta* de Shakespeare, revisitada sob o prisma antropológico do conceito de amor, pois consideram se tratar de uma obra de “difusão quase universal” (p. 131). Os autores pressupõem que nela exista uma identificação profunda com similaridades nos acontecimentos sociais no ocidente.

Primeiramente, sugerem que a problemática do estudo do amor surge baseada na dificuldade de conceituá-lo antropológicamente, quando o colocam como “relações sociais em que predominariam o componente afetivo ou emocional, o qual, por sua vez, estaria associado à idéia de escolha, de opção individual” (p.132). Portanto a associação do estudo do indivíduo como “categoria central” dentro de uma ciência social torna-se um tema conflitante e de análise complexa, pois tal indivíduo gerencia seus atos já não levando, necessariamente em conta, as regras sociais, torna-se, portanto um ser “psicológico” que atua com atitudes próprias advindas de seu “*inner-self*”. Portanto, para os autores, este “mito de origem”<sup>51</sup> passa a visão do amor como “perda da identidade” sendo que a primeira perda seria a da identidade “social” seguida pela perda da identidade “pessoal”.

O Amor possui uma presença sistemática na vida dos nossos informantes. Fruto de uma construção social complexa que traz elementos detectáveis e palpáveis, num primeiro instante, se “esconde” atrás de uma barreira de símbolos subjetivos, porém, a observação mais sistemática vai revelando aos poucos como se dá tal construção.

---

<sup>51</sup> *Romeu e Julieta* é tratado no texto com um mito “de origem” pois estabelece “um mundo novo, habitado por uma outra concepção das relações entre os indivíduos e a sociedade” (p.142).

### 3.5. Sobre as casas

Dividida entre o rústico e moderno, aonde o cestinho de sisal ou mesmo a velha mesinha de fazenda se encontram num mesmo espaço com um moderno televisor de LCD de 44 polegadas acoplados a um laptop e à *internet*, Fernando e Xênia revelam uma transição da passagem do antigo ao contemporâneo, compreendendo que aquele espaço está voltado para o futuro e para o novo que está por vir, simbolicamente, até mesmo segundo minha percepção, representado pela expectativa de, em breve, terem um filho. Porém ambos (Xênia um tanto mais) estão atrelados ao passado e não querer abrir mão da nostalgia e dos ensinamentos do mesmo. Xênia relembra nesta citação:

*“Quando olho para esta casa me lembro de quando eu era menina e das coisas que havia lá e que eu nem via como importante, mas que me dão saudades hoje”.*

Ou ainda:

*“Eu pensava muito no futuro e no que eu teria quando crescer. Hoje eu posso comprar praticamente tudo o que eu sonhava e o que eu nem sonhava que existiria”.*

Fernando já não compreende o mundo sem as “modernidades” dele e quer ter tudo o que tal modernidade é capaz de trazer. Resume isto numa pequena frase:

*“como é que a gente podia viver sem o computador e sem celular?”.*

A casa representa para eles um espaço aonde constroem elementos significativos da sua conjugalidade. Existem nela os aspectos da individualidade de cada um quando Fernando monta, por exemplo, espaços repletos de tecnologia transformando-a numa “casa do futuro”. Em contrapartida, olhando para outros espaços da casa, esses, nos remetem a cenas das casas das cidades do interior com as suas decorações características. Um terceiro espaço, construído por ambos, revela o ponto de intercessão do casal. Percebo então que a cozinha, a sala de estudo, o quarto do casal e os móveis, comprados em parceria possuem uma identidade mesclada, nem tão “tecno” nem tão “bucólica” gerando assim, novos significados e pontos de união para ambos.

Portanto, a maneira de decorarem a casa e a escolha dos objetos parece definir e construir uma identidade para o casal e a cada um na relação.

Manoel e Manoela assim como Xênia e Fernando moram no conforto de espaços elegantes, bem planejadas aonde se “deliciam” com os elementos eletrônicos, que a tecnologia trouxe para a vida das pessoas nas últimas décadas. Ambos os casais buscam em seus lares, o conforto sonhado no passado e realizado no presente e se orgulham de suas construções, do novo quadro comprado, do anão adquirido para o jardim, do computador novo, entre outros elementos.

Apesar de a etnografia apresentar vários aspectos que mantém viva a individualidade em cada um, a casa parece produzir o momento simbiótico conforme cita Heilborn (2004) aonde existe uma “perda de identidade” para a produção de aspectos comuns, formadores de uma “unidade de duas pessoas”. É na construção, decoração e divisão das tarefas em relação à casa, que Manoela e Manoel mostram a maioria de seus pontos de união e uma relação de igualdade nesse ambiente comum de convivência.

[...] percebi um casal entrosado que parecia ter em suas conversas e atitudes algo que me fez lembrar um “*ballet* bem coreografado”, parecia que seus movimentos eram ensaiados e que cada frase era seguida por um complemento do parceiro como que se o texto fosse falado por uma única pessoa.

Após terminarmos o café, tiraram a mesa e o *ballet* ensaiado inicia-se com uma seqüência de recolher pratos, talheres e xícaras, lavar as louças, secá-las, limpar a mesa e subir com as bagagens, inclusive a minha, para o segundo andar.

Embarcando no modelo de Xênia, Fernando, Manoela e Manoel; Eliéu e Orlando possuem se não toda a tecnologia dos primeiros casais, ao menos o desejo de tê-la. As questões financeiras ainda são impeditivos para tais conquistas.

De todos os casais etnografados, foi o que mais descreveu o valor da casa como um espaço construído para o “exercício da conjugalidade”. Eliéu diz, por exemplo, que seu apartamento só ganhou “*vida*” após a chegada de Orlando, pois estava triste e não via sentido nas coisas. Ele diz que anteriormente a chegada de Orlando:

[...] a vida não estava fazendo sentido, estava descuidado com o novo lar, sem vontade de retornar para casa, dormia freqüentemente na casa de amigos, e “*estava inventado desculpas para não ir para casa*”.

Porém um dia, tomou a postura de faxinar a casa para tentar mudar sua vida, e disse então para si mesmo:

*“Agora sim, meu jardim já está arrumado! Que venham as borboletas!”*

Orlando então chegou e trouxe, segundo Eliéu, a alegria de volta para sua vida e este não economizou esforços para fazer de seu lar, um espaço muito agradável e acolhedor para ambos e principalmente, para o marido, que ao chegar cansado do trabalho é acolhido com o carinho e com os mimos do companheiro.

No dia a dia, prepara alimentos como arroz feijão, uma “*carninha de panela*” e acabou por se tornar o cozinheiro da casa, pois possui mais tempo que o parceiro que trabalha com horário fixo. Percebo o orgulho com que fala do cheiro de alho e do barulho da comida sendo refogada na panela, fica claro para mim que este momento, que estas cenas, fazem com que as lembranças da antiga casa onde morou quase toda uma vida, renasçam e reapareçam renovadas no cotidiano e nas coisas simples do lar desta nova família.

Maria e Rafaela passam a maior parte do dia fora de casa. Apresentam uma evidente dificuldade em administrar o funcionamento da mesma, seja em relação à alimentação, seja em relação à faxina e às roupas a serem lavadas. Percebo que esta desorganização faz com que o casal não “curta” em maior grau este espaço. Ainda assim, revelam que existe um movimento de negociação no sentido de modificar este padrão, pois, querem transformar sua casa num espaço acolhedor para si e também porque gostam de receber amigos.

A faxina pesada seria quinzenal, mas no dia, segundo Maria, Rafaela sempre está com preguiça ou arruma um compromisso com as amigas. Então ela acaba fazendo sozinha. Quanto à compra de comida ficou combinado entre o casal que o supermercado da semana seria por conta de Maria, tanto na questão financeira, quanto na obrigação de fazê-lo e que a compra de pão, leite ou uma carne, quando necessário, deveria ser feita por Rafaela. Isto quase nunca aconteceu e hoje não acontece mais. (Diário de Campo – Relato de Maria)

Em relação aos casais homossexuais, vale ressaltar que, segundo suas narrativas, do início de suas relações até o momento em que formaram suas casas, os casais passaram em momentos anteriores por uma série de dificuldades. A revelação de sua sexualidade para as famílias e a convivência dos mesmos com uma sociedade aonde a homofobia se encontra ainda muito presente são dois desses momentos.

Os casais homossexuais etnografados narram um pouco de suas trajetórias em relação aos preconceitos e como trabalharam e trabalham até hoje para superar tais dificuldades.

Maria e Rafaela convivem hoje, segundos seus relatos, bem mais tranquilas em relação ao passado, aonde as próprias famílias de origem geraram os primeiros conflitos sobre as suas sexualidades.

*“Depois que a minha mãe compreendeu que não mudaria minha posição ela me acolheu e me senti protegida”.* Diz que, no início da adolescência, quando se *“descobriu”* lésbica, parou de sentir um membro da família e se afastou de todos emocionalmente, pois já tinha consciência que acabaria por ser *“banida”* a qualquer momento daquele lar. (Rafaela)

*“Ninguém precisa se prepara para chegar pra mãe ou pro pai e dizer: gente eu sou hétero ta bom? Vocês me aceitam mesmo sabendo disso?”.* (Rafaela)

Segundo Maria, seus pais possuem bastante preconceito sobre o fato de ela ser lésbica, o que já ocasionou uma série de brigas familiares, porém, ainda assim, Rafaela é respeitada e não passa por constrangimentos perante a família da parceira.

Orlando conta que aos 17 anos revelou ser gay para a família. Cita que seu pai até hoje não reconhece o assunto. A exceção foi a irmã mais velha que, passado alguns dias do episódio, conversou com ele. Já Eliéu apresenta uma história bem diferente.

*“Sou gay sim e vocês querendo ou não, vão ter que aceitar”.* (Orlando)

*“Finge até hoje que não sabe de nada”.* (Orlando sobre o pai)

*“Nós gostaríamos aqui em casa que você gostasse de mulher, mas ainda assim se ninguém no mundo não te aceitar, eu te aceito”* e então o abraçou e o confortou. (Irmã de Orlando)

Eliéu conta que a sua família de origem é *hors concours* em relação às outras. Dos cinco irmãos, quatro são homossexuais, ele e mais três irmãs, além disso, tem vários primos e tios que também são. Diz que desde pequeno escuta de forma natural conversas do tipo: *“-Você não vai no casamento da Lúcia não? - Ué eu não sabia que a Lúcia vai casar não! Vai casar com quem? -Com a Candinha! Vai ter uma festa maravilhosa, você não vem não boba?”*. (Diário de Campo)

Quanto às manifestações públicas de preconceito sexual os casais etnografados revelam:

*“Aprendi a abstrair esse tipo de provocação”, “não me importo mais com os nomes que costumam me dar, sou o que sou, desde que não me toquem, deixe os ignorantes continuarem ignorantes”*. (Maria)

*“Quando me ofendem na rua, viro bicho, brigo, fico ignorante, chamo a polícia, faço o diabo”*. (Rafaela)

Com a revelação da sua sexualidade, muitos de seus amigos de infância o abandonaram, sentiu-se isolado e infeliz. (Orlando)

No exército, os colegas e os superiores, inclusive o sargento falavam coisas com ele do tipo: *“vamos bichinha! ou olha! hoje é a bichinha que tá de trabalho!”*. (Orlando)

*“Eu sou um homem. Gente! O que é que tem a ver eu gostar de uma pessoa do mesmo sexo?”*, disse Orlando citando que já tentou algumas vezes utilizar este argumento em vão para dialogar com seus colegas de serviço. (Orlando)

Contou que, poucos dias antes desta entrevista, ouviu de um rapaz da obra que está trabalhando atualmente na Universidade Federal de Juiz de Fora, dizer em voz alta para todos: *“sabia que o orlando é viado, gosta de homem, gosta de dar a bunda?”*, queixou-se com o encarregado e dias depois além de nada ter sido feito o mesmo empregado voltou a atormentar Orlando com ataques homofóbicos. (Orlando)

Percebe-se que Orlando é o que mais se afeta com as questões relativas à sua homossexualidade. Um de seus trabalhos é num canteiro de obras aonde seus “colegas” são machistas e sofre portanto com um preconceito no qual não está dando conta de suportar. Eliéu, mais experiente e tendo uma família que vive dentro do universo gay, soube passar por esses

problemas com elegância e bom humor. Deixa como ensinamento para o parceiro as seguintes vivências:

*“Quando falavam comigo: -ai bicha! Eu falava: -ai macho!”. [...] E ele respondeu em voz alta: “bicha não! Dona bicha!” ou ainda, um rapaz que virou para Eliéu dizendo: “eu faço Jiu Jitsu!”. E ele responde: “e eu faço ballet, vamos ver que levanta a perna mais alto?”.*

Porém ficou claro na etnografia que, mesmo sabendo ou aprendendo a se desvencilhar de “ataques” homofóbicos, ambos os casais optam por não fazerem manifestações públicas de afeto.

Outra situação ausente foi a troca de carinhos através de contato. Esta troca existe sim, e até com bastante frequência, mas no campo das palavras, das gentilezas sutis, dos olhares e risos de cumplicidade. (Diário de Campo)

Outro ponto que me chamou a atenção sobre a construção da conjugalidade desses dois casais, passa pelas questões relativas ao apoio que dão no sentido de ensinar, proteger e acolher, criticar, ou seja, de zelar pela integridade física e emocional do cônjuge que está em determinado instante, passando por alguma situação que o deixa vulnerável. Podemos citar aqui alguns exemplos do que acabo de citar vindo dos próprios casais.

Quando uma das meninas virava alvo de um rapaz, normalmente ia para o meio de uma roda que elas montavam de forma improvisada. Acabado o “ataque” desmontavam a trincheira e voltavam a ficar mais soltas. Observando os três pares por algum tempo compreendi que, ao menos naquele instante, havia certa necessidade de que um dos membros do casal se tornasse o cuidador do outro. Entre Maria e Rafaela esta cena é clássica e constante. (Diário de Campo – no show da Banda Mulheres de Chico)

*“Eu encarava as pessoas” diz [Eliéu]. Reconhece, porém que num canteiro de obras cercado por ferramentas e por homens com a “mentalidade pequena” arrumar uma briga pode não ser a melhor opção para o companheiro.*

*“Nunca deixaria ninguém destratar a Rafaela na minha frente, nem lá em casa e nem na rua”.*

Eliéu acha que o grande negócio que orlando pode fazer é investir “pesado” na carreira de fotografia, administração de *sites* e *blogs* e na produção dos cabelos que faz muito bem. (Dica de Eliéu para Orlando devido aos ataques Homofóbicos que sobre em seu atual emprego)

A casa, portanto, transpassa a idéia de algo formado por paredes e objetos e se revela como um grande e subjetivo espaço de proteção, acolhimento e troca de afetos. Estar fora dos muros de tijolos não significa estar fora de casa, pois ela é elástica e se mantém viva dentro de seus moradores, mesmo nos ambientes mais públicos ou mesmo hostis. O fato de saberem que têm um ao outro, os tornam protegidos e simbolicamente, constantemente, dentro da segurança de seus lares.

### 3.6. Os hábitos alimentares e sua contribuição na construção da identidade do casal

Café, leite, sucos, iogurtes, pães variados (de sal, de forma, com nozes, australiano, com gergelim e integral), manteiga, queijo, requeijão, patê, geléia de damasco, presunto comum e de peito de peru defumado e frutas (maça, banana, melão e mamão), adoçante, açúcar e claro: o açúcar em torrões. (Diário de Campo)

Excluindo-se o casal, Eliéu e Orlando, temos como ponto comum o fato de os outros pares estabelecerem um padrão similar de alimentação. Vidas “corridas”, com pouco tempo, segundo os casais, para a preparação dos alimentos, opção pelo mais rápido, menos trabalhoso, falta de talento (segundo Xênia), perda de tempo (segundo Fernando), já Maria, se queixa que o tempo que tem é pouco para ficarem cozinhando, mas que “talvez um dia” isto mude. Suas “queixas” fazem, portanto com que eles se voltem para uma alimentação industrializada.

Portanto, neste aspecto, os três casais abandonaram o modelo tradicional totalmente, não cozinham nunca.

*“Compramos tudo pronto ou comemos na rua” diz Fernando.*

*“Chegamos em casa cansadas, queremos comer rápido e ir para a cama”.*  
(Maria)

Manoela e Manoel quando estão em casa, se alimentam de produtos que descongelam no forno, no microondas ou simplesmente encomendam de um restaurante. Biscoitos, bolos, pães,

massas, sucos, refrigerantes, chás, embutidos, enlatados, ou seja, diversos produtos industrializados compõem as prateleiras deste casal. Não perdem tempo nem comprando leite e chocolate para misturar, compram, como citei: “*pillhas de Toddynho*”. E assim acontece com Xênia, Fernando, Maria e Rafaela, que, seguindo o mesmo padrão, são fãs de encomendarem comida, ou comprarem congelados.

Dutra (2007) cita, que ao estudarmos os hábitos alimentares das pessoas, podemos identificar maneiras e posturas, gerando uma análise da identidade das mesmas. Os ingredientes, a preparação dos alimentos e todo o ritual que cerca este momento se acabam nas comidas industrializadas. Se este movimento é gerador de identidade, quando não é preparado e sim comprado pronto, faz com que tenhamos que percepção de nós mesmos? A autora cita que:

A alimentação industrial nos coloca um problema de identidade radical: como saber quem sou, se sou o que como e ignoro o que como, do que é feito? Cercados estamos por objetos comestíveis não identificados, por produtos de fora, produtos sem história. (p. 281)

Percebo, porém que o fato de optarem por este tipo de alimentação, não pode caracterizar tal atitude como algo relacionado à “falta de tempo” para preparar os alimentos, pois, por exemplo, os casais, Manoela, Manoel, Xênia e Fernando, gostam de “bater papo” comendo algo, lanchando, jantando, e, portanto, a comida está presente nos momentos importantes que são curtidos com tranquilidade e sem correria.

Toda esta “trama” familiar revela uma cumplicidade nos casais. Percebo no movimento deles um interessante ponto para caracterizar aspectos comuns e, portanto formadores de suas identidades conjugais.

Enfim, contrariando as regras, Eliéu se tornou o cozinheiro da casa. Este, já tinha o hábito de cozinhar antes, porém entre o período em que morou sozinho em seu apartamento e a chegada de orlando, ficou descuidado com a alimentação. O casamento trouxe qualidade na parte alimentar. Preparam suas saladas, carnes, arroz e feijão diariamente.

O casamento para este casal gera um sentido de qualidade de vida refletida na melhoria da alimentação, das horas de sono, do cuidado para se controlarem em seus vícios (como por exemplo, o exagero de Orlando na Internet) e por criar um desejo de crescimento e melhoria de qualidade de vida, além de, ao menos

para Eliéu, dar continuidade ao sentido de família através do ato de cozinhar, cuidar do parceiro e cuidar da casa. (Diário de Campo)

Com todos esses relatos uma questão me apareceu como interrogação. “*A classe média está parando de cozinhar?*”. Se pararmos para comparar as prateleiras de um supermercado hoje e há alguns anos atrás veremos que os alimentos industrializados vão acabar substituindo os crus. Enfim, parece que a resposta á minha pergunta é um “sim”, as camadas médias estão cozinhando cada vez menos em seus cotidianos.

Os estilos alimentares traduzem a busca de algo novo, genuíno, “mais simples” por uma classe média urbana e educada que vem desenvolvendo, em diferentes intensidades, uma postura curiosa e cosmopolita. (DUTRA, P. 283, 2007)

### **3.7. Paternidade e Maternidade: a construção do parentesco**

No primeiro capítulo desta pesquisa, procuramos desmistificar as questões pertinentes ao biologicismo do parentesco. Piscitelli (1996) cita Rubin, Yanagisako, Strathern, Collier e Rosaldo em suas lutas para desnaturalizar conceitos relacionados às polaridades macho e fêmea no qual o parentesco é baseado na biologia humana e em diferenças naturais. Bourdieu (1996), Dutra (2007), Fonseca (2005), Heilborn (2004), BUTLER, (2003a), contribuíram para construir nosso campo teórico sobre este processo de desmistificação.

Cabe aqui compreender que conjugalidade nem sempre se reflete em parentalidade e que ambos são aspectos que podem “caminhar” separadamente. A conjugalidade se trata de uma associação entre duas pessoas que passam a administrar uma vida em comum (HEILBORN, 2004). Já a parentalidade envolve conceitos de “conectividade”, um desejo de associações sociais que envolvem hierarquias e grupos de pessoas que buscam relações profundas e duradouras de parentesco. A parentalidade na atualidade é considerada, levando-se em conta os valores de afinidade social em detrimento ao passado, aonde se considerava somente os fatores biológicos para a construção da mesma. (FONSECA, 2007)

Grossi (2003) nos acrescenta que o modelo tradicional de nomear parentesco (pai, mãe, filho, filha, nora genro, avô, avó, tio, tia, sobrinho, sobrinha), passa a ser questionando pelos

casais homossexuais. A tradição se “quebra”, por exemplo, num lar onde uma criança é criada por duas mulheres, ou seja, ela possui não uma mãe e um pai e sim, duas mães.

Outro fator relevante ao tema refere-se à afirmativa de Butler (2003a), como citado no primeiro capítulo deste trabalho, na qual existe uma tendência a se dissociar parentesco de casamento. Isto se dá pelo fato de países como a Alemanha, França e Estados Unidos, por exemplo, começarem a reconhecer algumas formas de “casamento *gay*”, porém, com a exclusão de direitos de adotarem filhos e de terem acesso às tecnologias de concepção que são garantidas aos pares heterossexuais casados.

Cada casal aqui apresentado constrói sua conjugalidade e sua parentalidade de maneira particular. Em comum possuem o fato de além de ser um núcleo conjugal, buscam também formarem grupos parentais. Também não há unanimidade na atitude de se tornarem pais. Tais discussões são construídas com conversas que envolvem sentimentos ora comuns ora ambíguos.

O casal Xênia e Fernando estão atualmente se preparando para ter o primeiro filho, estão apreensivos, mas devido ao “relógio biológico” de Xênia estão decididos que não há mais como esperar.

Pelas conversas com o casal, fica claro que Fernando não está querendo assumir este novo papel de pai em sua vida, mas que respeita as questões que envolvem o desejo de Xênia em querer ser mãe e também respeita o fato dela estar com 35 anos e segundo seus médicos esta ser uma idade aonde seus óvulos ainda não envelheceram, fato que começará a acontecer nos próximos meses e anos.  
(Diário de Campo)

Sentem que podem passar problemas por questões referentes a serem ou não bons pais, às viagens de estudo e de lazer que haviam programado e sob questões referentes à liberdade que possuem agora e que poderá ser cerceada com a chegada do futuro filho. Vivendo entre o medo e o desejo, vão caminhando juntos entre exames e preparações para a futura maternidade de Xênia e da paternidade de Fernando.

*“Tenho medo de não ser um bom pai, não sei também como é que vai ficar nosso tempo pra estudar, namorar e viver sossegado, mas acho que é agora ou nunca”.*

Xênia por sua vez, está apavorada com a questão de sentir dor durante a gravidez. [...] se poderá pegar seu filho no colo devido aos problemas de saúde da coluna ou se conseguirá trabalhar menos para olhar mais o filho durante a infância do mesmo. (Diário de Campo)

Manoela e Manoel já não têm mais planos de terem filhos, são pessoas permissivas demais com os que possuem. Existe uma liberdade excessiva que acaba por dar uma autonomia ao filho mais velho de Manoel de se manter num quase isolamento constante. Ao filho mais novo, a liberdade faz com que o pequeno rapaz se torne por vezes, inconveniente, mal educado e cansativo, pois é necessário que “o mundo gire a sua volta” então os pais, de pleno acordo “o fazem girar”. Além disso, relatam a perda da liberdade e uma questão em comum com o casal Xênia e Fernando que é a questão da idade ideal para uma mulher ser mãe.

Percebe-se que a paternidade e a maternidade foram vividas por ambos de forma traumática. Após Visconde, ficou claro que nunca mais teriam outro filho. *“Desde bebê ele dava trabalho pra dormir, comer, sossegar”*, conta Manoela. Manoel não comentou nada sobre o assunto, mas balançava a cabeça num tom afirmativo às palavras da esposa. O fato de tornarem-se pais tirou uma liberdade que possuíam durante muitos anos antes do casamento. Como Manoela estava próxima aos quarenta anos assim que começaram a ficar juntos, concluíram que deveriam ter um bebê. Contaram sobre as noites que passaram em branco por causa do filho e da dedicação do pai, que não se eximiu de tomar conta de Visconde da mesma forma que a mãe. (Diário de Campo)

*“Durante o fim de semana que passei na casa, observei um casal que luta pela sua harmonia, possui formas não convencionais de cuidar do filho, mas que de certa forma funciona para conter toda a agitação do mesmo. Colocaram, por exemplo, naquele final de semana, uma gangorra no meio da sala, ou seja, Manoel fez furos na laje do apartamento e fixou um balanço desses que se encontram num parquinho bem no meio da sala de televisão.”* (Diário de Campo)

Percebo que quando um casal “erra” assumidamente em conjunto, esta também é uma maneira de construir sua conjugalidade. A identidade conjugal adquirida pelo casal se faz através de pontos de acordo em comum sejam eles positivos ou não. O igualitário se dá aqui pelo viés daquilo que possuem através de um acordo.

Durante os encontros com Rafaela e Maria reconheci, através de suas palavras, uma jovem família que busca entre erros e acertos construir uma relação harmoniosa e duradoura. Em relação à maternidade explicitaram que possuem intenções futuras quanto ao assunto. Buscam construir sua relação conjugal através de um velho modelo conhecido: a compra da casa própria e a gravidez para gerarem seus descendentes.

Com Rafaela, a companheira sentiu pela primeira vez o desejo de “*ser uma família*” e faz planos de uma casa maior no futuro e de terem um filho ou dois. “*Talvez eu possa engravidar de um e ela de outro*”. (Diário de campo)

Com Eliéu e Orlando ambos são unânimes em afirmar que não querem ter filhos. São um casal que está empenhado em conquistar uma estabilidade financeira.

não pensa em união religiosa, não querem adotar uma criança como muitos casais de amigos estão desejando (Orlando concorda com Eliéu)

### **3.8. O casal conjugal: a equidade, a amizade e os laços sociais**

Por conjugalidade, portanto, entende-se uma relação social que se institui em um par, admitindo o caráter de uma opção por uma determinada gestão da sexualidade. (HEILBORN, 2004, P. 14)

Marcel Mauss (1974) citava que os laços sociais se formam fundamentados em trocas. Tal reciprocidade, que não se refere unicamente a questões materiais e se dão apoiadas em conceitos como o de solidariedade, a busca de uma integração social e também pelo fato de se reconhecer que existem obrigações mútuas em pessoas.

A conjugalidade seria, portanto uma forma de junção social que criaria, ao seu modo, os laços sociais entre duas pessoas. Tais laços vêm, ao longo dos tempos se remodelando em novas configurações sociais.

Para Dutra (2007), por exemplo, o modelo de família tradicional vem ao longo das últimas décadas se remodelando em novos padrões relacionais. Percebe-se, dentro das camadas

médias, que o modelo igualitário passa a preponderar e se estabelecer novos paradigmas sociais, pois se contrapondo às formas tradicionais, traz consigo conceitos que minimizam as hierarquias de gênero e de geração.

No casal Xênia e Fernando, esses começam a estabelecer processos igualitários primeiramente pela comunhão de ações em pequenas coisas do seu cotidiano. Pontualidade por exemplo, é uma característica na vida deste casal, mostram-se claramente alterados em seu humor quando as coisas não saem conforme o programado.

Foi ali, ao chegar ao *shopping*, que descobri o primeiro ponto em comum do casal: 19 horas não são 19 e 10. Estavam com uma cara de quem havia me esperado por horas e Fernando não tardou a comentar: “*pensei que tivesse havido algum problema*”. Abri um sorriso sem graça e disse que não, “*foi só o trânsito que não contribuiu*”. Desculpas ineficientes foram acompanhadas de comentários monossilábicos por parte dele: “*tá*”. Aprendi a primeira lição com este casal. “*Chegue sempre na hora!*”.

Ficou claro para mim, que o fato de viverem de acordo com uma série de regras, horários seguidos à risca, e também de possuírem uma casa bastante organizada, mantida por ambos, extremamente limpa e detalhista na decoração, faziam com que este casal construísse uma relação, a partir desses princípios, e esta seria a forma criada, para que, naquele espaço, pudesse existir uma conjugalidade.

Em relação à disputa por poder, Xênia exerce a autoridade na casa na maioria das vezes. Diz coisas como:

“*Nem meu padrasto fuma quando vem aqui, se quiser fumar pode descer o elevador e ir na área aberta do prédio*”. (Referindo-se à proibição que impôs a todos, inclusive à sogra sobre não fumar em seu apartamento)

Durante esta conversa, Fernando diz que ainda está com fome e que quer comer mais alguma coisa. Xênia diz então para ele escolher o que quer comer. Ele olha o cardápio e diz “*vou pedir outra porção de bolinhas de queijo*”. Xênia se vira então para o marido e diz: “*não quero isto não, pede batata frita com queijo*”. E assim foi.

Fernando revela “quase” se irritar com essas atitudes de Xênia, porém, possui uma forma mais tranquila para lidar com a esposa e me relatou que preferia ceder aos pedidos de Xênia ao ter que enfrentar seu mau humor. Conta num tom de ironia as solicitações da esposa.

*“Para você ter uma idéia, ela se deita todas as noites e começa: - Fernando, pega água pra mim, aproveita e vê se as portas e as janelas estão trancadas”. “Pega uma meia pra mim”, “bota a meia no meu pé”, “atende o telefone”.*

O que se pode perceber de Fernando é que ele é um homem formal, discreto, ponderado e segundo ele, criado para “*ser o reizinho*”. Xênia é informal, me recebeu de moletom “surrado” quando nos conhecemos e ainda foi vestida assim até o supermercado, fala sem medir as palavras. “*Ela é sempre assim, não muda*” cita Fernando. Se olharmos para este casal, com uma visão tradicional heteronormativa, poderemos identificar ver uma inversão de papéis sexuais aonde a mulher parece ser o homem e o homem a mulher.

Sob a ótica de uma leitura igualitária percebe-se, porém que Xênia, há muito, abandonou o estigma feminista da “mulherzinha”, do sexo frágil, da dona de casa. Criada sob o crivo de uma mãe que desde cedo não pode contar com a ajuda do marido, lutou e se impôs como comerciante e como mulher independente. Segundo seu relato, escutou uma vida inteira do “*homem da casa*”, sua mãe, que deveria “*se virar sozinha pelo mundo sem depender de homem algum*”. Xênia é uma figura com autoridade, decidida, desapegada de uma vaidade imposta secularmente às mulheres. Não gosta de pintura, não usa batom, usa roupas confortáveis e não se importa se o vizinho vai julgá-la por sair de moletom pela rua.

Outra característica de Xênia é que possui o maior salário da casa e custeia a maior parte das despesas.

*“Dona do maior salário da casa, dona de seu apartamento, dona do carro do casal e de custear a maioria das despesas fixas da casa, também foi a responsável financeira que contratou a obra e transformou seu velho apartamento, numa moderna e luxuosa moradia, com direito a TVs de LCD, móveis planejados em todos os cômodos por arquiteta, decoração de primeira e ainda, vários aparelhos tecnológicos em todos os locais da casa”. (Diário de Campo)*

Já Fernando, criado sob a ótica de uma mãe que o educou dentro das “*boas maneiras*”, aprendendo línguas, música, etiqueta e a se intelectualizar, se libertou das amarras que colocam o homem como o “macho alfa” ou como o comandante.

Os incômodos percebidos por mim em Fernando me parecem ter a ver com o fato de que, perante a sociedade, ele ainda se envergonha de ter uma postura mais passiva e que até então, historicamente, pertenceria às mulheres. Ambos constroem sua conjugalidade com respeito, mesmo quando Xênia procura tentar impor alguma questão, Fernando busca negociar e ao ceder, fica claro para mim que visualizou algum ganho em sua atitude.

Fiquei ali observando esta “nova maneira” de Xênia conversar sobre e com Fernando e fiquei pensando o quanto não havia ali de uma sedução através de um “jogo de interesses”, já que a meta principal de Xênia naquele momento de sua vida era se tornar mãe a qualquer custo. Fernando, apesar de nunca ter dito não ao fato de se tornar pai, deixava claramente explícito que isto o incomodava e não estava definitivamente em seus planos atuais nem futuros. Ao mudar a forma de lidar com Fernando ele fica mais aberto para escutar Xênia inclusive em suas solicitações sobre gerar um filho. A “ vaidade masculina” aparece aqui de maneira contundente e esse jogo de sedução, a mulher do casal parece saber conduzir bem, para continuar no comando, sabendo e buscando o que deseja.

Mesmo não sabendo o que seria da sua vida nos próximos meses e anos, mesmo sem saber aonde chegaria a sua carreira profissional com os novos rumos, ainda assim, Fernando optou claramente pelo fato de “*pagar o preço necessário para não perder meu casamento*” comenta.

Compreendo desta fala de Fernando que o fato de “*pagar o preço*” refere-se ao fato que a parceria com Xênia trouxe tranquilidade em sua vida. Além disso, as comodidades que encontra por morar num belo apartamento, possuir um carro de primeira e não ter que se importar com muita coisa além de seus estudos e trabalho faz com que Fernando creia que ser pai, apesar de não desejado, ainda é algo que pode ser vantajoso em sua vida. Fernando não cede por simplesmente ceder. Ele sabe o que faz e Xênia também; se entendem, portanto nesta trama que compõe a forma de ser deste casal.

“*Porque naquele momento que te conheci sabia que tinha encontrado meu par perfeito*”. (Manoel)

Manoela e Manoel se caracterizam por construir sua identidade conjugal a partir de uma série de elementos de reciprocidade como, por exemplo, o fato de valorizar a formação cultural um do outro.

*“Não aceitaria um namorado que não tivesse no mínimo, uma pós-graduação”* cita Manoela.

*“Não exigi formação acadêmica da Manoela, mas gosto de mulheres inteligentes”* diz Manoel.

*“E se você descobre que sua mulher não gosta de ler? Eu adoro ler e gosto de discutir com pessoas sobre leituras”.* (Manoel)

Outro fator que agrega este casal na construção da sua conjugalidade passa por uma divisão sistemática de tarefas e despesas. Tal atitude reforça a afirmação de Heilborn (2004), de que “a ênfase na paridade da divisão do trabalho doméstico é crucial para o entendimento do arranjo conjugal moderno” (p. 113).

Desde o início da relação, combinaram que dividiriam tudo. Possuem estabilidade financeira, uma casa e um apartamento próprios, dois carros quitados, aparelhos tecnológicos objeto de desejo de ambos, economizam para viajar algumas vezes por ano no Brasil, nos últimos dois anos economizam para passarem uma temporada de férias no exterior, possuem um plano não urgente de comprar, no futuro, o lote que existe ao lado da casa do condomínio para ampliarem seu espaço de lazer. Além disso, Manoel possui uma aposentadoria segura devido ao emprego de funcionário público federal enquanto Manoela aposta em sua aposentadoria privada.

*“Cada um tem seu próprio carro aqui, dividimos despesas, tarefas da casa, cuidados ao filho. Nosso apartamento foi dividido meio a meio, peguei metade e Manoel a outra. Ambos trabalham, não vejo porque ser diferente”.* (Manoel)

Percebo na fala de Manoela, uma afirmativa por parte da mesma, de que o casal preza pela divisão das despesas. Em momentos posteriores, pude verificar que dividiam outras coisas além das despesas. Estavam se revelando um casal que procura viver de maneira igualitária.

O universo virtual<sup>52</sup> também é um fator de união e construção conjugal, a Internet faz parte de suas vidas para fazer compras, pagar carnês, acessar bancos, e se comunicarem com o mundo. Foi também pelo mundo virtual que se conheceram e começaram um namoro que, tempos depois, se transformaria em casamento.

A Internet, figura tão importante na vida desses dois, foi o meio pelo qual se conheceram através do *site* de relacionamento “ParPerfeito”. Manoela cita de maneira debochada: “*comprei este ai numa promoção*”. O *site* ofereceu durante um período a utilização gratuita de todos os seus serviços e foi neste momento que, solteiros, e querendo compreender o que um *site* de relacionamentos podia trazer para a vida de ambos, inscreverem-se e se conheceram.

“*Levantei (via internet) todos os dados do Manoel, como os clubes que fazia parte, sindicatos, CPF e tudo mais que pude na época*”. (Manoela)

“*Afinal de contas quando você vai a uma boate, pode ir no intuito de curtir uma sacanagem ou de ir para arrumar algo sério não é? A Internet não é um lugar diferente pois podemos entrar em sites para ficar de sacanagem ou entrar em outros para arrumar algo mais duradouro*” conta Manoel.

Tudo se deu no salão de festas do apartamento do centro, muitos enfeites, mesas de balas, lembrancinhas, fantasias, máscaras, tudo comprado via Internet segundo Manoela.

Manoela entra no assunto e diz que já estão procurando na Internet pelos melhores preços dos vãos e dos hotéis.

Passa-me a impressão de que o fato de terem sido “adquiridos” numa “compra virtual” aonde ambos puderam ler as “características do produto” antes de “consumi-los”, fez com que esses tivessem um nível de entrosamento acima da média percebida, não só nos casais que participaram desta etnografia, mas também da maioria dos casais que frequentam semanalmente meu consultório de psicologia.

A Internet como uma rede mundial, propaga a democracia da informação estreitando o conhecimento e fomentando o relacionamento entre indivíduos, como não podia deixar de ser. Segundo Lopes (2001), a importância está, não em propagá-la como veículo liberal de informação, mas sim, em percebê-la como condutor social e difusor de informações. Portanto, se há maior dinâmica cultural onde indivíduos possam se relacionar existe, também, uma maior probabilidade de os mesmos se encontrarem por meio da interatividade.

---

<sup>52</sup> A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus* e que significa força, potência. (LÉVY, 1996)

Outras afinidades, as quais aqui denominei de “um *Ballet* bem ensaiado”, também se encontram presentes:

Após terminarmos o café, tiraram a mesa e o *ballet* ensaiado inicia-se com uma sequência de recolher pratos, talheres e xícaras, lavar as louças, secá-las, limpar a mesa e subir, com as bagagens, inclusive a minha, para o segundo andar.

E o *ballet* do casal continuava, porém Manoela estava mais nervosa, falando em tom mais elevado, ainda assim, a dupla era perfeita na organização.

Trata-se, portanto de um casal “maduro”, que através de diálogo e de terem suas regras colocadas às “claras” um para o outro, desenvolveram uma forma de se relacionar aonde ambos satisfazem suas necessidades de sobrevivência. São felizes juntos.

“Como casal, até aquele momento se revelaram muito gentis um com o outro, são atenciosos, cúmplices, trocam olhares que falam entre si, são amorosos, dizem muito “*meu amor*”, “*amor da minha vida*”, “*eu te amo*”, abrem sorrisos constantes e se beijam muito. São namoradores.” (Diário de campo.)

Ainda assim, existe, como na maioria dos casais determinados, pontos de desavença. O filho de Manoel seria um desses pontos.

Ficou claro que ali há um ponto de desentendimento do casal. Manoela não interfere na criação de Tomás, e Manoel, que teoricamente deveria conduzir os problemas de relacionamento entre os irmãos, mantém-se indeciso sobre tomar algum partido ou mesmo botar ordem na situação. (Diário de campo)

Durante o tempo que etnografei esta casa pude concluir que Manoel é do mar, do silêncio, da ponderação, Manoela porém é da terra, do som, da precipitação, e ainda assim, apesar dos antônimos, percebo uma forte intersessão que os une por diversos valores de igualdade. Percebo respeito em suas individualidades. Lembrei-me de que quando Manoela começa a reclamar, falar mais alto ou mudar de humor, Manoel fica em silêncio e passado aquele momento tudo volta a

transitar como antes. Vejo aqui a possibilidade de falar de conjugalidades igualitárias, sem que cada indivíduo, membro desta união necessite abrir mão de sua identidade pessoal.

Sobre Maria e Rafaela, com toda certeza, trata-se do casal mais tímido, aquele que precisou ser conquistado com muito respeito e paciência, através de conversar mais leves e entradas suaves nas situações mais íntimas e que começou a se comunicar somente após se sentirem seguras. Foi por intermédio dos assuntos que giraram em torno da “música” que conseguimos encontrar um elemento chave que nos ligasse para uma abertura maior nas outras temáticas de vida do casal.

Portanto é citando a música que parto para identificar os pontos em comum que unem e criam a identidade deste casal. Conheceram-se através dela e hoje, mesmo reconhecendo as dificuldades que a vida de um artista impõe, trabalham para se firmarem no mercado de trabalho com suas artes.

Com as suas falas, ficou claro que elas estão sempre juntas, presente nas noites de trabalho uma da outra o tempo todo. A música, as noitadas e a cerveja eram um ponto de encontro comum ao casal que revelavam a mim, os primeiros elos de contato que construíram sua conjugalidade. (Diário de Campo)

São muito unidas e percebe-se claramente que Maria toma para si o comando da casa. Financeiramente é ela que cuida da maioria das despesas. Além disso, age sempre no sentido de proteger a parceira e orientar as ações. Apesar deste comando, a meu ver, este não se traduz em opressão, uma dominação que inferiorize a parceira. Maria não oprime sua parceira quando, por exemplo, chama a sua atenção para “agir mais”, vejo em suas palavras, um estímulo para que a parceira cresça e torna-se perceptível uma pronta aceitação de Rafaela, que gosta de ser uma figura mais passiva na relação.

Deste primeiro momento o que percebi é que Maria é a chefe da casa. Tem as atitudes mais ativas, é a que orienta, dá as dicas e paga as contas do casal. No bar foi a que pediu a notinha ao garçom e a que sacou o dinheiro enquanto Rafaela não se manifestou. (Diário de campo)

Durante o evento Maria foi quem comprou as latinhas de cerveja, perguntou se a parceira estava com fome, comprou comida, protegeu Rafaela das “encoxadas” alheias, marcou o território contra os “inimigos” e era quem

chamava a companheira para dançar em determinadas músicas. (Diário de campo)

*“Tenho condições de bancar nós duas”,* porém isto, diz, está deixando a parceira muito sem compromisso com nada. (Maria)

Na fala de Rafaela podemos verificar que esta autonomia e que a gestão de Maria sobre a casa não a perturba, pelo contrário, se sente acolhida.

Disse que estar casada com Maria é uma das bênçãos que ocorreu em sua vida, pois a parceira a incentiva, a patrocina, a acolhe e em momentos que não sabe bem o que pensar ou fazer tem a segurança de poder contar com a presença de Maria ao seu lado. (Diário de campo – Relato de Rafaela)

Rafaela se acolhe nos braços de Maria e diz que quer ajudar mais em casa pagando as coisas. Maria a interrompe e diz: *“sei que você vai ajudar em breve, precisa de arrumar um emprego melhor ou fazer algum curso, sei lá”*. (Diário de campo)

Pareceu-me, portanto, um casal que vem amadurecendo suas questões conjugais e que, aos poucos, vão abandonando a juventude e as vivências adolescentes para entrarem no universo das mulheres e dos casais adultos.

O casal Eliéu e Orlando, juntamente com o Casal Manoel e Manoela são os mais visivelmente românticos. Orlando é tímido, falava baixo, ria discretamente, procurava chamar pouca atenção, e para se comunicar durante nossas conversas precisou, na maioria das vezes, de ser instigado. Eliéu é o contrário, não para de falar, fala alto, gesticula muito, é seguro de si, mostrou durante as entrevistas que a vida o ensinou a lidar com o preconceito dos outros.

São afetuosos, delicados um com outro e parecem preocupados com o bem estar de cada um. Ouvi frases trocadas de *“como foi o seu dia?”* e a pergunta inversa *“e o seu como está?”*. (Diário de Campo)

É também o casal mais bem produzido, cabelos arrumados, unhas perfeitas, combinação de cores das roupas e perfumes marcantes. Também convivem na frente de enormes espelhos todos os dias. Além disso, são bem humorados quase o tempo todo.

Eliéu vira-se para o companheiro, pega um esmalte e diz em tom irônico: “*você vai querer fazer uma francesinha ou algum outro tipo de unha?*”. Orlando responde também em tom irônico: “*vou querer uma espanhola*”.

Outro ponto que os une em sua conjugalidade é o fato de se considerarem um casal tradicional.

“*Não gosto de pegar e de levar pra casa não, eu gosto da coisa do namoro, da conquista*”, para Eliéu, que se intitula “*uma pessoa tradicional*”, tem que haver um namoro [...] “*Só pego na mão no terceiro dia de namoro*” afirma Eliéu.

Intitulam-se um casal tradicional, com sonhos de se estabelecerem financeiramente, de envelhecerem juntos, no acordo que fizeram para morarem juntos, nada de relacionamento aberto, como acontece com muitos de seus amigos. (Diário de Campo)

Quanto à divisão das despesas da casa, ambos colaboram, cada um de seu jeito, para o bom funcionamento do lar.

A divisão do dinheiro do casal se dá da seguinte maneira: o pagamento de Orlando que é recebido mensalmente com dia certo é utilizado para quitar as despesas fixas da casa e o dinheiro de Eliéu, que vai sendo ganho diariamente, paga o supermercado, as saídas. Eliéu brinca: “*tem dia que eu chego e casa e falo que só vai ter pão com margarina*” (risos).

Em sua relação, não percebo em momento algum uma dominação de um parceiro sobre o outro. É perceptível que Eliéu comanda as conversas, porém não interpretei como algo que se refere a algum tipo de opressão, mas sim por ter um poder de comunicação muito desenvolvido em contrapartida a um jovem tímido que está começando a viver numa cultura diferente à sua origem. O que se verifica é que Orlando, por ser mais velho, é que tende a ensinar os “bons modos de ser” e passar suas experiências de vida para o parceiro tornando-se com isto, um “meio professor” ou um tanto paternal.

Orlando, que é um “*taurino*” e por conta disso “*lento do raciocínio*”, é “*muito avoado nas questões do dia a dia*” se esquecendo de tampar o pote de biscoito, deixando o açúcar destampado, não “*jogando uma aguinha*” no prato e nos talheres após acabar de comer ou mesmo largando as roupas jogadas de qualquer maneira em cima da cama. (Eliéu citando Orlando)

“*Ele é daqueles que fica na Internet e não fala e não interage com ninguém em volta*” diz o parceiro. (Eliéu citando Orlando)

Com tanta riqueza de relatos, histórias e símbolos que todos os casais puderam me proporcionar, percebo a importância de se ater aos mínimos detalhes que me foram passados durante a convivência com meus nativos e que podem, por uma falha etnográfica, passarem despercebidos. Da Matta (1978) e Geertz (1989) já afirmavam esta percepção da subjetividade, daquilo que vai além do observável, do óbvio e que pode ser a diferença entre manter-se na superficialidade ou aprofundá-la. Fica, portanto, para mim, o fato de que uma conjugalidade se constrói por uma série de valores e muitas vezes, aquilo que nos referimos como coisas do cotidiano ou corriqueiras, podem estar revelando os reais pontos de construção conjugal de um par.

Manoela e Manoel, por exemplo, estavam de acordo que não entrariam em certas partes de sua casa com calçados. Porque então nenhum deles me chamou a atenção quando eu entrei? Fica claro que, mesmo incomodados tinham a postura de não se pronunciarem sobre o meu erro e mais, havia em ambos certo sarcasmo pela minha demora na percepção deste fato. Portanto, havia uma regra conjugal que se desdobrava em outras séries de atitudes de cumplicidade. Tais atitudes que são abarcadas por ambos são construções igualitárias deste casal. Em Maria e Rafaela, apesar da primeira cobrar da parceira uma maior participação na organização da casa, ambas são relapsas para o cumprimento de horários e compromissos. Descrevi por algumas vezes no diário de campo este “modo de agir” das duas:

Estavam sempre atrasadas e desmarcaram por uma série de vezes nossos encontros.

Era um sábado à tarde, o céu azul e calor estavam convidativos para um lugar como aquele. Marcamos de nos encontrar às 16 horas, mas já eram quase 16:30 e nada.

Marcamos para segunda às 13 horas da tarde. [...] Segunda, 13 horas e 27 minutos contados ansiosamente no relógio. Lá estava o meu último casal entrevistado. Havíamos combinado que este (encontro) seria em sua casa, porém, poucos dias antes Rafaela cancela nosso compromisso e o adia para a semana seguinte.

Domingo de noite, véspera de ver o casal e mais uma ligação avisando que não seria mais possível nos encontrar na segunda no final do dia, pois estavam cansadas do “*final de semana puxado*” que tiveram.

O casal Fernando e Xênia, por exemplo, dividem características como o fato de não terem ciúmes um do outro. Convivendo com eles, não se percebe em suas falas este sentimento. Outra atitude similar é de que não possuem fotos pela casa. Nem em seus espaços pessoais como as bancadas de estudo, trazem este elemento visual. E a percepção fica clara que não se trata de nenhuma imposição e sim de afinidade de atitudes.

Entre Eliéu e Orlando podemos citar, por exemplo, a questão da vaidade de ambos, da preocupação com o fato de sempre perguntarem como foi o dia do parceiro e com a troca de gentilezas verbalizadas constantemente (sendo este último caso bastante presente entre Manoela e Manoel e Maria e Rafaela).

Portanto, o que se observa é que os aspectos formadores da conjugalidade nesses casais se dão, com o passar dos anos, através da soma dos elementos explícitos que são facilmente reconhecidos, e também, por leituras subjetivas que trazem as questões simbólicas formando e solidificando suas identidades. A casa que decoram passo a passo desde a mudança, as interseções que vão sendo percebidas e transformadas em atos conjuntos, a construção da chegada de um filho e as alianças, consolidam a ligação afetiva e o compromisso com um contrato de sociedade entre ambos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fiquei um pouco bravo com esta cena pensando comigo mesmo: “*poxa, eles podiam ter me dado este toque!*”, mas logo depois o etnógrafo que existe em mim cobrou: “*você está aqui para aprender a língua deles, se vira!*”. (Diário de campo)

Este trabalho buscou compreender, dentro de um recorte de quatro casais de camadas médias, a construção contemporânea da conjugalidade entre os mesmos. Para isto partimos inicialmente para a pesquisa de três eixos principais de discussões teóricas: os estudos de gênero e sexualidade; definições entre família e parentesco e as construções de conjugalidade e monogamia. Com as leituras obtidas e através do contato com esses casais, novos questionamentos foram surgindo através de perguntas que, a meu ver, foram fundamentais para o desencadeamento da pesquisa e que serviriam também como fonte instigadora para a busca de futuras respostas. E a questão da construção de papéis sociais de gênero? Existe uma divisão dos papéis baseado em gênero, no sentido de que há uma demarcação de controle? De comando? Não necessariamente do homem ou masculina? E com mais esses novos questionamentos fomos atrás das repostas.

Em cada casal etnografado pudemos observar como se deu esta relação social que os uniu como pares. Observamos a gestão de suas sexualidades e o quanto cada um, a seu modo, procura por um vínculo que ultrapassa o laço social da conjugalidade e se dirige para a construção de um laço parental, seja através da idéia da geração de descendentes, seja através dos laços de convivência, afeto e aceitação por parte das famílias dos cônjuges. Ultrapassando os velhos conceitos biológicos, a parentalidade se revelou como uma opção que trouxe conforto e maiores vínculos entre os pares deste estudo.

Fica visível também que a relação da divisão dos papéis sociais dentro de cada casal ultrapassa a questão do gênero, ou da hierarquia na relação de gênero, ou mesmo da “supremacia histórica” do homem comandando e a mulher sendo comandada. Sim, eles possuem hierarquias de comando e estabelecem relações utilizando-se desta hierarquia que pode ser mais discreta num casal, como é o caso do casal Manoela e Manoel e mais acentuada em outro, como é o caso do casal Fernando e Xênia que, contrariando a antiga tradição dos “homens no comando” traz uma mulher, Xênia, como figura de poder dentro da casa. No casal Maria e Rafaela, podemos detectar,

por exemplo, que a relação de comando que existe da primeira sobre a segunda, passa por questões financeiras num primeiro momento. Porém apesar de Maria ser a tutora financeira do casal, tal hierarquia se firma também por um querer de cada uma em ocupar a posição que lhe convém, não sendo percebido, portanto, que tal relação social, seja construída em cima de opressão ou da subordinação de uma em relação a outra. Em Orlando e Eliéu percebe-se que há uma hierarquização no sentido de que Eliéu, por ter mais idade que o parceiro e por ser mais intelectualizado que este busca tratá-lo muitas vezes, como um aprendiz. No decorrer dos encontros, fica explícito certo incomodo de Orlando quanto à atitude do marido. Ainda assim, dividem razoavelmente as tarefas da casa, as obrigações do cotidiano e as decisões que precisam tomar em conjunto. Nem ao longe, me fizeram lembrar modelos heteronormativos que tanto prevaleceram historicamente entre os casais até a pouco mais de uma década em nossa sociedade ocidental. Revelam-se contemporâneos de uma recente maneira de viver a relação conjugal.

Outro dado relevante é o fato de que as diferenças na construção da conjugalidade ultrapassam essas comparações do senso comum de casal “hétero” *versus* casal “homo”, pois o que se percebe é que as pessoas são diferentes de tantas maneiras e que há tantas maneiras de se relacionarem, que colocar tal dicotomia para justificar padrões de diferenças entre os casais enfraqueceria o argumento deste trabalho. As diferenciações percebidas aqui entre os quatro casais pesquisados e as diferenciações entre os indivíduos que se relacionam na conjugalidade são construídas muito mais por questões financeiras, intelectuais, cronológicas ou essas diferenciações se dão por aceitação, por conformidade, por conforto, por contrato, através de diálogo, este, sempre visível entre todos os casais desta etnografia; e menos pela diferença homo *versus* hetero ou feminino *versus* masculino. Percebe-se claramente que o que faz de um casal, casal, o que constrói a conjugalidade do mesmo, é mais do que ser um homem ou ser uma mulher, e também que cada um desses pares, constrói, ao seu modo, seu padrão de conjugalidade.

Outros padrões verificados e que são fatores consideravelmente importantes para a construção de um casal conjugal, pôde ser verificado nas etnografias através da cumplicidade, das manias em comum, das ações conjuntas e “ensaiadas” muitas vezes citadas por mim como se fossem um “*ballet*” e que confirmam pontos de intersessão que fazem com que o casal se afirme como tal. O que ficou evidente é que, com o tempo de convivência, cada casal assume posturas que são comuns a ambos. Podemos citar aqui, por exemplo, a intolerância do casal Xênia e

Fernando a atrasos e os constantes atrasos do casal Maria e Rafaela. Os desejos, sonhos e planos em comum também são fortes agentes de união entre tais casais.

A fidelidade foi um ponto também que apareceu como importante para a união desses casais. Na dupla lésbica e na dupla *gay* esta afirmativa ficou ainda mais evidente. Ambas frisaram em mais de um momento que este seria um ponto essencial para a existência do casal. Concordo com a afirmativa de Giddens (1993) que afirma que os casais em suas novas concepções buscam um maior compromisso e uma maior intimidade, gerando um processo de relacionamento aonde ambos se colocam em seus desejos e sentimentos de maneira mais democrática. Este equilíbrio de comunicação, segundo o autor, geraria uma maior estabilidade no casal visto que este possuiria uma maior poder de negociação e reivindicação por parte de cada um dos membros.

Percebo, portanto nesses casais, que aqui representam uma parcela da sociedade, um grupo que quer estabelecer uma união conjugal de fidelidade, amizade, cumplicidade e dentro do possível, de igualdade. Trata-se de casais que se encontram na busca de construir laços mais profundos que gerem vínculos, inclusive os legais, independentes de suas relações de gênero. Buscam igualdade de direitos e respeito social. É evidente, que o reconhecimento do Estado, trás benefícios aos casados sob sua égide, e que, portanto, tais casais lutam também para adquiri-los.

Ressalto ainda, assistindo a esses quatro casais, a questão da desigualdade social ao compararmos o reconhecimento de direitos dos casais homossexuais em relação aos casais heterossexuais aonde ainda há uma grande lacuna aberta e que discrimina os casais homossexuais, mesmo com todas as conquistas adquiridas nos últimos tempos.

Sahlins (2003) nos lembra que todas as formas de organização social possuem como fundamento uma ordem simbólica, não estática e mesmo que dentro de uma subjetividade, mantém dentro da realidade. Portanto existe uma moeda para o amor, para a política, para o sexo e para cada um desses itens, esta sociedade cria normas, condutas e mecanismos punitivos para quem quebrar tais regras. E assim, o que está fora da ordem estabelecida de uma época torna-se tabu e não faz parte daquele contexto histórico, pois é subversivo a ele. Encerrando-se um tabu, encerram-se também todos os mitos que estão associados a ele e aquela situação até então marginal, deixa de ser pretexto para se transformar em contexto e, portanto em história.

E assim é com nossos casais heterossexuais e homossexuais, que vão quebrando regras, trazendo novos formatos de existirem como um par, criando maneiras de se afirmarem como famílias, subvertendo ou reafirmando e reificando ordem social. Buscam e exigem que seus

direitos sejam reconhecidos pelo Estado e portanto, mesmo de maneira lenta e gradativa, vão também, escrevendo história.

Entendo que o que faz de um casal um par conjugal na contemporaneidade é a liberdade de escolha. Enxergo que a dominação masculina, ao menos nas camadas médias, caminha para um processo de diminuição, quiçá extinção em um futuro ainda um pouco distante. As afinidades, ideologias, manias e atitudes seguem para um contrato, aonde ambas as partes aceitam “jogar o jogo” de ser casal. Percebo que aquilo que aparece como dominação<sup>53</sup> de um sobre o outro ou atitudes que lembram, independente do sexo dos cônjuges, um processo de subordinação, fazem parte de um contrato com regras flexíveis e democráticas.

Portanto, quando avalio os casais igualitários muitas vezes retratado neste trabalho, o vejo mais como um casal democrático. Penso que a igualdade não deve ser vista como divisão igualitária de direitos e deveres como sugere Heilborn (2004) ao citar que “a ênfase na paridade da divisão do trabalho doméstico é crucial para o entendimento do arranjo conjugal moderno” (p. 113). Acredito que o equilíbrio do casal se dê de maneira, íntima, pessoal, subjetiva, criada através das regras que o próprio casal formula. Percebo então a dificuldade de categorizar um casal como igualitário, mas importa mais destacar que é no cotidiano desses casais e na percepção de satisfação dos indivíduos que formam os casais, que pode ser observado se há ou não um acordo satisfatório para cada um que vivencia a relação conjugal.

---

<sup>53</sup> Ilustrando as considerações finais deste trabalho, recorro as observações de Maria Filomena Gregori em seu livro *“Cenas e Queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista”*, sobre a questão da dominação e da opressão da mulher numa relação e as maneira como cada uma elabora suas vivências: *“A maioria dos estudos sobre a mulher, inclusive o meu, constataram que as mulheres vivem e se relacionam de maneiras diferentes com o fato de serem oprimidas. Não é suficiente chegar a esta conclusão. Nem basta afirmar que o processo de dominação é uma trama complexa e difícil de ser deslindada e de ser decomposta. É preciso, pois, desenvolver novas linhas de investigação que sejam capazes de apreender as transformações culturais que culminam em modificações nas relações de gênero”*. (GREGORI, 1993, p. 199)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- AZEVEDO, Thales de. *As regras do namoro à antiga: aproximações socioculturais*. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- BARROS, Myriam Moraes Lins de. *Três gerações femininas em famílias de camadas médias*. In VELHO, Gilberto & DUARTE, Luis Fernando Dias (orgs). *Gerações, família e sexualidade*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BERALDO DE OLIVEIRA, Marcella. *Da Delegacia de Defesa da Mulher ao Juizado Especial Criminal: significados da violência de gênero no fluxo processual*. In: Debert, Guita Grin; Gregori, Maria Filomena; Beraldo de Oliveira, Marcella. (Org.). *Gênero, família e gerações: Juizado Especial Criminal e tribunal do Júri*. Gênero, família e gerações: Juizado Especial Criminal e tribunal do Júri. Campinas: Pagu / Núcleo de Estudos de Gênero da unicamp, 2008, v. , p. 15-49.
- BERALDO DE OLIVEIRA, Marcella; DEBERT, Guita Grin. Os modelos conciliatórios de solução de conflitos e a violência doméstica. *Cadernos Pagu* (UNICAMP. Impresso), v. 29, p. 305-337, 2007.
- BERQUÓ, Elza. *Pirâmide da solidão*. Nepo/Unicamp, mimeo., 1986.
- BOURDIEU, Pierre. *O espírito de família*. In: *Razões práticas. Sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus. 1996.
- BRASIL. *PLS 612/2011*. PORTAL Atividade Legislativa. Acesso em 30/06/2012. [http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p\\_cod\\_mate=102589](http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p_cod_mate=102589)

- BRASIL. *União estável entre pessoas do mesmo sexo aprovada em comissão*. AGÊNCIA SENADO. Acesso em 30/06/2012. <http://www12.senado.gov.br/noticias/materias/2012/05/24/codigo-civil-podera-incluir-legalidade-de-uniao-estavel-entre-pessoas-do-mesmo-sexo>
- BUTLER, Judith. *O parentesco é sempre tido como heterossexual?* In Cadernos Pagu, v. 21, p. 219 – 260, 2003a.
- \_\_\_\_\_, Judith. *Problemas de Gênero – Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003b.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever*. In: Revista de antropologia, vol. 39, no 1. São Paulo: USP, 1996.
- CORRÊA, Mariza. *Repensando a família patriarcal brasileira*. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, n. 37, maio, 1981. Disponível em <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15741981000200001&lng=es&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15741981000200001&lng=es&nrm=iso)>. acessado em 03 jul. 2012.
- DA MATTA, Roberto *O ofício de etnólogo, ou como ter "Anthropological Blues"*. In E. de O. Nunes (org). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978.
- \_\_\_\_\_, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- DEBERT, Guita Grin. *Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral*. In *A Aventura Antropológica. Teoria e Pesquisa*. CARDOSO, Ruth C. L. (org.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 141-156, 1986.
- DUMONT, Louis. *Homo hierarchichus: o sistema de castas e suas implicações*. São Paulo: EDUSP, 1992.

DURHAM, Eunice Ribeiro. *A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas*. In CARDOSO, R. C. L. (Org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p.17- 37, 2004.

\_\_\_\_\_, Eunice Ribeiro. *Família e Casamento*. Anais do III encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1982. Disponível em:  
<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1982/T82V1A002.pdf> Acesso em: 04 de julho de 2012.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos Homens: do amor e outros ensaios*. Tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DUTRA, Rogéria Campos de Almeida. *Família e redes sociais: um estudo sobre as práticas e estilos alimentares no meio urbano*. Rio de Janeiro, 2007. 303 p. Tese (Programa de Pós-Graduação / Museu Nacional – Doutorado – UFRJ).

ENGELS, Friedrich. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. 13.ed, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1995.

FONSECA, Cláudia. *Amor e família: vacas sagradas da nossa época*. In: RIBEIRO, Ivete, RIBEIRO, Ana Clara (org.). *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995a.

\_\_\_\_\_. *Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica*. *Saúde e Sociedade* 2005; 14(2):50-59.

\_\_\_\_\_. *De família, reprodução e parentesco: algumas considerações*. *Cadernos Pagú* (29), julho-dezembro de 2007:9-35.

- \_\_\_\_\_. “Uma genealogia do gênero”. Paper apresentado no seminário Pesquisando gênero: histórias e tendências, organizado pelo Grupo Família e Gênero (FAGES) da Universidade Federal de Pernambuco, 1995b.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil – 2: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano* / Gilberto Freyre; ilustrações de Lula Cardoso Ayres, M. Bandeira, Carlos Leão e do autor. – 8ª.ed. – Rio de Janeiro: Record, 1990.
- FREUD, Sigmund. (1976). *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise: feminilidade*. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. 22, pp. 139-165). Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Trabalho original publicado em 1933).
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Unesp, 1993.
- GREGORI, Maria Filomena. *Cenas e Queixas: Um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista*. São Paulo: Paz e Terra/Anpocs, 1993.
- GROSSI, Miriam Pillar. *Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil*. Cadernos Pagu. n.21, 2003.
- GROSSI, Miriam; HEILBORN, Maria Luiza e RIAL, Carmen. *Entrevista com Joan Wallach Scott*. In Revista Estudos Feministas, Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ, VOL6. N.1, 1998.
- HEILBORN, Maria Luiza. *De que gênero estamos falando?* In: Sexualidade, Gênero e Sociedade. Ano 1, n.2 CEPESC/IMS/UERJ, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

IBGE. *IBGE inicia contagem regressiva para o Censo 2010*. Acessado em 01 de outubro de 2012,  
[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=1602&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1602&id_pagina=1)

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Ed. 34, 1996.

LÉVI-STRAUSS, C. *As estruturas elementares do parentesco*. Tradução: Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1982.

LOPES, Humberto P. *Os relacionamentos virtuais: como se constroem laços fortes*. In: I ENCONTRO DE COMUNICAÇÃO, MÍDIA E DEMOCRACIA, 2001, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: FACULDADE 7 de SETEMBRO, 2001, p. 1-12

MALINOWSKI, Bronislaw. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Edusp, 1974. v. 2, p. 49-209.

MEAD, Margaret. *Sexo e Temperamento*. São Paulo: Perspectiva. 1988.

MOORE, Henrietta L. “*Understanding sex and gender*”. In: Tim Gold (ed.). *Companion Encyclopedia of Anthropology*. Londres, Routledge, 1997.

MOREIRA, Renato Jardim. *A História de Vida na Pesquisa Sociológica*. Sociologia, Vol. XV, nº 1. São Paulo, 1953.

MULHERES DE CHICO. Acessado em 17 de abril. 2012. <http://www.mulheresdechico.com.br>

NASCIMENTO, Ana Cláudia do. *Mulher, Família e Assistência Social*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

- ORTNER, Sherry. “*Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?*” In: ROSALDO, Michelle e LAMPHERE, Louise. *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- PISCITELLI, Adriana. *Nas Fronteiras do “Natural”*: Comentários sobre Gênero e Parentesco no Debate Feminista Contemporâneo. Texto apresentado no XX Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, mimeo, 1996.
- RADCLIFFE-BROWN - *Sistemas Políticos Africanos de Parentesco e Casamento*. Org. Julio Cezar Melatti. São Paulo: Ática, 1978.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- ROSALDO, Michelle Z. *O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural*. Revista Horizontes Antropológicos – Gênero, PPGAS/UFGRS, Porto Alegre, ano 1, no. 1, 1995.
- ROSALDO, Michelle; LAMPHERE, Louise. *A Mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- RUBIN, Gayle. *El tráfico de mujeres: notas sobre la “economía política” del sexo*. Nueva Antropología, Vol.VIII, N.30. México, 1986.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- SCOTT, Joan. “*Gênero: uma categoria útil de análise histórica*”. In. Educação e Realidade, v. 20, jul./dez. Porto Alegre, 1995.
- Site ParPerfeito. Acessado em 02 ago. 2010. <http://www.parperfeito.com.br>
- VELHO, Gilberto. *Entrevista com Gilberto Velho*. In: Revista Habitus. [On-Line]. Vol.1. N.1. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: < <http://www.ifcs.ufrj.br/~habitus/1velho.htm> > Acesso em: 22 de setembro de 2011.

\_\_\_\_\_. *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*. 4.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

VÍCTORA, C. G., KNAUTH, D. R., HASSEN, M. de N. A. *Pesquisa qualitativa em saúde*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

VIVEIROS DE CASTRO, E. B; ARAÚJO, R. B. *Romeu e Julieta e a Origem do Estado*. In: VELHO (org.) *Arte e Sociedade – Ensaio de Sociologia da Arte*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.